

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA SOCIAL
MESTRADO EM HISTÓRIA SOCIAL

“CONTRA A SEMENTE DA DESORDEM”:
IMPrensa CATÓLICA E FASCISMO
FORTALEZA/CE (1922-1930)

Francisca Rafaela Parga

Fortaleza
2012

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA SOCIAL
MESTRADO EM HISTÓRIA SOCIAL

Francisca Rafaela Parga

“CONTRA A SEMENTE DA DESORDEM”:
IMPrensa CATÓLICA E FASCISMO –
FORTALEZA/CE (1922-1930)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social, da Universidade Federal do Ceará, sob a orientação do Prof. Dr. João Ernani Furtado Filho, como requisito para a obtenção do grau de Mestre em História Social.

Fortaleza
2012

P221c

Parga, Francisca Rafaela.

“Contra a semente da desordem”: imprensa católica e fascismo (1922-1930). / Francisca Rafaela parga. – Fortaleza, 2012.

113f

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Ceará. Pós-Graduação em História Social.

1. Imprensa – Fortaleza – Século XX 2. Fascismo 3. Igreja Católica
I. Título

CDD – 300

Francisca Rafaela Parga

**“CONTRA A SEMENTE DA DESORDEM”:
IMPrensa CATÓLICA E FASCISMO –
FORTALEZA/CE (1922-1930)**

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em História Social, da Universidade Federal do Ceará, como requisito necessário para a obtenção do título de Mestre em História Social.

Aprovada em ___/___/___

Prof. Dr. João Ernani Furtado Filho
(Orientador – Universidade Federal do Ceará)

Prof. Dr. João Rameres Régis
(Universidade Estadual do Ceará – UECE)

Profa. Dra. Adelaide Maria Gonçalves Pereira
(Universidade Federal do Ceará – UFC)

Profa. Dra. Ana Amélia Melo
(Universidade Federal do Ceará – UFC)

RESUMO

A presente pesquisa analisa a percepção do fascismo italiano nas páginas do jornal católico cearense *O Nordeste* (1922-1930). Fundado em Fortaleza no ano de 1922, o diário se destacou no cenário jornalístico local pela postura militante em defesa das demandas da Igreja Católica. A gazeta confessional direcionou críticas ao regime republicano brasileiro em virtude do caráter laico da Administração Pública instituído pela constituição de 1891. Em articulação com a hierarquia eclesiástica e com o movimento leigo construiu uma proposta de reforma institucional para o Brasil. A partir das referências feitas à experiência política italiana, o periódico discutiu concepções de educação, moralidade, manutenção da ordem, interferência na vida particular dos cidadãos, arbitragem entre trabalho e capital e relacionamento entre Igreja e Estado,

Palavras-chave: Imprensa – Igreja Católica – Fascismo.

RÉSUMÉ

Dans cette recherche, on analyse le point de vu du journal catholique du Ceará “*O Nordeste*” à propos du fascisme italien entre 1922 et 1930. Créé à Fortaleza en 1922, ce journal quotidien s’est distingué entre les autres journaux de la ville pour son militantisme en faveur des intérêts de l’Église Catholique. Cette gazette confessionnel a critiqué la forme republicaine de gouvernement brésilienne en fonction de l’aspect laïque du Gouvernement selon la constitution de 1891. À partir d’une articulation établie entre l’hierarchie ecclésiastique et quelques associations laïques, s’est constituée une proposition de reforme institutionnelle pour l’État brésilien. À partir des références faites à la politique italiene de cette époque là, la gazette a discuté quelques sujets comme: l’education, la morale, le maintien de l’ordre, l’ingérence dans la vie privée des citoyens, l’arbitrage entre travail et capital et les relations entre l’Église et l’État.

Mots-clés: Presse – Église Catholique – Fascisme

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	09
CAPÍTULO 1 – CATÓLICOS EM AÇÃO	19
1.1. Atuação da hierarquia eclesiástica.....	19
1.2. “O púlpito moderno”: imprensa católica militante	29
1.3. Intelectuais católicos.	42
CAPÍTULO 2 - IMPRENSA E FASCISMO	51
2.1. “Precisamos de um Mussolini no Brasil” – Um novo paradigma político.....	51
2.2. “Não há césares sem Deusa” – Política religiosa.....	68
CAPÍTULO 3 – FASCISMO: MÚLTIPLAS LEITURAS	88
3.1. “Em bôa terra, a semente sã” - Trabalho.	88
3.2. “A vaidade é um pesadello” - Moralidade	99
3.3. “Remédios e venenos” - Educação	114
CONSIDERAÇÕES FINAIS	122
LISTA DE FONTES.....	125
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	127

INTRODUÇÃO

Ao longo do século XX, em diversas ocasiões, doutrinas autoritárias granjearam visibilidade no cenário político, mormente, em momentos de instabilidade social, econômica e/ou política. Ganham espaço mesmo que seus propósitos sacrifiquem princípios democráticos já estabelecidos, defendendo expurgos em nome da ordem, da estabilidade social, da segurança nacional ou de uma suposta pureza étnico-racial. Algumas dessas ideias, embora engendradas dentro de condições particulares de seu lugar de origem, conseguem atravessar as fronteiras e atrair a atenção de alguns grupos, que as reelaboram e as adéquam ao contexto em que estão inseridos. Como atrativo, oferecem possíveis soluções para o fim das crises e das agitações sociais. Foi assim nos anos que precederam o golpe civil-militar no Brasil em 1964, e em ações semelhantes em países latino-americanos no mesmo período; na ascensão de candidatos polêmicos que defendem um discurso que na maioria das vezes fere os princípios dos direitos humanos ou no considerável desempenho eleitoral de partidos de extrema direita em diversos países da Europa a partir da década de 1990.

O objetivo da presente pesquisa é discutir a percepção da experiência fascista italiana no jornal confessional cearense *O Nordeste*, durante a década de 1920, tendo em vista que as referências a este regime político estavam diretamente associadas às críticas à ordem política do Brasil e à construção de uma proposta de reforma institucional para o país, moldada a partir de uma colaboração entre a Igreja e o Estado.

À época, o país atravessava uma crise institucional de grandes proporções. Diversos segmentos sociais buscavam maior espaço na vida pública e contestavam de forma direta ou indireta a excludente ordem oligárquica vigente. Em 1922 foi fundado o Partido Comunista Brasileiro; o movimento operário convulsionou as zonas urbanas; a Semana de Arte Moderna questionou os paradigmas estéticos e culturais em voga; levantes tenentistas eclodiram de Norte a Sul do país; grupos de cangaceiros percorreram os sertões nordestinos e desafiaram as autoridades locais; a

Coluna Miguel Costa-Prestes iniciou sua longa marcha pelo território nacional.¹ Os movimentos contestatórios, longe de representarem casos pontuais, atingiram todo o país e englobavam as classes populares, as camadas médias e segmentos dissidentes dos setores dominantes. Representavam o desejo de uma reforma institucional em um regime político comandado por oligarquias há mais de três décadas.

O panorama político da Primeira República era tenso, pontuado por agitações. Os processos eleitorais eram tumultuados, marcados por fraudes e coerção do eleitorado, e dessa forma os presidentes mantinham-se no poder em um quadro de grande instabilidade política. Os dois últimos mandatários da Nação do período viram a crise se acentuar em seus respectivos governos. Artur Bernardes (1922-1926), após vencer um pleito dos mais disputados, e marcado por uma virulenta campanha difamatória, governou a maior parte de seu mandato sob estado de sítio. Apesar da medida de Bernardes, o aparato repressor do Estado não conseguia silenciar a contento as manifestações de insatisfação ao regime. Washington Luís (1926-1930) viu-se também às voltas com uma crise econômica e política que culminou em sua deposição.

No alvorecer da segunda década de 1920, o Ceará contava com 1.319.228 habitantes, segundo dados do Censo Demográfico de 1920. Fortaleza era o maior núcleo urbano do estado e registrava população de 78.536 habitantes.² Na economia, predominava a exportação de gêneros primários, como algodão, cera de carnaúba, couros e peles e café. As secas de 1915 e 1919, além de afetar a produção, acentuou o drama social no interior do estado. Na estiagem de 1919, o governo federal criou a Inspetoria de Obras Contra a Seca (IFOCS), que, em meio a desvios de recursos para atender interesses particulares, pouco ajudou a minorar o sofrimento da população sertaneja.³

No campo eleitoral, o Partido Republicano Democrata e o Partido Republicano Conservador se estabeleceram como as duas maiores forças

¹ CARONE, Edgar. *A República Velha II: evolução política*. São Paulo: Difel, 1974; FAUSTO, Boris (org.). *História Geral da Civilização Brasileira*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990. Tomo III, 2º Vol.; FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de Almeida Neves. *História do Brasil Republicano. v:1 O tempo do liberalismo excludente – da Proclamação da República à Revolução de 1930*. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 2003.

² BRASIL, Thomaz Pompeu de Sousa. 1926 *O Ceará no centenário da independência do Brasil*, v. 2. Fortaleza: Tipografia Minerva, 1926, p. 741.

³ GIRÃO, Raimundo. *História econômica do Ceará*. Fortaleza: UFC, 2000, pp.442-446.

políticas nos anos 1920, sendo que nenhum deles dominou a política estadual de forma hegemônica e alternavam-se na condição de aliados ou adversários. Na oposição, destacava-se a figura do médico e jornalista Manuel Fernandes Távora, diretor do jornal *A Tribuna*, fundado em 1921 e fechado três anos depois, em virtude das críticas que proferia contra o governo Artur Bernardes.⁴ Em 1927, Távora fundou o Partido Democrático Cearense pelo qual se candidatou ao cargo de deputado federal, mas não pôde assumir por impedimento da Comissão de Verificação de Poderes, embora tivesse obtido votos suficientes no pleito. Seu irmão, Juarez Távora, ligado ao movimento tenentista, foi um dos líderes da Revolução de 1930 no Ceará.⁵

É neste cenário político instável e conturbado que o presente trabalho destaca a mobilização de segmentos católicos no Ceará em defesa de um projeto político consoante as demandas da Igreja.⁶ A Proclamação da República, em 1889, trouxe significativas mudanças no relacionamento entre os poderes temporal e espiritual no Brasil, no âmbito jurídico. Após mais de três séculos de vinculação, um decreto do então Governo Provisório instituiu a separação oficial entre a Igreja e o Estado. Desta forma, o 15 de novembro deu início a um processo de “dessacralização dos negócios públicos”.⁷

Com a promulgação da constituição republicana de 1891, uma série de atribuições que até então estavam sob a incumbência da Santa Sé foram assumidas pelo Estado brasileiro, a partir de então sob a orientação do liberalismo laico.⁸ Desta maneira, o elemento espiritual foi oficialmente retirado

⁴ NOBRE, Geraldo. *Introdução à História do jornalismo cearense*. Fortaleza: NUDOC, 2006, p. 139.

⁵ CARVALHO, José Murilo de. *Forças Armadas e política no Brasil*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005, pp.128-130; MONTENEGRO, João Alfredo de Sousa. *Fernandes Távora e o tenentismo no Ceará (1921-1924)*. Fortaleza: Secretaria de Cultura e Desporto, 1982.

⁶ O entendimento de Igreja utilizado neste trabalho, diz respeito à hierarquia desta organização religiosa, que elaboravam o discurso oficial e hegemônico. O que não significa que no interior do clero esse discurso fosse homogêneo e não sofresse contestações.

⁷ MONTENEGRO, João Alfredo. *Evolução do Catolicismo no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1972, p.158. Sobre a postura republicana acerca de questões religiosas, comenta Rodrigues: “O discurso brasileiro pós instalação da República pressupunha, com evidência, o princípio geral de que o Estado não tinha e não podia ter religião; a sua missão era única e simplesmente garantir a independência de todos os credos religiosos”. RODRIGUES, Cândido Moreira. *A ordem: uma revista de intelectuais, 1934-1945*. Belo Horizonte: Autêntica, São Paulo: FAPESP, 2005, p.138.

⁸ Apesar da mudança na legislação, segundo Pinheiro, “para o povo nada mudou em relação à religião, continuará praticando sua religião individual, com a família, ou nas missas. [...] Para este povo a liberdade de consciência e a religião não alterou a sua prática religiosa [...]”. PINHEIRO, Francisco José. O processo de romanização no Ceará. In: SOUSA, Simone de (Org.) *História do Ceará*. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha, 1997, pp.207-208.

da instância pública e deslocado para a esfera privada, embora tal mudança tenha afetado muito mais a hierarquia eclesiástica do que a população de maneira geral, visto que esta continuava desenvolvendo vivência religiosa independente do *status* da relação entre o poder temporal e a autoridade civil.⁹

Desde sua desvinculação oficial com o Estado, a Igreja buscou recuperar sua influência junto à Administração Pública em nome da tradição religiosa do país. Para levar a cabo o propósito de aproximação com o Estado e reverter o laicismo oficial estabelecido pela carta magna republicana, a cúpula católica lançou mão de vários expedientes: negociação direta com as oligarquias locais, ampliação de sua rede de estabelecimentos de ensino, reestruturação interna, que possibilitou a expansão no número de dioceses, fortalecimento de associações leigas e imprensa.¹⁰ Apesar de ser uma instituição notadamente conservadora, com uma dinâmica particular de reação às mudanças políticas e sociais que a circundavam, a Igreja também buscou se amoldar ao novo estatuto jurídico vigente e, na medida do possível, transformá-lo.

A partir dos anos 20, foram criados vários periódicos católicos em diversos Estados da federação cujo objetivo era disseminar o pensamento da hierarquia eclesiástica e mobilizar a população para que esta, juntamente com o clero, assumisse uma postura de defesa do catolicismo.¹¹ Também foram idealizados como uma ofensiva contra a chamada “má imprensa”, como eram classificadas as publicações liberais, libertárias ou vinculadas a outras confissões religiosas. Com a imprensa, o discurso católico lançou mão de um recurso moderno e dinâmico para defender suas proposições.

Com essa proposta, atuaram em Fortaleza dois diários católicos: *O Nordeste* e o *Correio do Ceará*. Ambos foram fundados sob a influência do líder

⁹ Assim sendo, somente o matrimônio civil passou a ter validade, não sendo reconhecidas oficialmente as celebrações religiosas; o ensino religioso obrigatório foi abolido dos estabelecimentos oficiais; cemitérios foram secularizados e entregues à administração das municipalidades; a União se eximiu de subvencionar qualquer culto religioso, deixando de custear as despesas da Igreja; religiosos de ordens monásticas foram juridicamente impedidos de participar de eleições. MOURA, Sérgio Lobo, ALMEIDA, José Maria Gouvêa de. A Igreja na Primeira República. In: FAUSTO, Boris (org.). *História Geral da Civilização Brasileira*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. 1990. Tomo III, 2º Vol, p.351. ANDRADE, Paes; BONAVIDES, Paulo. *História Constitucional do Brasil*. Porto: Universidade Portucalense,[s.d.], p. 236-239

¹⁰ MICELI, Sergio. *A elite eclesiástica brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

¹¹ É importante destacar que a existência de periódicos católicos datava do século XIX, como os cearenses “Tribuna Católica” e “A verdade”.

da Igreja no Ceará, D. Manoel da Silva Gomes, e serviram de importante meio para as hostes católicas locais reivindicarem maior espaço para o catolicismo na vida pública e criticarem o sistema político vigente. As duas publicações aglutinaram importantes intelectuais da cidade, tanto no quadro permanente das redações como na condição de colaboradores. Nenhuma das gazetas acima citadas ostentou o posto de órgão jornalístico oficial da Arquidiocese de Fortaleza, papel desempenhado de forma oficiosa, primeiramente pelo *Correio do Ceará* e, alguns anos depois, por *O Nordeste*.

Não obstante o elevado índice de analfabetismo e as baixas taxas de escolaridade do Ceará na Primeira República, principalmente entre as classes populares, Geraldo Nobre dá conta de um cenário editorial amplo e diversificado contabilizando quase 200 periódicos editados ao longo da década de 1920 no Estado do Ceará.¹² Essas publicações seguiam orientações políticas diversas, mas muitas deixaram de circular pouco depois do lançamento dos primeiros números.

No periodismo católico cearense do período em questão destacou-se a atuação de *O Nordeste*, fundado em 1922, cuja circulação perdurou até 1967. Sua data de fundação é emblemática, pois

“simbolicamente, o ano de 1922 funciona como uma espécie de catalisador de muitas reivindicações que se apresentavam à época na medida em que nele se comemoraram os cem anos do Brasil como país independente.”¹³

A direção da folha cabia a Manoel Antônio de Andrade Furtado, intelectual católico e professor da Faculdade de Direito. Andrade Furtado participou ativamente da vida política, cultural e religiosa de seu tempo. A articulação entre leigos e clérigos é um elemento fundamental para compreender a ação política e social da Igreja nos anos 20 e que no Ceará se fazia presente em várias associações leigas sob supervisão eclesiástica. A Igreja arregimentou seu laicato e mobilizou a sociedade civil nos embates políticos da década, elegendo a palavra escrita como um dos instrumentos privilegiados desta causa.

¹² NOBRE, Geraldo. *op.cit.*, p. 139.

¹³ LAHUERTA, Milton. O século brasileiro: autoritarismo, modernização e democracia. In: AGGIO, Alberto; LAHUERTA, Milton (Org.) *Pensar o século XX*. São Paulo: Ed. UNESP, 2003, p.224.

Longe de se limitar a questões puramente religiosas, a gazeta católica trazia cotidianamente questões políticas para seu noticiário, acompanhando de perto a conduta administrativa dos parlamentares e dos chefes do executivo. O presidente Artur Bernardes foi de início apoiado pela cúpula católica, menos por suas convicções religiosas pessoais do que pelo fato de seu adversário de pleito, Nilo Peçanha, ter ligações com a maçonaria.¹⁴ Já o governo Washington Luís foi repreendido de forma recorrente ao longo de seu mandato. Nas notas, reportagens e editoriais, o tom observado no jornal *O Nordeste*, por vezes é o de tensão, marcado por repreensões, ora veladas, ora contundentes, às instituições republicanas e seus representantes.

Esta não é a Republica que eu sonhara! Eis o que se vem dizendo, de 1889 para cá. São politicos desiludidos, esperanças amarfanhadas, impetos contidos, forças estioladas. E porque não é esta a republica dos sonhos de tantos? Nem todos o saberão dizer melhor do que apontar o estado caotico de nossas finanças e para o desequilibrio da nossa administração, nestes trinta e seis annos de republica. [...]¹⁵

O discurso do vespertino católico assumiu uma postura combativa, de fundo moralista. Corrupção, intrigas parlamentares, descaso com a situação do povo, frouxidão ante as ameaças à ordem eram algumas das falhas denunciadas. A imprensa confessional acompanhou de perto os embates políticos do período, adotando uma postura legalista e descartando a via revolucionária como solução para os problemas do país.

Ninguem há que negue os erros da Republica. Mas a correcção de taes erros não será feita jamais por meio de um movimento de indisciplina, de uma tempestade de desordens, que só poderão agravar a situação geral. Sí querem moralizar o país, emprehendam a educação civica do povo, sob bases christãs, fortalecendo-lhes o caracter por uma instrucção religiosa efficiente. Nada mais injusto nem mais perigoso do que reunir-se um certo numero de homens para roubar o socêgo das familias e o patrimonio dos que trabalham uma vida inteira e isso em nome da “salvação” do país.¹⁶

¹⁴ MIRANDA, Júlia. *O poder e a fé: discurso e prática católicos*. Fortaleza: UFC, 1987, p.61.

¹⁵ D'AZEVEDO. Soares. *A Republica que eu sonhara*. Notas cariocas. Fortaleza/CE, 19 ago. 1925, p.1.

¹⁶ União nacional. *O Nordeste*. Fortaleza/CE, 23 jan. 1926, p. 1.

A leitura da imprensa católica com relação à crise incluía a elaboração de propostas para superá-la dentro de uma perspectiva que contemplasse elementos religiosos. A saída estaria em uma “re espiritualização do Estado”¹⁷ por meio do fim do laicismo e com a mudança de postura da República frente à religião. Essa proposição partia do pressuposto de que a instabilidade social se devia a um processo de degeneração moral causado pelo afastamento do catolicismo:

Não tem sido outra a causa da crise moral que o país atravessa. Ao ideal de engrandecimento do nosso patrimonio civico, substituiu o programma de simples satisfação de egoismos personalissimos. Essa obra de corrupção é o resultado inevitavel da neutralização da influencia christã pelo regime de estúpido laicismo dominante.¹⁸

A proposta defendia também a instauração de um governo forte, com autoridade suficiente para debelar as rebeliões internas e fazer frente à ameaça comunista. O Estado, através do saneamento de suas instituições, era considerado um espaço fundamental para efetivar a superação da crise. Urgia também apontar exemplos onde os distúrbios sociais foram superados em consonância com os valores da religião católica. Neste sentido é recorrente a menção à experiência da Itália de Benito Mussolini, que assumira o poder em 1922.

Na Italia, Mussolini aproxima-se da Igreja, a maior força moral de todos os tempos, adopta nas escolas o ensino do catecismo, acata as decisões do Papa, e o país é progressista, as suas industrias são das mais adeantadas da Europa. [...] E, assim, esse país que, ao terminar a grande guerra, parecia entregue à anarchia e à desordem, apparece aos olhos do mundo como um exemplo a ser seguido e como uma escola onde as demais nações devem aprender. Efeitos da aplicação da moral catholica, que, vinte seculos, vem provando a sua origem divina e os seus efeitos beneficos.¹⁹

Nas páginas de *O Nordeste* pode-se perceber a construção de um discurso em que o fascismo foi tomado como modelo de estabilidade social e de relacionamento entre Igreja e Estado a ser seguido pelo Brasil. O *Duce*

¹⁷ BEIRED, José Luís Bendicto. Sob o signo da nova ordem: intelectuais autoritários no Brasil e na Argentina. São Paulo: Loyola, 1999, p. 20.

¹⁸ Inimiga da ordem. Editorial. *O Nordeste*. Fortaleza/CE, 14 fev. 1927, p.4.

¹⁹ Commentarios. *O Nordeste*. Fortaleza/CE, 03 fev. 1928, p.1.

iniciou uma política de aproximação com o papado, após anos de litígio deste com o Estado italiano, motivado pela tomada de territórios da Santa Sé durante o processo de unificação italiana. O *Fascio* reconheceu a autonomia política do Vaticano e a autoridade do Papa como chefe de Estado através da assinatura do Tratado de Latrão, em 1929. Reverteu também algumas medidas laicizantes, trazendo o ensino religioso obrigatório às escolas italianas e ostentando símbolos do catolicismo nas repartições públicas daquele país. Além disso, o primeiro-ministro italiano declarou-se publicamente defensor do credo romano em algumas ocasiões:

Com referência às relações com o Vaticano, podeis dizer que sou profundamente catholico e contrario a qualquer tendencia atheista e anti-clerical. Acredito que a Religião é uma força moral e que a Igreja Catholica é a mais respeitavel organização espiritual do mundo.²⁰

Clérigos e leigos engajados na ação católica em curso precisavam elaborar um projeto político amplo para demarcar um posicionamento frente ao laicismo oficial e à ascensão do comunismo e para tanto precisavam de um aporte ideológico consistente que viesse somar-se às suas convicções de ordem espiritual.

Parte do entusiasmo com relação ao fascismo se deve à repressão que o *Duce* empreendera contra a esquerda italiana e pelo aparente apaziguamento das agitações sociais e políticas na Península Itálica, não obstante os métodos violentos que utilizou para alcançar estes fins. O fascismo foi o maior expoente da vaga nacionalista e antidemocrática surgida na Europa e na América Latina após a Primeira Guerra Mundial.²¹

As agitações políticas que varriam o Ocidente no pós-guerra eram tema central nos debates da direita. A disseminação de um pensamento autoritário no Brasil esteve diretamente ligada à crise do modelo liberal-oligárquico e à ascensão de ideologias libertárias. Embora a crise fosse um fenômeno global,

20 Actualidades. *O Nordeste*. Fortaleza/CE, 5 abr. 1923, p.1

21 [...] as duas guerras mundiais... esse período foi marcado por uma crise estrutural do sistema liberal com relação à qual a América Latina não esteve alheia. Nos diversos países desta área verificou-se uma série de fenômenos que puseram em xeque a antiga ordem oligárquico-liberal: o colapso do sistema agro-exportador herdado do século XIX, a crise de legitimação dos modelos institucionais vigentes, a emergência de novos atores políticos e sociais, o surgimento de novos movimentos culturais e a formulação de novos projetos ideológicos. BEIRED, *op. cit.*, p.70.

é importante assinalar as condições particulares do caso brasileiro, que possibilitou a construção de um discurso específico, tanto para explicá-la, quanto para superá-la.

Ainda que o presente trabalho enfoque um jornal local, as discussões aqui apresentadas estão plenamente contempladas no debate nacional, tendo em vista que se tratava de uma movimentação que mobilizou todo o país. O recorte cronológico vai de 1922, ano da ascensão de Mussolini e da fundação de *O Nordeste*, focaliza os últimos anos da Primeira República e encerra-se às vésperas da Revolução de 1930, quando a conjuntura colocada a partir da chegada de Getúlio Vargas ao poder alterou a dinâmica do relacionamento entre os poderes temporal e o espiritual estabelecida na Primeira República.

A pesquisa é permeada por desafios e dificuldades, muitos dos quais não serão sanados nas páginas seguintes. Lidar com uma temática como o fascismo não é tarefa fácil. O tema é complexo e alvo de intensas polêmicas e debates no campo da historiografia. A própria delimitação do que é ou não é fascismo ainda não está clara.²² Em contraposição a uma extensa lista de trabalhos acadêmicos que esmiuçaram a trajetória do fascismo no Brasil a partir da atuação do Integralismo, contemplando inclusive o caso particular do Ceará,²³ as análises sobre a década precedente são mais restritas, do ponto de vista quantitativo.

Analisar um pensamento conservador a partir de uma fonte particularmente dinâmica, como no caso de jornais de circulação diária em um

²² A respeito da definição do fascismo, Saccomani distingue três significados para o termo. “O primeiro faz referência ao núcleo histórico original, constituído pelo Fascismo italiano em sua historicidade específica; o segundo está ligado à dimensão internacional que Fascismo alcançou quando o nacional-socialismo se consolidou na Alemanha com tais características ideológicas, tais critérios organizativos e finalidades políticas, que levou os contemporâneos a estabelecerem uma analogia essencial entre o Fascismo italiano e o que foi chamado de Fascismo alemão; o terceiro, enfim, estende o termo a todos os movimentos, ou regimes que compartilham com aquele que foi definido como “fascismo histórico”, de um certo núcleo de características ideológicas e/ou critérios de organização e/ou finalidades políticas”. Neste trabalho, o conceito empregado diz respeito ao primeiro significado, ou seja, a experiência política autoritária italiana na década de 20. SACCOMANI, Edda. Fascismo. In: BOBBIO, Norberto; MATEUCCI, Gianfranco Pasquino. *Dicionário de política*. Brasília: Ed. UNB, 2010. p.466.

²³ MONTENEGRO, João Alfredo de Sousa. *O Integralismo no Ceará: variações ideológicas*. Fortaleza: Secretaria de Cultura do Estado, 1986; PARENTE, Josênio. *Anauê – os camisas-verdes no poder*. Fortaleza: Ed. UFC, 1986. RÉGIS, João Rameres. “*Galinhas Verdes*”: *Memórias e História da Ação Integralista Brasileira - Limoeiro - Ceará (1934-1937)*. 2002. Dissertação (Mestrado em História). Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Ceará, Fortaleza.

período marcado por intensas mobilizações sociais e experimentações ideológicas, é circular em um terreno movediço. Outra problemática consiste em delimitar o papel do diário em meio à estratégia global da Igreja Católica. A gazeta não pode ser tomada como uma mera reprodução das diretrizes eclesiais ao laicato. Por outro lado, não se pode negar os vínculos e compromissos do jornalismo confessional com os dirigentes da Igreja.

Lidar com uma massa documental densa, abundante e contínua traz consigo armadilhas de ordem metodológica. Não é difícil ver-se envolvido pela fonte a tal ponto de reproduzir e naturalizar suas concepções. Trabalho na perspectiva de pensar o jornal a partir de sua dupla condição de fonte, suporte material de um discurso e objeto de análise. Os exemplares foram pesquisados na Biblioteca Pública Menezes Pimentel, no Seminário da Prainha e no Instituto do Ceará. O estado precário do acervo da primeira instituição, o acesso indireto às fontes nos demais locais e as lacunas existentes em todas as coleções citadas foram dificuldades de ordem prática enfrentadas no decurso da pesquisa. Além dos periódicos, a pesquisa analisa as encíclicas, por entender que estas desempenhavam importante papel no sentido de orientar a conduta do clero e do rebanho católico, de inserção nos debates em curso e de demarcação do posicionamento político da Igreja diante das questões que lhe são colocadas. A bibliografia mais específica sobre o assunto apresenta lacunas.

Cabe recordar que foi o Ceará, ao lado de São Paulo, os únicos estado a eleger um deputado integralista nas eleições de 1932 (Jeová Mota), com o apoio da Liga Eleitoral Católica (LEC),²⁴ e que os alicerces desse projeto autoritário foram construídos ainda na década de 1920.

Nesse sentido, busca-se entender como esse jornal católico, ao referenciar o *Fascio*, discutiu concepções de interação entre Igreja e Estado, de

²⁴ A Liga Eleitoral Católica, criada em 1932, no Rio de Janeiro, por ocasião das eleições para a Assembleia Constituinte. Seu objetivo maior era "[...] divulgar as diretrizes e as tomadas de posição da Igreja entre os fiéis e canalizar os votos dos eleitores católicos em favor dos candidatos dos diferentes partidos que estivessem pontos a sustentar as posições católicas em questões delicadas e controversas, como por exemplo, a indissolubilidade do casamento, o ensino religioso nas escolas públicas, assistência eclesial às classes armadas, etc." MICELI, Sérgio. *Intelectuais à brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001, p.130. No Ceará, a LEC conseguiu eleger todos os seis candidatos que indicou: Valdemar Falcão, Capitão Jeová Mota, Luís Sucupira, Dr. Leão Sampaio, Dr. Figueiredo Rodrigues e Dr. Xavier de Oliveira.

educação, de moralidade, de manutenção da ordem, de relação com as massas populares, interferência na vida particular dos cidadãos e de arbitragem entre trabalho e capital.

O primeiro capítulo busca compreender a atuação do movimento católico cearense (articulado com o nacional) a partir da hierarquia e do posicionamento político do clero. Discute a atuação do movimento leigo no Ceará e a trajetória dos intelectuais católicos em Fortaleza, na década de 1920, além de focar a relação destes com a cúpula eclesiástica. Analisa também a formação e atuação da imprensa confessional de orientação católica na cidade no período em questão.

No segundo capítulo, a proposta é discutir os elementos que possibilitaram a construção de um discurso na gazeta confessional que elegeu o fascismo como paradigma de ação política e arquétipo de relacionamento entre Igreja e o poder temporal.

O objetivo do terceiro capítulo é perceber as referências da imprensa ao *Fascio* a partir de elementos específicos, elencados em virtude da relevância atribuída a eles pelo diário católico: moralidade, trabalho e educação.

O trabalho não tem o objetivo de denunciar ou evidenciar o reacionarismo católico, sobretudo pelo fato de que o *Fascio* adquiriu, após a Segunda Guerra e principalmente por sua ligação com o nacional-socialismo alemão, um sentido extremamente negativo, ligado à máxima expressão do autoritarismo. O propósito é refletir como em um determinado contexto histórico a experiência autoritária italiana foi discutida nos debates dos grupos que gravitavam em torno da Igreja Católica e analisar como elementos do fascismo foram apropriados na composição de um projeto político que tinha como objetivo reinserir o catolicismo na Administração Pública.

CAPÍTULO 1

CATÓLICOS EM AÇÃO

1.1 – Atuação da hierarquia eclesiástica

Em vez de côro plangente, formemos uma legião de combate: quem sabe falar, que fale; quem sabe escrever, que escreva; quem não e não escreve, que divulgue os escriptos dos outros. O que é necessário é que não fiquemos immoveis a chorar um passado que se foi ou acenar com festas para um futuro que nos sorri.²⁵

Uma vez que a separação entre a Igreja e o Estado era fato consumado do ponto de vista jurídico, as ações para se reaproximar do poder temporal não tardaram a se efetivar ainda nos primeiros anos após a Proclamação da República. Foram levadas à frente tanto pela cúpula eclesiástica quanto pelas paróquias, sendo pertinente destacar o empenho dos núcleos regionais nesta empreitada. Contribuíram para essa regionalização as peculiaridades no relacionamento entre os governos de cada unidade da federação e os dirigentes católicos locais. Desta forma, ainda que tivessem como base a Carta Magna de 1891, cada estado desenvolveu uma política religiosa com características particulares.²⁶ Cabe assinalar, entretanto, que bispos e arcebispos procuraram, na medida do possível, estabelecer uma articulação nacional em suas ações.²⁷ Como marco inicial dessa proposta, o episcopado brasileiro lançou uma Carta Pastoral coletiva no mesmo ano da promulgação da constituição republicana, expressando sua preocupação com o estabelecimento do caráter laico do Estado.

²⁵ Perante o laicismo. *O Nordeste*. Fortaleza/CE 07 ago. 1925, p.1.

²⁶ Oscar Lustosa cita o caso de Minas Gerais, onde ainda no século XIX, o episcopado local conseguiu junto ao governo estadual que o nome de Deus fosse invocado no preâmbulo da constituição mineira e o ensino religioso obteve espaço nas escolas oficiais. LUSTOSA, Oscar de Figueiredo. *A Igreja Católica no Brasil República: cem anos de compromisso (1889-1989)*. São Paulo: Ed. Paulinas, 1991, p.28.

²⁷ DIAS, Romualdo. *Imagens da ordem: a doutrina católica sobre autoridade no Brasil. 1922 – 1933*. São Paulo: Unesp, 1996, p.65.

A relação entre Igreja e Estado, longe de representar uma simples dicotomia, era complexa e multifacetada. Vários clérigos se integraram à Administração Pública através do exercício de cargos políticos. Para o caso do Ceará na década de 1920, Monsenhor Vicente Salazar da Cunha, de Fortaleza, e Monsenhor Francisco Ferreira Anthero, de Icó, eram deputados pelo 5º Distrito. O Monsenhor Liberato Dionisio da Costa foi 2º vice-presidente do Estado no quadriênio de 1921 a 1924. Este último também foi, durante sua legislatura, primeiro vice-presidente da Mesa da Assembleia, ao mesmo tempo em que ocupava posto de destaque no clero cearense, fazendo parte do Curato de São José, da Arquidiocese de Fortaleza.²⁸ Alguns padres também ocuparam o posto de prefeito em cidades cearenses durante o período: José Augusto da Silva (Camocim), Catão Porfírio Sampaio (S. Francisco), Augusto Barbosa de Menezes (S. Pedro do Cariri), além do célebre Cícero Romão Batista, líder espiritual e político de Juazeiro, que se destacou por exercer uma conduta política de forma independente e antagônica à cúpula clerical.

Tais dados servem para se pensar até que ponto os clérigos que exerciam cargos políticos se integraram ou não à estratégia política oficial da Igreja, identificando condutas permeadas por consensos e dissensos. Embora a hierarquia eclesiástica estivesse engajada em determinado projeto político, cujo objetivo central era reverter o laicismo oficial, deve-se pensar na Igreja não como um corpo homogêneo, portadora de um discurso uníssono, mas como uma instituição que agrupava em seu interior uma pluralidade de condutas, propostas, ações e convicções e, até mesmo, como um espaço de conflitos e disputas. Mas o fato é que, à exceção de um efêmero Partido Católico fundado nos primeiros anos do regime republicano, não era a via partidária uma prioridade da cúpula eclesiástica no momento em questão, ficando esta reservada a iniciativas individuais.²⁹

A Igreja – hierarquia e líderes católicos – estará ao lado das autoridades legitimamente constituídas, procurando não se imiscuir, oficialmente, na militância política. Aproveitará, no

²⁸CAMARA, Sophocles Torres. *Almanach do Ceará – 1924*. Fortaleza: Tipografia Minerva, 1924, pp. 51-53.

²⁹ Seguindo tendência registrada em algumas unidades da federação, em 1890, o bispo do Ceará, D. Joaquim, criou em Fortaleza o Partido Católico do Ceará, que agregava candidatos para a constituinte de 1891. MONTENEGRO, Abelardo Ferreira. *Os partidos políticos do Ceará*. Fortaleza: UDC, 1980, pp. 71-73.

entanto, os tempos de crise para consolidar progressivamente, os mecanismos de coordenação dos católicos e de suas atividades e desenvolver, praticamente, a consciência de sua força ainda atenta e pronta para tirar, politicamente, partido e de seu prestígio junto às massas.³⁰

A despeito da neutralidade religiosa da Administração Pública, não era raro que políticos e outras figuras públicas fizessem abertas demonstrações de sua fé católica. O Estado, mesmo laico, não podia prescindir do apoio da Igreja em determinadas instâncias, dado o prestígio e a influência que esta desfrutava junto à população.³¹ Dessa feita, era rotineira a presença de membros do clero em eventos oficiais.

A plasticidade da Igreja em sua relação com as autoridades civis fez com que a instituição conseguisse se expandir e se reorganizar do ponto de vista da administração eclesiástica, havendo um significativo crescimento no número de dioceses na Primeira República. Em 1915, o então Bispado do Ceará foi elevado à categoria de Arcebispado, com a criação da Arquidiocese de Fortaleza e das Dioceses sufragâneas do Crato e de Sobral. Segundo Sérgio Miceli, a política organizacional da Igreja foi marcada por uma estadualização, à semelhança do regime federativo em curso, que concedia ampla autonomia aos gestores estaduais.³²

Convém destacar que desde o século XIX a Igreja se empenhava em levar à frente o projeto de romanização.³³ No Ceará, o processo teve início no

³⁰ LUSTOSA, Oscar. *A presença da Igreja no Brasil – História e problemas: 1500-1968*. São Paulo: Giro, 1977, p.62.

³¹ Sobre essa dubiedade nas relações entre o poder civil e eclesiástico, Moura e Almeida salientam que: [...] *a Igreja na Primeira República aparece como uma instituição ao mesmo tempo estranha e necessária. Estranha, porque, pela sua própria característica de Igreja, se encaixa com dificuldade na nova ordem de coisas que se está implantando no país; necessária porque é valioso instrumento na manutenção da ordem, que sacraliza e abençoa aos olhos do povo. Beneficiada pelos favores do Estado, mas expulsa por este das benesses do poder, ela exerce sobre o conjunto da população certo de tipo de autoridade não-oficial* [...] MOURA, ALMEIDA, *op.cit.*, p.356.

³² Além do entendimento com os mandatários locais, Miceli aponta ainda que “*uma política severa de moralização e profissionalização do clero*” foi crucial para que a estratégia política da Igreja na Primeira república fosse bem sucedida. MICELI, *op.cit.*, 2009, p.135.

³³ Jacqueline Herman define a romanização como [...] *um processo internacional de reação da Santa Sé ao avanço de correntes ideológicas e políticas heterodoxas nas quais se incluía, sem distinção, toda sorte de ideias que questionassem princípios defendidos pela Igreja Romana, considerados “erros modernos”, tais como o liberalismo, o socialismo, o comunismo, o cientificismo, o positivismo, a maçonaria e o protestantismo. [...] reforçar a estrutura hierárquica da Igreja, revigorar o trabalho missionário, moralizar o clero e diminuir o poder das irmandades leigas*. HERMANN, Jacqueline. *Religião e política no alvorecer da República: os movimentos de Canudos, Juazeiro e Contestado*. IN: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de Almeida

episcopado, o primeiro bispo, D. Luiz Antônio dos Santos, nomeado em 1860, e continuou com Dom Joaquim José Vieira (1884-1912). Dom Manoel da Silva Gomes, que assumiu o posto em 1912, deu prosseguimento à obra de seus antecessores, intensificando-a. Por conta do trabalho realizado pelos três bispos em meio século, o clero cearense era fortemente romanizado e conservador.³⁴

Os papas se engajaram nos debates da comunidade clerical contra o Estado laico. A separação entre Igreja e Estado atingiu parte dos países da Europa e da América Latina, fruto da onda liberal que arrebatou o Ocidente em meados do século XIX. Em virtude deste quadro, a política foi um elemento presente nas encíclicas de Pio XI, que iniciara seu pontificado em 1922. Nestes escritos, o Sumo Pontífice reconhecia a existência de uma crise política em escala global, cujas raízes atribuía ao laicismo.

E se agora ordenamos que Cristo Rei seja homenageado por todos os católicos do mundo, também proveremos as necessidades dos tempos atuais, e colocamos um remédio à praga que hoje infecta a sociedade humana. Nós julgamos que a praga do nosso tempo chama-se laicismo, com seus erros e intentos abomináveis [...]³⁵

Diante de uma conjuntura social instável enfrentada por várias nações cristãs, o líder da Igreja Católica apontava o retorno da política à religião como solução. Através da encíclica *Quas Primas*, escrita em 1925, por ocasião da festa do Cristo Rei, o Sumo Pontífice exortou os chefes de Estado católicos a exhibir demonstrações públicas de sua fé.

A celebração desta festa, que será renovada a cada ano, também irá ensinar às nações que o dever de adorar publicamente e obedecer a Jesus Cristo não é obrigatório somente aos cidadãos, mas também aos magistrados e governantes.³⁶

Neves. *História do Brasil Republicano. v:1 O tempo do liberalismo excludente – da Proclamação da República à Revolução de 1930*. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 2003, p.124

³⁴ A própria organização da Diocese do Ceará, em 1859, está inserida cronologicamente com o início da romanização. A fundação do Seminário da Prainha em 1864, foi fundamental para formar um corpo de sacerdotes sintonizados com as diretrizes do projeto romanizador. PINHEIRO, *op.cit.*, p.199-210.

³⁵ PIO XI. *Quas Primas*. [Acessado em 2011 ago. 05]. Disponível em: http://www.vatican.va/holy_father/pius_xi/encyclicals/documents/hf_p-xi_enc_11121925_quas-primas_sp.html (em espanhol)

³⁶ *Idem*

No Ceará, destacou-se o trabalho do Arcebispo de Fortaleza, D. Manuel da Silva Gomes, como fundador e/ou fomentador de diversas associações leigas da capital. Durante seu episcopado (1912-1941) atuaram em Fortaleza o Círculo de Operários e Trabalhadores Católicos São José, a União dos Moços Católicos, a Liga das Senhoras Católicas, o Dispensário dos Pobres, a Liga Franciscana, o Círculo Católico de Fortaleza, a Sociedade São Vicente de Paulo, entre outras. O movimento leigo no estado foi bastante heterogêneo e abrangente em sua atuação e composição, agregando trabalhadores, jovens, mulheres, intelectuais e profissionais liberais. Embora a pesquisa tenha como recorte cronológico os anos de 1920, é essencial reconhecer o vigor das movimentações católicas no decênio precedente, orquestradas por D. Manuel. A década de 1920 foi o período de maturação de uma obra já consolidada na década anterior.

Em 1924 foi inaugurado em Fortaleza o Instituto Epiácio Pessoa, construído por um comitê cívico homônimo e oferecido à Arquidiocese da cidade para sediar as obras de beneficência social da Igreja. A solenidade de abertura contou com membros do clero, autoridades, magistrados, associações católicas, membros do comércio e da indústria e famílias ilustres da urbe. Idelfonso Albano, presidente do Estado, liderou a cerimônia. Frequentemente os presidentes do Estado participavam de eventos públicos ao lado da cúpula eclesiástica local. Sintonizado com seus pares na Primeira República, D. Manoel conseguiu estabelecer com o poder civil no Ceará um fecundo canal de diálogo.

A cúpula do catolicismo nacional percebeu que, a despeito da neutralidade religiosa do Estado, havia espaço para sua atuação junto ao aparelho estatal e à população em geral. O Padre Júlio Maria, no início da referida década, alertava a comunidade clerical que o sistema político não constituía de todo um entrave para a ação eclesiástica:

Quaisquer que sejam, repito, os erros da República, em matéria de religião, é certo que ela deu à Igreja a liberdade. Não desaproveitemos desta; e, para profligar aqueles, procuremos no terreno legal a modificação das leis, a reforma

do ensino, a reabilitação de nossa bandeira – procuremo-las na arena da publicidade, e não nos esconderijos políticos.³⁷

Os anos de 1920 marcaram uma nova etapa para a ação da hierarquia católica em seu intuito de recuperar parte da influência política perdida com o advento da República e combater o laicismo oficial. Nesse período, cabe salientar a figura de D. Sebastião Leme, arcebispo de Rio de Janeiro, como figura de destaque na mobilização dos católicos.

O fim do padroado régio representou uma liberdade de ação nunca antes desfrutada no período imperial, quando as interferências do poder civil eram institucionalizadas e constantes. Apesar do ônus trazido pela legislação republicana, a autonomia proporcionada pela mesma à Igreja foi fundamental para o êxito das ações promovidas pela hierarquia.

Cientes disso, bispos organizaram grandiosas manifestações populares, a exemplo do Congresso Eucarístico Nacional, realizado no Rio de Janeiro em 1922, a transladação da imagem de Nossa Senhora Aparecida, aclamada Padroeira do país, com o intuito de demonstrar a força da mobilização do povo católico.³⁸

Além de servir como mecanismo de pressão aos mandatários da Nação, estas iniciativas tinham como objetivo despertar a população brasileira - cuja grande maioria era católica³⁹ - da letargia e do comodismo para, juntamente com o clero, assumir uma postura de defesa de sua fé. Independentemente do *status* do relacionamento entre Igreja e Estado, a população do país prosseguia com sua fé particular e/ou comunitária, no mais das vezes de forma distante dos cânones estabelecidos pelo Vaticano.

Para transformar a expressão numérica em força política, o episcopado nacional defendia a proposta de que a religião deveria pautar não somente a vida privada dos indivíduos, mas servir de guia para uma conduta cívica. Para além da religiosidade doméstica, segundo D. Leme, os mais valerosos “soldados apostólicos” do catolicismo “não são simplesmente catholicos, são

³⁷ LOMBAERDE, Júlio Maria de. *A Igreja e a República*. Brasília: Ed. UNB, 1981, p.116.

³⁸ DIAS, *op. cit.*, p.109-119.

³⁹ Em 1920, cerca de 95% da população brasileira era católica. NERI, Marcel Côrtes. *Novo mapa das religiões*. Rio de Janeiro: FGV/CPS, 2011, p.7. Disponível em http://www.cps.fgv.br/cps/bd/rel3/REN_texto_FGV_CPS_Neri.pdf. Acessado em 03 ago. 2012.

praticantes; mais ainda, militantes.”⁴⁰ O prelado lamentou a indiferença e a quase ausência de católicos na condução da política nacional em carta pastoral escrita em 1916, quando era Arcebispo de Olinda:

Que maioria católica é essa, tão insensível, quando leis, Governos, literatura, escolas, imprensa, indústria, comércio e demais funções da vida nacional se revelam contrárias ou alheias aos princípios e práticas do Catolicismo? [...] somos uma maioria que não cumpre seus deveres sociais [...] somos pois uma maioria ineficiente. Eis o grande mal.⁴¹

As reprovações não eram direcionadas somente aos fiéis, mas contemplavam igualmente o próprio clero nacional. Boa parte dos ministros da religião limitava-se a executar as atividades rotineiras do ofício.⁴² O Padre Júlio Maria igualmente denunciava a passividade da comunidade católica brasileira, que em muitos sentidos contrastava com a vigorosa reação católica em curso em alguns países da Europa.

Que nos falta então? Falta-nos o que abundou nos católicos alemães para o combate. O clero e os católicos alemães conheciam, para fazer frente ao déspota, as grandes armas que brandiram e com que venceram: o jornal, o livro, a conferência, o congresso os *meeting*, a representação. Nós, porém, clero e católicos brasileiros, para melhorar o nosso estado social e religioso, de que recurso dispomos? Só e tão-somente de um: a lamentação. Vivemos chorando os males da pátria, que, entretanto, só precisa de uma profunda e enérgica reação religiosa.⁴³

Na mesma linha de pensamento e ação de Júlio Maria, o Monsenhor Antônio Tabosa Braga era um dos mais ativos fomentadores da militância católica no Ceará, principalmente através de sua ação no campo das letras, notadamente no jornalismo católico (colaborou com o *Correio do Ceará* e com *O Nordeste*). Para Tabosa, reorganizar os próprios quadros e os fiéis era premissa para a recatolização da sociedade.

Nos tempos actuaes, não basta ao catholico formar *individualmente* a sua consciencia na pratica do bem e das sublimes virtudes christãs. Precisa agir em torno dos problemas sociaes, na defesa dos interesses sagrados da Igreja, tantas

⁴⁰ A religião catholica no Brasil. *O Nordeste*. Fortaleza/CE, 27 mar. 1923, p.2.

⁴¹ MOURA, ALMEIDA, *op. cit.*, p.365.

⁴² *Idem, ibidem*, p. 357.

⁴³ LOMBAERDE, *op. cit.*, pp.124-125.

vezes assaltados pelos seus adversários que se multiplicam, em cifra surpreendente.[...] Viver como lebres medrosas de tudo no meio onde vivem destemidos e audaciosos, os inimigos é um erro, é um crime, é um fracasso irremediável.[...] Precisamos capacitar-nos das exigências dos tempos e aparelhar-nos, pela virtude sólida, e por associações bem organizadas para todas as pejejas da existência.⁴⁴

A fala dos dois clérigos apontava a necessidade de prepararem as hostes católicas para o engajamento no plano de ação da hierarquia, no qual o papel do pároco era crucial para viabilizar a articulação entre a cúpula eclesiástica e a comunidade católica local, através do estabelecimento de uma nova dinâmica de relacionamento com os fiéis.

Assim, sem abandonar em nada os meios sobrenaturais de **combate** de que deve sempre usar a **milícia cristã**, o Padre deve, entretanto lhe proporcionar, conforme a necessidade dos tempos, **armas novas** e novas **táticas**.⁴⁵

É factível nos documentos relativos à ação católica⁴⁶ na Primeira República, como no citado acima, o emprego de uma metáfora bélica: haveria uma guerra (contra o laicismo) travada em batalhas cotidianas pelo exército cristão e seus soldados, cuja vitória estava associada ao manejo de determinadas armas e estratégias para derrotar os inimigos, em uma nova cruzada em defesa da fé católica.

Uma das ações mais incisivas para reverter este quadro desfavorável consistiu em fortalecer o laicato, através da criação de associações civis católicas, com o objetivo de fomentar na população o exercício de um catolicismo militante, que transcendesse à prática da religiosidade privada. A diretriz diferia completamente das irmandades leigas dos séculos precedentes,

⁴⁴ TABOSA, Padre Antônio. Em torno dos ideais católicos. *O Nordeste*. Fortaleza/CE, 25 abr. 1924, p.1

⁴⁵ As obras de imprensa e de divulgação católica. *Correio Ecclesiastico*. Fortaleza/CE, set.1913, p.90. Grifo meu.

⁴⁶ Tradicionalmente, a historiografia localiza o surgimento da Ação Católica Brasileira em 1935, fundada por D. Sebastião Leme como um movimento que propunha fortalecer o movimento leigo sob orientação eclesiástica. Contudo, o termo “ação católica” já era utilizada no início do século XX como significado de uma “articulação de forças e atividades católicas.” O jornal *O Nordeste*, fonte central dessa pesquisa, também cita a expressão em diversas ocasiões. Como recurso para diferenciar os dois momentos históricos distintos, essa pesquisa se referirá às movimentações da década de 1920 com letras minúsculas. MEDEIROS, Fernando Antônio Mesquita de. *O homo inimicus: Igreja católica, ação social e imaginário anticomunista em Alagoas*. Maceió: EDUFAL, 2007, pp.64-65.

que desfrutavam de grande autonomia e onde muitas vezes o elemento leigo se sobrepunha ao religioso. Segundo a normativa da romanização, o novo laicato católico deveria agir impreterivelmente sob orientação e supervisão do clero. Em 1922 foi criado no Rio de Janeiro o Centro D. Vital, espaço de debates que aglutinou a intelectualidade católica, cujo trabalho serviu de referência para todo Brasil.

Em 1922, o Papa Pio XI lançou a encíclica *Urbi Arcano dei Consigli*, que estabeleceu os direcionamentos para a atuação do movimento leigo. De acordo com a missiva papal, a redenção física e moral deveria ser encampada pela união entre o clero e o laicato em obras de caráter social. O prelado reconhecia que muitas ações nesse sentido já estavam em andamento em vários países e que tais trabalhos deveriam prosseguir, e mesmo reforçar-se.⁴⁷

Apesar de seu relevo, uma vez que se tratou de um posicionamento oficial do Vaticano sobre a questão, não se deve superestimar o papel de *Urbi Arcano*, visto que não foi a referida missiva pedra fundamental do associativismo católico. No Ceará, por exemplo, a maior parte das obras leigas fora fundada na década precedente e já estava consolidada quando do lançamento do referido documento papal. A proposta de fortalecer o laicato para auxiliar o clero dentro dos parâmetros da romanização remonta ao pontificado de Pio X (1903-1914). Um jornal católico cearense reproduziu trechos de uma palestra entre o referido papa e alguns bispos, a respeito dos elementos fundamentais para o revigoramento da religião.

- O que é, presentemente, mais necessario, declarou o santo Pontifice, é ter em cada parochia um grupo de leigos esclarecidos, resolutos, intrepidos, que sejam verdadeiramente apóstolos do bem.

Mons. Gibier, commentando essas palavras incisivas de Pio X, acrescenta:

- Eis o que chamamos a *comissão* parochial: um grupo de 3 ou 4, de 10 ou 12 homens, mais ou menos escolhidos e presididos pelo vigario, e que constitua seu estado maior, seus colaboradores dedicados, seus amigos, seus companheiros de apóstolados. Sem elles, o parochio fará muito pouca cousa; com elles, poderá quase tudo. Assim, auxiliado, elle instituirá uma centralização parochial, quer dizer, o agrupamento global

⁴⁷ PIO XI. *Urbi Arcano dei Consigli*. [Acessado em 2011 ago. 03]. Disponível em: http://www.vatican.va/holy_father/pius_xi/encyclicals/documents/hf_p-xi_enc_19221223_ubi-arcano-dei-consilio_it.html

de todos os parochianos, familia por familia; pois é na familia que a parochia tem seu ponto de apoio.⁴⁸

A cúpula eclesiástica brasileira movimentou-se entre diversas dicotomias ao curso de suas ações durante o período: transitou entre a fragmentação da ação regionalista das dioceses e construção de uma unidade pelo episcopado nacional; uniu clérigos e leigos e administrou os possíveis conflitos provenientes da hierarquização desta relação; protestou contra o Estado laico e, simultaneamente, buscou entendimento com o poder temporal, além de conciliar as questões específicas da Igreja no Brasil e os direcionamentos romanizantes do Vaticano.

⁴⁸ A ação social catholica *O Nordeste*. Fortaleza/CE, [sd] abr. 1924,p.1

1.2 – O púlpito moderno: imprensa católica militante

“Um bom jornalista vale mais do que meia dúzia de pregadores”.⁴⁹

(Pio X)

Entres os vários instrumentos empregados no plano de ação para buscar maior espaço para o catolicismo na vida pública, os segmentos católicos dedicaram especial atenção à imprensa. As décadas 1910 e 1920 foram particularmente fecundas na proliferação de folhas confessionais em todo Brasil.⁵⁰ A crise institucional brasileira e as intensas mobilizações políticas não podiam ser ignoradas pelos católicos (fortalecidos pela consolidação do movimento leigo) que, no mais, advogavam uma reforma política nos moldes cristãos.

[...] a Imprensa, sobretudo os periódicos, foi o canal privilegiado, utilizado bem ou mal pela hierarquia e pelos católicos, para defender a fé e os costumes, para reivindicar direitos, para lutar contra os adversários e, em uma palavra, para **informar e formar**.⁵¹

Nenhuma publicação do gênero atingiu circulação nacional, cabendo a estruturação das mesmas à iniciativa das paróquias, dioceses e arcebispados. O êxito destas gazetas dependia diretamente do engajamento e do zelo da comunidade católica local e funcionava como uma espécie de termômetro da vitalidade da mesma.

A dicotomia entre uma suposta “boa” e uma “má” imprensa era uma constante. A proposta era travar um embate com as publicações anticlericais, anarquistas, socialistas, ou folhas vinculadas a matrizes ideológicas contrárias à Igreja. Nesse sentido, tão importante quanto divulgar o periodismo católico era neutralizar os veículos não-confessionais. O então bispo do Ceará, D. Manuel,⁵² dirigiu em 1913 um apelo ao clero cearense no sentido de que este

⁴⁹ *O Nordeste*. Fortaleza, 02 fev.1925 p.1

⁵⁰ Para Oscar Lustosa, a multiplicação de jornais que defendiam os interesses da Igreja foi maior em momentos que esta se viu diante de impasses políticos. LUSTOSA, Oscar. *Os bispos do Brasil e a imprensa*. São Paulo: Edições Loyola, 1983, p.8. Grifo no original

⁵¹ LUSTOSA, *idem*, *ibidem*.

⁵² Como o Arcebispado do Ceará foi criado apenas em 1915, o trabalho se refere a D. Manuel como bispo nos períodos anteriores a esta data.

acautelasse o rebanho católico a respeito da inconveniência dos "maus escritos".

Lembremos aos Rvmos. Vigarios e a todos os sacerdotes da Diocese o dever que tem de se oppor pela pregação, e pela propaganda indefectivel, á má imprensa. É necessario que falem, que ensinem ao povo, orientando-o. Assim Recomendamos (sic), em particular aos Parochos e Sacerdotes da Capital e das cidades, que insistam sobre a condemnação do "O MALHO" revista impia que calumnia e malsina a cada passo os ministros da religião, e ensinem que um catholico não deve ler nem assignar esta e outras semelhantes publicações. Convem que prepaguem entre os ledores do "MALHO" a revista christã "O ALBOR" cuja assinatura custa 5\$000 e pode ser obtida por intermedio da Redacção do Correio Ecclesiastico.⁵³

O sacerdote deveria direcionar a leitura dos fiéis. De acordo com a orientação diocesana, os párocos poderiam condenar abertamente a imprensa em termos genéricos; nomeá-la publicamente, como no caso de *O Malho*,⁵⁴ apenas com a autorização do bispo. As proibições eram incisivas: "Guerra pois ao máo jornal! Guerra paciente e perseverante contra a imprensa inimiga da moral e da religião".⁵⁵ Na maior parte das vezes, essa dualidade resvalava para o maniqueísmo e deixava transparecer a atmosfera de intensas disputas ideológicas e de projetos políticos da época.

Uma fonte importante para analisar a configuração da imprensa confessional em Fortaleza é o *Correio Ecclesiástico*. Trata-se do órgão oficial da então Diocese do Ceará, cujo primeiro número foi publicado em maio de 1913. De circulação interna, era uma espécie de correspondência entre o bispo e os vigários. Nele estavam definidas as prioridades do episcopado no momento em questão.

Vem em primeiro logar a Imprensa Catholica, de necessidade inadiavel, pois a par do progresso do Ceará, progride o mal e a protervia dos ignorantões engravatados. Pretende pois o Sr. Bispo Diocesano, quanto antes fundar um JORNAL

⁵³ *Correio Ecclesiastico*. Fortaleza/CE, mai. 1913 p.14

⁵⁴ *O Malho* era uma revista humorística que escarnecia dos costumes e das autoridades políticas e eclesiásticas. CUNHA, Maria Clementina Pereira da. *Ecos da Folia: uma história social do carnaval carioca entre 1880-1920*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

⁵⁵ *Correio Ecclesiastico*. Fortaleza, nov. 1915, pg. 104.

CATHOLICO, que será coadjuvado vigorosamente, como todos esperamos, pelos zelosos Vigários e Sacerdotes Cearenses.⁵⁶

Chamo atenção para o papel **protagonista** da imprensa como elemento fundamental para o desenvolvimento da ação social da Diocese. A concepção de imprensa no discurso eclesiástico não se limitava ao jornalismo, mas abrangia todo campo da palavra escrita. O *Correio Ecclesiastico* apontava como possibilidade a formação de bibliotecas paroquiais, onde os vigários poderiam acompanhar e tutelar as leituras dos fiéis.

Uma questão a ser pensada no tocante ao periodismo confessional dizia respeito ao posicionamento político a ser adotado pelo futuro órgão diocesano. No jornalismo cearense do período, os jornais de maior destaque eram praticamente extensões de entidades classistas ou agremiações partidárias. Algumas folhas foram fundadas com o propósito exclusivo de servir de veículo de propaganda eleitoral, desaparecendo ao término das campanhas.⁵⁷

O bom jornal será aceito por todos os parochianos com a condição de não tratar de politica, senão pelo lado que diz respeito aos interesses da Igreja, não combatendo nenhuma opinião politica, não offendendo a nenhum partido, a não ser que este partido ou aquella opinião se declarem directa ou indirectamente contra a religião catholica.⁵⁸

Fica evidenciado o caráter apartidário que a gazeta confessional deveria assumir. O posicionamento de manter-se independente dos partidos pode ser fruto de uma estratégia da Igreja de não se indispor com a autoridade civil e buscar entendimento com o governo local independentemente do grupo político que estivesse no exercício do poder. Ademais, alguns autores trabalham com a perspectiva de uma publicação constituir em torno de si um grupo de mobilização e pressão, com peso político importante, tal qual um partido político.⁵⁹

⁵⁶ *Correio Ecclesiastico*. Fortaleza/CE, jun. 1913 p.31

⁵⁷ Entre as décadas de 1910 e 1920, destacaram-se a “Folha do povo”, vinculada ao governo Franco Rabelo; o “*Diário do Estado*”, do Partido Republicano Conservador; “*Ceará Socialista*”, do Partido Socialista Cearense; “*Folha do Povo*”, do Partido Republicano Democrata. NOBRE, op.cit., pp.132-140.

⁵⁸ *Correio Ecclesiastico*. Fortaleza/CE, nov. 1913 p.106

⁵⁹ CAPELATO, Maria Helena; PRADO, Maria Lígia. *O bravo matutino: imprensa e ideologia – o jornal “O Estado de São Paulo”*. São Paulo: Alfa & Ômega, 1980, p.11.

No efervescente cenário editorial do Ceará, os embates políticos na/pela imprensa eram constantes. Em momentos de tensão entre grupos antagônicos, não raro ocorriam empastelamentos de redações. Trabalhadores e sindicatos também faziam amplo uso dos meios impressos como instrumento de luta, mesmo na clandestinidade.⁶⁰ Para coibir estas disputas e minimizar as críticas ao governo federal, foi aprovada em 1923 a Lei de Imprensa, conhecida como Lei Adolfo Gordo (em referência ao parlamentar que foi seu proponente) ou Lei Infame (como foi alcunhada por seus opositores). O dispositivo jurídico vedava o anonimato em artigos jornalísticos e obrigava as folhas a identificarem nominalmente os autores de críticas política. Foi mais uma medida repressora do governo Artur Bernardes para conter as manifestações de opositores.⁶¹

As iniciativas de D. Manuel em promover o jornalismo católico não foram pontuais. Os periódicos confessionais foram gestados através de discussões que estavam ocorrendo em nível nacional e que mobilizavam a hierarquia católica do país já nos primeiros anos do século XX. Seguindo esse direcionamento, clérigos fundaram em 1910, na cidade de Petrópolis, a Liga da Boa Imprensa, cujo objetivo era promover e amparar o periodismo católico e fomentar a formação de bibliotecas populares.⁶²

Fruto desse projeto, surgiu, em 1915, *O Correio de Ceará*, nascido da parceria entre a Arquidiocese de Fortaleza e o jornalista Álvaro da Cunha Mendes⁶³, dono do Estabelecimento Gráfico A.C. Mendes, que funcionava como tipografia e executava serviços gráficos variados. Passaram por sua redação importantes intelectuais da cidade, como Andrade Furtado e Leonardo

⁶⁰ GONÇALVES, Adelaide. SILVA, Jorge E. *A imprensa libertária do Ceará – 1908-1922*. São Paulo: Imaginário, 2000; CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. *Minorias silenciadas: história da censura no Brasil*. São Paulo: Edusp, 2002.

⁶¹ CARONE, *op.cit.*, pp.1359-369.

⁶² *Correio Ecclesiastico*. Fortaleza/CE, mai. 1913, p.15. A Liga da Boa Imprensa foi uma iniciativa do Frei Pedro Sinzing, com o objetivo de coordenar nacionalmente a atividade jornalística católica e incentivar a constituição de jornais e bibliotecas confessionais. ALMEIDA, Cláudio Aguiar. A Igreja e o Cinema "Vozes de Petrópolis", "A Tela" e o jornal "A União" entre 1907 e 1921. In: CAPELATO, Maria Helena (Org.). *História e cinema: dimensões do audiovisual*. São Paulo: Alameda Editorial, 2011. pp. 316-317.

⁶³ O proprietário da folha, o jornalista Álvaro da Cunha Mendes, circulava entre a intelectualidade local. Trabalhou anteriormente no *Diário do Estado*, gazeta vinculada ao governo do Ceará. Era sócio do Círculo Católico de Fortaleza, entidade que congregava os intelectuais católicos da cidade e da sucursal cearense da Liga da Defesa Nacional, uma instituição patriótica, fundada em 1916, no Rio de Janeiro. Dentre os fundadores da referida agremiação estava o escritor Olavo Bilac.

Mota, além do escritor Antônio Sales. Obteve o esforço pessoal de D. Manuel tanto em sua criação quanto em sua divulgação:

No Ceará o poder e a maestria de nosso amado Diocesano soube, com pequeno esforço e sem dispendio de capital, lançar á publicidade um diario catholico, nos moldes da imprensa hodióderna e na perfeição a que difficilmente chegam os jornaes.⁶⁴

Em um mercado editorial em que abundavam publicações políticas e literárias, o diário foi o pioneiro no jornalismo informativo da cidade e também o grande inovador da imprensa cearense na década de 1910. Diferentemente das folhas católicas que existiam no século XIX e do início do século XX, a nova leva de gazetas confessionais teve que se adaptar ao periodismo hodierno para atrair os leitores e, de certa forma, dar maior credibilidade aos empreendimentos católicos, distanciando-se do simples proselitismo religioso.

Jornal é **jornal**; não é missa rezada, nem sermão de quaresma. Clero e católicos precisamos de um **jornal**, de um órgão diário, sim, aparelhado para a vida moderna, para defesas e ataques em dados momentos que, por inevitáveis, apareçam, mas sem solidéu e sem escapulário, à secular, nunca como arremedo e arremesso do **missal** diário.⁶⁵

No discurso eclesiástico acerca da imprensa, fica patente uma ambiguidade estabelecida com os elementos da modernidade. Ao mesmo tempo em que condenou sua suposta má influência, atribuindo-lhe parte da responsabilidade pela crise moral, apropriou-se amplamente de seus signos como instrumento de divulgação e mesmo de ação.

Ao cabo de sete anos, a parceria entre a Arquidiocese e o diário chegou ao fim. Aloísio Pinto e Tânia de Andrade Furtado afirmam que o *Correio do Ceará* foi preterido pelo *O Nordeste* na década de 1920 por parte da cúpula católica local. O primeiro alega que o *Correio* tratava-se de um empreendimento particular, enquanto a segunda afiança que o tom

⁶⁴ *Correio Ecclesiastico*. Fortaleza/CE, jun. 1915, p.105.

⁶⁵ CARVALHO, Joaquim José de – *O Catolicismo na República – Rápido estudo histórico-filosófico apud LUSTOSA, idem, ibidem*. Grifo no original.

demasiadamente político da folha de Álvaro Mendes contrariava as diretrizes arquidiocesanas, que almejava um jornal de feições suprapartidárias.⁶⁶

O surgimento do segundo diário não implicou no desaparecimento do primeiro. Em 1928, o *Correio do Ceará* publicou uma carta de D. Manoel enviada à redação por ocasião do 13º aniversário do órgão informativo:

Tendo o “Correio do Ceará” **nascido sob os auspícios da Religião**, que lhe embalou o berço, o amparou nos primeiros passos e dirigiu e moderou os ardores de sua primeira juventude, é justo que o felicitemos agora que, mais adiantado em annos, vae tendo mais alentos de virilidade. Fazemo-lo, pois, de boamente, pedindo a Deus pela sua prosperidade material, e para que jamais se afaste de seu **primitivo espírito**, fazendo sempre o bem e evitando cuidadosamente ser vehiculo, mesmo indirecto do mal”.⁶⁷

As palavras do prelado ratificam que o *Correio do Ceará* já não estava mais sob proteção da Igreja cearense, mas ainda assim reforça o fato de que a referida folha ainda era uma gazeta de orientação católica. Com efeito, muitos elementos presentes no discurso e na estrutura do vespertino o assemelham a seu congênere. O fato de o redator-chefe de *O Nordeste*, Andrade Furtado, ter trabalhado no *Correio* explica parte dessa afinidade. Também ali havia espaço para notas das atividades desenvolvidas pelo clero local, por algumas entidades católicas, bem como de notícias relativas ao Vaticano. Acima de tudo, o *Correio do Ceará* continuou se autodeclarando um jornal católico e como tal era conhecido pelo público.

O Nordeste surgiu em 1922 e circulou até 1967. Serviu de importante canal para criticar o regime republicano e reivindicar maior espaço do catolicismo na vida pública. No presente trabalho, esta gazeta ganha destaque em relação ao *Correio*, pelo fato de desenvolver uma atuação mais acentuadamente militante que seu confrade e pela ligação que estabelecia com o clero e a ação católica no período estudado. O jornal pertencia à empresa Editora de Autores Catholicos – Edições e Livraria, de propriedade de A.

⁶⁶ PINTO, José Aloísio Martins. *Serventuários das trevas: os bolcheviques na imprensa católica – 1922-1932*. 2005. Dissertação (mestrado) História Social. Universidade Federal do Ceará; FURTADO, Tânia Cristina Tavares de Andrade. *O Nordeste: trajetória de um jornal católico*. Monografia (bacharelado em comunicação social da UFC) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 1990.

⁶⁷ *Correio Do Ceará*. Fortaleza/CE, 02 mar. 1928, p.1. Grifo meu.

Idelfonso Araujo & Cia. Tal qual seu antecessor, tratava-se de um empreendimento privado. A tipografia da empresa imprimia outros jornais, como *Reação*, *O Maranguape*, *O Serrano*, *O Phenixta*. Sintonizada com os direcionamentos da Boa Imprensa, a empresa jornalística também comercializava livros. Segue abaixo lista com alguns exemplares disponibilizados ao público em outubro de 1922:

Livro	Autor
Apologia Scientifica da Fé Christã	Padre J.B. Sanderens
Catecismo Catholico Popular	Spirago
Lampejos Sacros	Affonso Celso
O dia de uma filha de Maria	-
Manual do bom catholico	-
Gemidos da mãe de Deus	Padre Theodoro de Almeida
Jesus ao coração do jovem	C. Zamboni
A mulher na escola de Maria	Abbade Larfieul
Os frades	J. Lemos
As 7 palavras de Christo na Cruz	Cardeal Bellarmino
História da Beata Margarida Maria	Bougard
Vida de Santa Izabel	Padre José de Sousa Amado
Maria ensinando a mocidade	-
Compendido de Theologia Moral	Gury
Grande Catecismo Catholico Popular	Deharbe

As obras disponibilizadas, em sua maioria, são doutrinárias, apologéticas e hagiográficas. Predominavam os autores estrangeiros, embora obras dos intelectuais ligados ao Centro D. Vital fossem agregadas ao acervo com o passar do tempo. Embora a temática religiosa praticamente monopolizasse as prateleiras, percebe-se que os exemplares eram destinados a um público variado, com títulos específicos para crianças, mulheres e jovens. Chamam a atenção na composição da livraria não apenas os livros que a

compõe, mas também as temáticas que ela exclui. Estão ausentes romances, livros políticos, humorísticos e publicações de autores não-católicos, supressões explicadas tanto pela segmentação do empreendimento, quanto pelo compromisso deste com os rígidos princípios da Boa Imprensa.

Sete anos separam a fundação dos dois maiores diários católicos do Ceará. Contudo, parece que à época do lançamento de *O Nordeste*, ainda persistia a grande demanda de leitura que existia quando do surgimento de seu confrade.

Negar o poder da palavra escripta, o valor da imprensa, nos tempos que correm, é uma cegueira que não se pode acceitar. As pessoas observadoras notam uma fome de leituras se alastrando no seio de todas as camadas sociaes. Nos bondes, nos trens, nos vapores, nas praças, nas ruas e nas casas, por toda a parte encontramos os nossos semelhantes com livros, jornaes e revistas. Chreanças, moços, velhos, pobres e ricos, letrados e ignorantes, todos gostam de ler alguma cousa. A sêde de ler é mesmo devoradora. A leitura mais propaganda é a do jornal, porque varia com os dias e com as horas do dia; por que está ao alcance de todas classes e de todas as idades. O operario ao sahir das officinas e até a cozinheira, depois de servir o jantar aos seus patrões, gostam tambem de se pôr a par das noticias do dia. E é muito razoavel o seu gosto.⁶⁸

Uma folha poderia ser lida por uma pessoa razoavelmente alfabetizada que se tornava um agente disseminador, na medida em que transmitiria e comentaria seu conteúdo à sua família e/ou círculo de convivência. O hábito de ler parecia ser um ato coletivo de compartilhamento de informações. Para uma causa política, esse circuito de divulgação era essencial.

Era de interesse da gazeta multiplicar seu universo de leitores, para além do retorno econômico. Recomendava que os exemplares já lidos fossem emprestados ou doados às pessoas que não tinham meios para adquiri-los. Exortava o público leitor a fiscalizar com rigor a entrada dos escritos em seus lares e aconselhava rasgar, queimar ou devolver os exemplares da má imprensa.

O Nordeste contemplava artigos de clérigos e leigos, além de reproduzir cartas e comunicados da Arquidiocese e do Papa. O empenho dos párocos na

⁶⁸ *Vamos pra frente. O Nordeste*. Fortaleza/CE, 05 jul. 1922, p.1

divulgação da folha junto aos fiéis fez com que o vespertino alcançasse em poucos anos o posto de diário com o maior número de assinaturas do estado. Os padres também comentavam as matérias ali veiculadas durante os ofícios religiosos, estabelecendo entre o templo e a redação um intenso intercâmbio. O púlpito sacralizava a imprensa e o jornal politizava a fé.

A primeira edição do diário saiu em 29 de junho de 1922. No número inaugural, D. Manoel da Silva Gomes destacou que o jornal iria dedicar-se aos interesses da religião, mas salientou que não seria o órgão oficial da Arquidiocese.

Nascendo sob os auspícios da Religião, a cujos sublimes interesses se vae dedicar ainda que sem a feição de um jornal puramente religioso, merece “O Nordeste” nossos aplausos e nossas bençams. Á semelhança do “Correio do Ceará”, também jornal de orientação catholica, não sera elle orgam official da Archidiocese, conservando-se autonomo dentro dos limites da disciplina e dos ensinamentos da Igreja.⁶⁹

Tal como ocorrera com o *Correio do Ceará*, o recém-fundado diário não era apresentado como jornal oficial da Igreja no Ceará, papel que cabia ao *Boletim Archidiocesano* (que substituiu o *Correio Ecclesiastico* em 1918). Permaneceu o propósito de oferecer ao público uma folha que, embora católica, não apresentava feições estritamente religiosas.

O vespertino possuía 4 páginas, sendo que a terceira delas era dedicada quase que exclusivamente aos anúncios publicitários. Em ocasiões extraordinárias, como nas edições de aniversário ou comemorativas, o número de páginas aumentava. Em 1927 o jornal chegou a ter duas edições diárias, uma de manhã e outra pela tarde. As notícias nacionais e internacionais chegavam à redação através de telegramas (via agências de notícias) ou eram veiculadas a partir da leitura de periódicos de outros locais, principalmente os jornais católicos. Contava com artigos sobre política, esportes, página literária, página feminina, assuntos religiosos e notícias sobre o cotidiano da cidade. No tocante ao formato, a gazeta não se diferenciava de um congênere não-confessional. Sua estrutura passou por reformulações constantes no período analisado, com o acréscimo e/ou supressão de colunas e mudança no quadro de colaboradores.

⁶⁹ *O Nordeste*. Fortaleza/CE, 06 jun. 1922, p.1.

As páginas de *O Nordeste* deixam entrever a intensa colaboração entre a referida folha e a Arquidiocese, seja na divulgação das comunicações e circulares do governo arquidiocesano, no registro regular de visitas do arcebispo à redação, no relevo dado a notícias relativas à Santa Sé ou nas abertas declarações de submissão aos desígnios da Igreja.

“O Nordeste”, que se preza de manter uma orientação integralmente catholica, agradece, com abundancia de coração, a delicada visita do exmo. sr. Dom Manuel, a quem apresenta os protestos da mais alta reverencia e submissão filial, ao mesmo passo que deseja constantes progressos ao seu fecundo e brilhante episcopado, para gloria e honra do Ceará e da Religião.⁷⁰

Manter uma empresa jornalística exigia aporte financeiro considerável, daí o persistente apelo do clero e do próprio jornal à comunidade católica do estado para apoiar a causa da “boa imprensa”. Monsenhor Tabosa Braga era um dos mais atuantes promotores do periodismo católico no Ceará. A respeito do surgimento deste último e sobre o papel do órgão informativo, comenta:

[...] Representa elle uma justissima aspiração do clero e dos catholicos do Ceará[...] A nossa terra não necessita mais de jornaes politicos, precisa de um orgão de leitura desapaixonada e sadia que oriente com intelligencia e patriotismo o povo no cumprimento dos seus sagrados deveres para com Deus e para com os seus semelhantes.⁷¹

Colocava-se como obrigação de bom católico a leitura, a assinatura e a difusão da imprensa confessional. Para potencializar a captação de recursos, a cúpula eclesiástica nacional criou o Dia da Boa Imprensa (2 de fevereiro, Dia de Nossa Senhora da Purificação). Na ocasião, eram organizadas quermesses e coletas em prol do jornalismo de orientação católica.⁷²

Fidelizar os leitores era um desafio permanente, ainda mais em um cenário editorial movimentado, com grande oferta de escritos, dos quais a maior parte tinha uma duração efêmera. Em 1929, a gazeta queixava-se do “excesso” de publicações que circulava na capital.

⁷⁰ O exmo. sr. Arcebispo Metropolitano visita a redacção d’ “O Nordeste”. *O Nordeste*. Fortaleza/CE, 16 jan. 1924, p.1.

⁷¹ TABOSA, Padre Antônio. Realidade consoladora. *O Nordeste*. Fortaleza/CE, 07 jul. 1922, p.1

⁷² O dia da Boa Imprensa. Editorial. *O Nordeste*. Fortaleza/CE, 02 fev. 1926, p.1.

Quem não conhece, quem passar pela nossa urbe apenas os poucos instantes que uma viagem de navio proporciona, e vir gritar o pregão de varios nomes de gazetas ha de nos tomar pelo povo mais culto do mundo. Jornaes temos em demasia. E, na carreira em que as cousas vão, não tardará muito seja o numero delles superior ao dos leitores.⁷³

A direção de redação da folha cabia a Manuel Antônio de Andrade Furtado, bacharel em Direito, professor, jornalista e um dos intelectuais mais atuantes da cidade, com passagem por várias organizações católicas de Fortaleza. O advogado José Martins Rodrigues era co-responsável pela redação; Idelfonso Araújo, o diretor. Luis Sucupira, Raimundo Menezes, Vasco Furtado, Rosendo Ribeiro, Ananias Arruda e Acúrcio Saraiva passaram pela redação ao longo da década de 1920.

O Nordeste buscava estabelecer um intercâmbio com o Centro D. Vital. Artigos de *A Ordem* eram frequentemente reproduzidos no vespertino. Rosendo Ribeiro, jornalista do diário, era o agente da referida revista na cidade. Livros do laicato carioca, além de serem vendidos na livraria mantida pela empresa jornalística, eram amplamente publicizados e comentados nas edições do jornal.

Lemos ha pouco, com grande admiração e sincero conforto intellectual o trabalho de Hamilton Nogueira – “A doutrina da Ordem”, um dos melhores livros editados em nosso país nestes últimos tempos. Pertence à collecção de optimos volumes publicados pelo “Centro D. Vital”. Com este livro forte e opportuno, o autor prestou ao Brasil um concurso cívico de inestimável alcance. Quem quer que o leia sente robustecer-se no espírito o sentimento de respeito à autoridade, de submissão à lei e à ordem.⁷⁴

Alceu de Amoroso Lima (o Tristão de Ataíde) enviava suas contribuições para a folha cearense na condição de colaborador eventual. Sendo assim, fica evidenciado o propósito de articulação do movimento leigo católico em nível nacional através da imprensa e da divulgação da produção escrita do laicato.

No plano local, o diário concedia ampla divulgação às atividades das muitas associações católicas que atuavam na cidade. Tornava público seus

⁷³ Commentarios. . *O Nordeste*. Fortaleza/CE, 05 mar. 1929, p.1.

⁷⁴ Centro D. Vital. *O Nordeste*. Fortaleza/CE, 17 dez. 1925, p.1

propósitos, suas reuniões e, em algumas ocasiões, pedia aos leitores que contribuíssem financeiramente para as mesmas.

As folhas confessionais não raro encetavam polêmicas jornalísticas. Em Sobral, Deolindo Barreto, redator-chefe de *A Luta*, demonstrou publicamente ser contrário à presença de um crucifixo no Fórum daquela cidade, o que foi estopim para um acalorado debate com o *Correio da Semana*, semanário da diocese local. O bispo Dom José Tupinambá da Frota chegou até a proibir a leitura de *A Luta* aos fiéis, sob pena de excomunhão.⁷⁵ *O Nordeste* tomou partido da querela, em defesa de seu confrade sobralense”⁷⁶ Também trocou farpas com o *Diário do Ceará*, jornal governista, motivadas por críticas ao atraso do pagamento no funcionalismo público.

A irritabilidade com que os confrades do “Diário” responderam á nossa nota sobre pagamento ao funcionalismo, vem provar, sobejamente, que lhes fallecem argumantos para contesta-la. E para supprir essa carência chegam á creancice de afirmar que “O Nordeste” está em “*velada opposição ao governo, máogrado as atenções e favores dispensados pelo executivo do Estado ao egregio chefe da igreja cearense e ao clero, de que se diz portavoz*”. Os amigos dos governos são tão affeitos a ver só o que lhes agrade e a nunca ouvir qualquer censura aos seus ídolos[...]⁷⁷

As polêmicas eram muito comuns no jornalismo da capital, tendo em vista o caráter político e/ou partidário dos órgãos de imprensa da cidade. As contendas chegavam a se estender durante vários dias com réplica e tréplicas nas edições das partes litigantes. A edição de *O Nordeste* de 21 de janeiro de 1927 trazia de uma só vez desagравos ao *Correio do Ceará*, por acusações mútuas de favorecimento junto aos grupos políticos; e com *O Ceará*, por este órgão de informação reproduzir uma notícia que tratava dois padres italianos como integrantes de uma agência clandestina de imigração, fato que *O Nordeste* contestava. No caso d'*O Ceará*, as animosidades se desdobraram em

⁷⁵ De acordo com Chrislene Santos, *A Luta* era jornal liberal, democrata e crítico dos grupos oligárquicos locais. A postura lhe rendeu ao diretor da folha, Deolindo Barreto, inimigos políticos. O jornalista acabou assassinado em 1924. SANTOS, Chrislene Carvalho dos. *Construção social do corpo feminino (Sobral – 1920/1925)*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Pernambuco; Universidade Estadual do Ceará, 2000, p.25.

⁷⁶ Um jornalista blasphema contra Christo. *O Nordeste*. Fortaleza/CE, 29 set. 1922 p.1

⁷⁷ Pagamento ao funcionalismo. *O Nordeste*. Fortaleza/CE, 22 set. 1922, p.1.

um episódio de agressão física entre o diretor desta folha, Matos Ibiapina⁷⁸ e Andrade Furtado.

O jornal deixava claro em sua epígrafe que seu propósito não se limitaria a veicular notícias, uma vez que se declarava um órgão de informação e ação católica. Apesar de se proclamar apartidário, era um jornal marcadamente político. A conturbada década de 1920 era também uma época de tomada de posições e o próprio diário declarava que não era desejável permanecer neutro no momento. “É menos perigoso tomar um mau partido do que não tomar nenhum”.⁷⁹ *O Nordeste* assumiu uma postura de caráter militante, pedagógico, com a dupla atuação no campo religioso e político, com o objetivo de formar opiniões e modelar condutas.

⁷⁸ Matos Ibiapina era jornalista, professor, ex-deputado federal e membro da Academia Cearense. Era crítico da intolerância dos segmentos católicos. MENESES, Vladir. Júlio de Matos Ibiapina. *Revista do Instituto Histórico do Ceará*. Fortaleza. Tomo CIV, 1990, pp.185-193.

⁷⁹ *O Nordeste*. Fortaleza, 18 jul. 1922 p.1

1.3 - Intelectuais católicos

*Esse catholicos – o laicato de acção - representam o povo eleito, o sacerdote regio, a raça privilegiada de Deus [...]*⁸⁰

Ao tratar sobre a atuação da imprensa confessional em Fortaleza, é pertinente fazer uma análise dos sujeitos que integravam o segmento jornalístico católico da cidade. Parte importante do movimento leigo foi encampada pelos intelectuais, e foram estes que, na condição de administradores, redatores ou colaboradores, levaram à frente a empreitada dos periódicos católicos, coadjuvados pelo clero. A articulação entre clérigos e laicato é um elemento fundamental para compreender a ação política e social da Igreja nas últimas décadas da Primeira República. Para mobilizar a população católica, o espaço das letras era um canal privilegiado para a atuação da coalizão hierarquia/laicato, notadamente o espaço do jornalismo. Nele, o elemento leigo ganhou proeminência na ação católica.

Em meio à grande efervescência ideológica do período, os intelectuais, perfilados ou não à ação católica, chamaram para si a responsabilidade de refletir a respeito da delicada situação política do Brasil e traçar caminhos para contornar a crise institucional vivida pelo país. Nesse exercício, não hesitavam em apontar os equívocos do regime político em curso há mais de 30 anos, sem, entretanto, resolver os problemas endêmicos herdados do Império e aqueles engendrados pela própria lógica política republicana. Compreender as causas da crise e estruturar soluções estava na ordem do dia.

Uma obra que simbolizou esta missão de entender o Brasil de maneira mais ampla, englobando a política, a economia, as letras e as instituições como um todo, foi *À margem da História da República*, organizada por Vicente Licínio Cardoso, lançada em 1924. O livro abriga artigos de intelectuais de variadas filiações ideológicas, unidos no propósito de fazer um balanço dos 35 anos de regime republicano naquele momento. A maioria não escondia o desapontamento com os rumos da política nacional.

⁸⁰ Acção Catholica. *O Nordeste*. Fortaleza/CE, 31 out. 1928, p.1.

Republicanos, dissemos; e onde a República, onde o regime representativo, onde a moralidade administrativa, onde o amor às coisas públicas? Há sim, oligarquias, impunidade, fortunas sabidamente pertencentes ao povo e audazmente desviada dos cofres públicos. Há os vícios da injustiça e a falsificação sistemática dos próprios valores intelectuais. Há a hipocrisia, a falsidade, o próprio requinte no iludir. Há a desconfiança recíproca, a solidariedade para o mal.⁸¹

Via de regra, estes homens advinham das camadas médias, com trânsito nas esferas governamentais, e mantinham ligação direta ou indireta com os grupos oligárquicos dominantes. Em muitas ocasiões, exerciam funções públicas. O Estado era uma instância fundamental, alvo e agente da transformação que se desejava alcançar. O fortalecimento do poder estatal era um ponto de intersecção com os segmentos não-católicos (na acepção do engajamento na militância).⁸²

É inegável afirmar que a intelectualidade brasileira foi influenciada pelo pensamento europeu, até mesmo porque a crise do sistema liberal se processava em escala mundial. Contudo, as peculiaridades da dinâmica político-social do Brasil foram consideradas em sua análise. Não era desejável trasladar as ideias europeias se estas não fossem capazes de dar respostas ao caso brasileiro. Inclusive, uma das críticas mais recorrentes ao sistema republicano era que este se tratava de uma importação inadequada de modelos e práticas políticas que se mostraram incompatíveis com a realidade brasileira, como no caso do positivismo francês e do federalismo americano. Diante da fragilidade das elites dirigentes e da passividade popular, a intelectualidade chamou para si parte da responsabilidade para conduzir o país.

Enquanto não se formar no Brasil pela preponderância das inteligências construtivas uma “elite” de diretores mentais que

⁸¹ MIRANDA, Pontes de. Preliminares para a reforma constitucional. In: CARDOSO, Vicente Licínio. *À margem da História da República*. Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 1981, p. 16

⁸² Sobre a relação destes sujeitos com a esfera estatal, Lamounier comenta: “*Frequentemente vinculados por dependência ou por profissão ao serviço do Estado, é compreensível que dedicassem significativos esforços à reflexão histórico-política, expressando através dela um anseio de fortalecimento do poder público central*”. LAMOUNIER, Bolívar. Formação de um pensamento político autoritário na Primeira República: uma interpretação. In: FAUSTO, Boris. *História Geral da Civilização Brasileira (tomo III, Brasil Republicano, v.IV)*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006, pp.383-384.

saibam menos discutir questões “jurídicas” e mais questões “políticas”, que mostrem menos erudição de constitucionalistas americanos e mais conhecimento das realidades práticas do Brasil, uma “elite” conjugada ativa e energicamente em agremiações partidárias ou em torno de **figuras excepcionais**, de modo a suprir pelo influxo da sua ação as deficiências de **um meio ainda incapaz de se dirigir a si próprio**, enquanto não se conseguir organizar os elementos de direção de uma sociedade que não sabe se guiar por si mesma [...]⁸³

Nos escritos desses homens de letras é factível a presença de um pensamento conservador e elitista, sem planos para alterar a estrutura social excludente. Acreditavam que os destinos do país deveriam ser confiados a indivíduos que possuíam aptidões advindas de sua formação intelectual. A escolha por caminhos institucionais também era clara. A elite intelectual teria a incumbência de guiar a massa de iletrados para supostamente salvaguardá-las do perigo revolucionário.

Não estamos preparados, nem cuidamos de preparar as massas. Tememos as mudanças, as próprias reformas constitucionais; e corremos o risco de cair na desordem. Defender a ordem não é querê-la a todo custo e como sustentáculo de falidos processos antigos; é criar novos processos para a tornar possível.⁸⁴

No caso específico da intelectualidade católica, o objetivo maior era influenciar os condutores da política nacional em uma intervenção mais efetiva em favor das demandas da Igreja e preparar as massas como base de apoio. Na passagem do século XIX para o século XX, eram poucos os homens de letras que se engajavam na militância católica, quadro que se alterou sensivelmente a partir da década de 1910. O propósito de recristianização dirigido ao Estado também buscava alcançar a intelectualidade do país.⁸⁵ O desafio consistiu em fazer frente ao agnosticismo que predominava entre as camadas letradas da nação, e formar uma elite intelectual organizada e atuante era um dos pontos fundamentais da reação católica.

⁸³ AMADO, Gilberto. As instituições políticas e o meio social no Brasil. In: CARDOSO, *op.cit.*, p. 57. Grifo meu

⁸⁴ MIRANDA, *op.cit.*, p.10

⁸⁵ Héglio Trindade atribui a escassez de intelectuais católicos no referido período a um processo de laicização da *intelligentsia* brasileira entre os anos de 1850 a 1890. TRINDADE, Héglio Trindade. Integralismo: o fascismo brasileiro da década de 30. São Paulo: Difel, 1979. p. 30; ROMANO, Roberto. *Brasil: Igreja contra Estado*. São Paulo: Kairós, 1979, p. 12.

O cenário intelectual assinalava uma nova era de tomada de posicionamento. Ao comentar o livro, *Pascal e a inquietação moderna* (1922), obra recém-lançada de Jackson de Figueiredo, *O Nordeste* assinalou o esforço da intelectualidade católica brasileira em compreender a realidade do país.

A litteratura brasileira ainda é uma literatura de poetas. Nella difficilmente se encontra este typo intellectual que é amigo do idealismo vago, é apaixonado da cultura verbal e de artificios rethorica. Foge das questões concretas e tem horror ao esforço demorado e continuo. Fascina-o o diletantismo.

Felizmente, já ha um surto de vida nova, ha uma renovação em nosso ambiente intellectual. As questões sociologicas, os problemas moraes, os themas philosophicos, a critica religiosa, já encontram espiritos pacientes e investigadores. [...] ⁸⁶

Os pensadores católicos alvitavam uma nova sensibilidade para abrir-se ao mundo e nele interferir.⁸⁷ Em meio às experimentações ideológicas, às conturbações da política nacional e à ampla gama de temas a ser analisada, *O Nordeste* propunha o acatamento à autoridade eclesiástica como elemento disciplinador das hostes católicas.

No aspecto corporativo, o destaque nacional ficou por conta do Centro D. Vital, sediado no Rio de Janeiro, cuja fundação em 1922 pode ser tomada como um símbolo da renovação política dos segmentos católicos.⁸⁸ Esses grupos eram leitores de ícones do pensamento contra-revolucionário europeu, como Joseph De Maistre e Louis De Bonald. Também se apropriaram do pensamento de São Tomás de Aquino, no sentido de buscar a conciliação entre fé e razão, em contraposição à racionalidade autônoma e/ou agnóstica dos livres pensadores.⁸⁹

Havia vários pontos de intersecção entre o ideário do laicato católico e dos pensadores não-engajados na militância católica. Além do desapontamento com a República, o nacionalismo era um elemento comum a

⁸⁶ Pascal e inquietação moderna. *O Nordeste*. Fortaleza/CE, 18 ago. 1922, p.1.

⁸⁷ João Alfredo Montenegro detalha a renovação do laicato católico : “[...] iam-se articulando os signos de uma ideologia mais aberta ao mundo contemporâneo, iam-se traçando paulatinamente as linhas de um pensamento católico que, malgrado manter raízes naquela herança, consubstanciada fortemente no Tradicionalismo, haveria de recondicioná-lo e atualizá-lo por assim dizer, abrindo novas perspectivas sociais e políticas para o que poderia ser uma nova ordem.” MONTENEGRO, *op.cit.*, 1986, p.115.

⁸⁸ TRINDADE, *op.cit.*, p.7., p.7.

⁸⁹ MONTENEGRO, *op. cit.*, p.141.

ambos, sendo o diferencial sua associação com a religião na reflexão dos pensadores católicos:

O nacionalismo é a causa da redempção do Brasil; só elle poderá provar, em breve, ao nosso povo quanto pode o amor do bem publico, o zelo das nossas instituições e o conhecimento dos nossos legítimos problemas para aquelles que collocam acima de tudo na vida a defesa nacional, sob os princípios incorruptiveis de Deus e da Patria, subjetivismo puro, que não impede tambem trabalhar intensamente, corajosamente, abnegada, pela nossa emancipação economica.⁹⁰

Por ocasião do centenário da Independência, em 1922, o Círculo Católico de Fortaleza e o jornal *O Nordeste* promoveram uma série de conferências cujo fio condutor era a relação entre catolicismo e nacionalismo, nas quais leigos e padres se revezavam na função de palestrantes. A aparente contradição entre uma fé que se pretendia universal e a exaltação da nacionalidade foi dissolvida em um discurso que coloca a religião católica como cerne da identidade nacional.

Como figura basilar do movimento católico sobressaiu Jackson de Figueiredo, co-fundador da revista *A Ordem* e do Centro D. Vital, epicentro do associativismo intelectual católico do país. Alceu Amoroso Lima, o Tristão de Ataíde, crítico literário e substituto de Figueiredo na direção do Centro quando da morte prematura deste, em 1928, sintetizou o propósito dos intelectuais na ação católica: “Não é possível isolar, como vimos, as letras da política, a vida de cada espírito da vida do espírito coletivo, das forças gerais que animam um povo, que lhe dão fisionomia.”⁹¹ A ação católica no campo intelectual era fortemente politizada e abrangente, abarcando o político, o social, o cultural e o religioso.⁹²

Também eram católicos de destaque: Felício dos Santos, membro da Academia Nacional de Medicina e diretor de “A União”; Alcebíades Delamare, diretor da revista nacionalista *Gil Blas*; Lúcio Santos, professor da Escola de

⁹⁰ DELAMARE, Alcebíades. Independencia economica. *O Nordeste*. Fortaleza, 07 set. 1922, p.5.

⁹¹ ATAÍDE, Tristão de. Política e letras. In: CARDOSO, *op.cit.*, p. 59

⁹² Lustosa reitera: [...] não podemos esquecer que a Igreja se empenhava concretamente em influir sobre os setores segundo um esquema que supunha uma visão unitária e uma concomitância de atividade: nem uma ação política desencarnada, nem uma ação social por si mesma. LUSTOSA, *op.cit.*, 1977, p.66-67.

Engenharia de Ouro Preto; Soares d'Azevedo, professor da Academia de Comércio do Rio de Janeiro, Gustavo Barroso, escritor e jornalista cearense radicado no Rio de Janeiro; Carlos de Laet, diretor do Colégio Pedro Segundo; Afonso Celso, escritor e um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras. A então capital federal ganhava destaque como epicentro da intelectualidade católica, embora as ações do laicato estivessem em curso simultaneamente em várias unidades da federação. Quase todos contribuíram em maior ou menor grau para o jornal *O Nordeste*, sendo Soares d'Azevedo colunista fixo da seção "Notas Cariocas".

O processo de revitalização da intelectualidade leiga chegou ao Ceará ainda na década de 1910. Em 1913, mais uma vez sob influência de D. Manuel da Silva Gomes, foi fundado o Círculo Católico de Fortaleza, um espaço de debates que aglutinava a intelectualidade católica local. O Círculo realizava reuniões mensais entre os associados e promovia conferências que tratavam de temáticas diversas. Eram proferidas pelos próprios sócios ou por conferencistas convidados, inclusive, de outros estados. O Barão de Studart declarou, na conferência *Jesuítas e Jesuitismo*, realizada em 1913, quais eram as intenções do Círculo.

Que pretende o Círculo? Que almejam os oradores desta casa? Afervorar a crença religiosa, defender a moral, servir à causa da verdade e da justiça, avigorar os alicerces sobre que deve repousar a humana sociedade, contrariar os planos e embotar as armas daqueles que se empenham em desnortear, combalir e perder as gerações atuais, mormente a juventude, pelo livro, pela imprensa e pela cátedra.⁹³

O Círculo Católico de Fortaleza não era um simples ajuntamento de letrados unidos por uma afinidade espiritual. Tampouco era uma agremiação fechada que se propunha a restringir a seus associados as discussões ali realizadas. O grupo era guiado pela missão de fortalecer o catolicismo e disseminar o debate era um dos pontos desta proposta. Nas conferências havia certo sentido pedagógico. Os eventos eram abertos ao público e frequentados por uma plateia heterogênea, formada por mulheres, estudantes e, muitas vezes, autoridades civis e eclesiásticas. Integrava a lista de propósitos da

⁹³ STUDART, Guilherme. Jesus e Jesuitismo. In: MONTENEGRO, *O trono e o altar – as vicissitudes do tradicionalismo católico: 1817-1978*. Fortaleza: BNB, 1992, p. 133-134.

entidade a formação e manutenção de acervo bibliográfico de “boas” leituras. O Círculo dispunha de uma biblioteca aberta a usuários externos.

As conferências não se restringiam às questões de ordem doutrinária: ciências, artes, política, cultura e sociedade eram temas analisados sob o prisma da religião. Em 1922, Helio Caracas conferenciou sobre a Teoria da Relatividade⁹⁴ e Gilberto Câmara proferiu a palestra “O centenário de Pasteur”, em que destacou como o pesquisador francês conseguiu conciliar a atividade de cientista com uma vida pessoal dedicada à piedade cristã.

O grupo era formado por militares, comerciantes, jornalistas e profissionais liberais, como Barão de Studart, Menezes Pimentel, Fernandes Távora, Dolor Barreira, Gilberto Câmara, Leonardo Mota, Manuel Antônio Andrade Furtado e Álvaro da Cunha Mendes.⁹⁵ Em 1920, o grêmio contava com cerca de 180 sócios efetivos.⁹⁶

Estes sujeitos transitavam pela Academia Cearense de Letras, Liceu do Ceará, Instituto do Ceará, Faculdade de Direito e pela imprensa local. Alguns coordenavam associações católicas. O fato de Fortaleza ser uma cidade com um perímetro urbano reduzido fazia com que a intelectualidade local se encontrasse em vários locais da urbe.

O intercâmbio entre o laicato católico era intenso. Os intelectuais católicos cearenses viajavam ao Rio de Janeiro e lá se reuniam com seus pares. Em outubro de 1928, os cariocas ofereceram um jantar aos jornalistas Gilberto Câmara e Andrade Furtado, evento que contou com a presença de Perilo Gomes, Jackson de Figueiredo e Gustavo Barroso, que discursou em homenagem a seus conterrâneos. Da mesma forma, o laicato cearense recepcionava os confrades quando estes estavam de passagem por Fortaleza. Visitas ao jornal *O Nordeste* eram comuns nessas ocasiões.

⁹⁴ No “Circulo Catholico”. *O Nordeste*. Fortaleza/CE, 30 set. 1922, p.1.

⁹⁵ O Barão de Studart, médico, diplomata e historiador era figura de proa do movimento leigo cearense. Participou da fundação das mais importantes instituições culturais do Estado, como o Instituto do Ceará (1887), a Academia Cearense de Letras (1894) e o Círculo Católico de Fortaleza (1913); Fernandes Távora destacou-se na política, sendo eleito deputado estadual, deputado federal e senador entre as décadas de 1910 e 1920. Fundou em 1921 o jornal “*A Tribuna*”, fechado quatro anos depois por questões políticas; Dolor Barreira era jurista e professor; Leonardo Mota, escritor, folclorista e jornalista, que convertera-se tardiamente à militância católica. Todos pertenceram em algum momento de sua trajetória intelectual à Academia Cearense de Letras. GIRÃO, Raimundo; SOUSA, Maria da Conceição. *Dicionário da Literatura Cearense*. Fortaleza: IOCE, 1987, pp-59-221.

⁹⁶ CAMARA, Sophocles Torres. *Almanach do Ceará*. Fortaleza: Tipografia Moderna – Carneiro & Cia., 1921, p. 239.

Apesar do predomínio do elemento leigo no movimento de revitalização da intelectualidade católica, muitos clérigos realizavam incursões no mundo das letras: o Padre Antônio Tabosa Braga, Monsenhor Liberato da Costa, Padre Valdevino Nogueira, Padre Antônio Tomaz eram nomes de destaque no segmento. Muitos desses religiosos integravam instituições, como o Instituto do Ceará e a Academia Cearense de Letras. A própria fundação do Seminário da Prainha, em 1864, está circunscrita dentro do propósito da romanização de preparação e formação intelectual do corpo clerical.

A interferência dos intelectuais na vida pública dava-se principalmente no mercado editorial, através da publicação de livros, jornais e revistas. Andrade Furtado e Cunha Mendes eram, respectivamente, redatores de *O Nordeste* e do *Correio do Ceará*, os dois maiores diários católicos do estado. Correspondiam ao perfil almejado por D. Manuel da Silva Gomes para levar à frente o projeto das gazetas confessionais cearenses: “homens de vasta erudição, homens prudentes de doutrina segura e de obediência prompta às direcções ecclesiasticas”.⁹⁷ Para a efetivação do projeto da imprensa confessional, carecia arregimentar alguns representantes da intelectualidade católica local, dispostos a colaborar com o intento da cúpula eclesiástica.

O jornalismo católico tinha que alcançar o povo, pois era sua leitura amplamente disseminada no cotidiano citadino. Além de tribuna, também era um instrumento de defesa, pois os “adversários” da Igreja também faziam uso dela. Felício dos Santos escreveu um artigo em setembro de 1928 em que defendia o emprego da imprensa para penetrar na opinião pública.

Ora, sem imprensa não ha contar a opinião.

Quando mesmo tivessesmos bons livros não seriam lidos, porque é nos diarios que o povo lê: são elles que fazem a opinião. [...] Tornou-se o jornal um habito indeclinavel, uma necessidade, mesmo porque só nelle se instrue o cidadão. Si, pois, falta o bom jornal, que lerá o povo? Que lerá o homem de bôa fé, o catholico cuja fé é vacilante por falta de solida instrucção religiosa?⁹⁸

O próprio *O Nordeste* forja uma espécie de sacralização da imprensa católica e toma o jornalismo como missão. Trabalha o diário católico com a

⁹⁷ *Correio Ecclesiastico*. Fortaleza/CE, nov. 1913 p.106

⁹⁸ SANTOS, Felício dos. Dispersos e desarmados. *O Nordeste*. Fortaleza/CE, 25 set, 1928, p.1.

noção de caridade intelectual para definir a natureza da atividade que executava.

Domina ainda um conceito myope e unilateral sobre a Caridade; continua-se a pensar que caridoso é tão somente aquele que deixa cair o obolo material nas mãos do indigente. O campo desta rainha das virtudes é muito mais vasto. [...] É a esmola das idéas, dos conceitos, da doutrina que alimenta o espirito e o fortalece nos combates da vida. É a esmola do bom jornal, que entra na casa dos que soffrem, levando-lhes a caricia confortadora dos bons costumes e da virtude e apontando-lhes as bellas regiões do Céu.⁹⁹

O jornal era a materialização do pão do espírito a ser distribuído aos que dele careciam. Disseminar a palavra era um exercício de misericórdia, de justiça e, acima de tudo, de piedade cristã. Os jornalistas exerciam múltiplas funções e não raro ocupavam cargos públicos de docência e/ou atividades de profissional liberal. Raras vezes dedicavam-se exclusivamente ao jornalismo.

Não há correspondência direta entre o intelectual católico e o periodista católico. Veja-se o caso de Gilberto Câmara, sócio do Círculo Católico de Fortaleza. Câmara era jornalista de profissão, contudo, em vez de perfilar-se no jornalismo católico, escrevia para o *Diário do Ceará*, órgão oficial do governo cearense, que em algumas ocasiões polemizou com *O Nordeste*. Manuel Fernandes Távora dirigia sua própria folha, *A Tribuna*, folha de oposição ao governo. O Barão de Studart, a mais proeminente figura do movimento leigo cearense, mantinha-se a certa distância do jornalismo.

É difícil detectar alguma originalidade na produção do laicato cearense. Muitos dos temas debatidos já estavam sendo discutidos nacionalmente e não raro, em momentos anteriores: o laicismo, o papel político e social da igreja, a obrigatoriedade do catecismo nas escolas, os limites da interação entre a religião e o Estado, etc. Muitas questões válidas para o Brasil cabiam perfeitamente na realidade política de muitos países da Europa e da América Latina, já que o relacionamento Igreja-Estado estava em crise no mundo ocidental desde fins do século XIX.

⁹⁹ MARCELINO DE MILÃO. Imprensa contra imprensa. Fortaleza/Ce, 07 set. 1922, p.4.

CAPÍTULO 2

IMPRENSA E FASCISMO

2.1 – “Precisamos de um Mussolini no Brasil” – Um novo paradigma político

O segundo decênio do século XX no Brasil foi marcado por uma grande efervescência ideológica. Liberalismo, positivismo, cientificismo, anarquismo, socialismo e fascismo foram algumas das correntes de pensamento incorporadas nas disputas de projetos políticos.¹⁰⁰ Intelectuais, agremiações partidárias e órgãos jornalísticos esforçavam-se para conciliar a apropriação de ideias estrangeiras com a elaboração de um programa de ação que tinha o nacionalismo como um elemento fundamental. Embora o clima de tensão política da década de 1920 fosse um fenômeno em escala global, as condições singulares do caso brasileiro possibilitaram a construção de um discurso específico, tanto para explicar a crise quanto para apresentar possíveis alternativas para a mesma.

Entre as matrizes de pensamento em voga no país, ganhou força entre a intelectualidade brasileira a disseminação de um pensamento autoritário no Brasil, diretamente ligado à crise do modelo liberal-oligárquico e à ascensão de ideologias libertárias, fruto da convicção de que somente um governo forte poderia dar conta de reprimir a onda de agitações internas (expressas principalmente pelas sedições militares e pelo movimento de trabalhadores). Pensar uma reação política para o Brasil que promovesse mudanças e ao mesmo tempo mantivesse as instituições eram demandas dos segmentos conservadores.¹⁰¹

O desencanto e insatisfação com a República eram gerais. No caso particular do jornal *O Nordeste*, o cerne das admoestações estava no caráter

¹⁰⁰ BEIRED, *op. cit.* p.23.

¹⁰¹ Diante das mobilizações de grupos sociais reivindicando inserção política, os intelectuais, via de regra, optaram por defender um projeto de reforma que conservasse a hierarquia social, a despeito da pressão das camadas populares. BARBOSA, Marialva. *História cultural da imprensa no Brasil: 1900-2000*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007, p.105.

laico da forma de governo adotada no Brasil a partir de 1889. A gazeta católica identificava na gênese do regime a razão para o insucesso do mesmo.

Não é, nem poderia ser mesmo, uma obra perfeita. Saía o país do regime monarchico, em que dominava o bom senso conservador, para o systema apressado das reformas liberaes. O modo como se adaptou á notável republica sul-americana a larga vestimenta usada por Tio Sam, nos Estados Unidos, não devia constituir um modelo de arte.¹⁰²

Vários editoriais da folha insistiam em apontar o que qualificavam como artificialismo do sistema de governo. Segundo o diário, os líderes do movimento transplantaram um modelo político que não se adequava à realidade nacional, e a tentativa de adaptação local produziu uma exótica fusão do liberalismo (que amalgamava o federalismo americano e o positivismo francês) com uma organização política sedimentada na hegemonia das oligarquias locais.

Desde sua fundação, em 1922, era clara a discordância do jornal com relação à forma como era conduzida a administração pública, antagonismo que ficou ainda mais explícito no decurso do tempo. Por ocasião das celebrações anuais da Proclamação da República, a data era rememorada de forma melancólica pela gazeta católica. Balanços dos anos republicanos eram feitos nesses momentos, via de regra, com saldo negativo para o sistema político vigente.

O 15 de novembro, velho no dia de hoje, de 38 annos, é assim que festejamos, no mais triste atraso: sem instrucção, sem hygiene, sem moral, sem industria; com finanças avariadas, com desfalques, com desastres, com um acervo de crimes e de erros. Eis ahi o que tem sido entre nós o regime presidencialista: não é a acephalia administrativa porque é peor do que isso, é a anarchia gerada da irresponsabilidade.¹⁰³

Na leitura do periódico confessional, o regime não cumprira os objetivos iniciais de sua implementação, como a promessa de modernizar o país. A expectativa de que a ordem e o progresso fossem efetivados após a Proclamação fora frustrada pelo quadro político instável e pelas finanças

¹⁰² A data da Constituição. Editorial. *O Nordeste*. Fortaleza/CE, 24 fev. 1925, p.1

¹⁰³ O Desastre do Campo dos Afonsos. *O Nordeste*. Fortaleza, 15 nov. 1927, p.4

públicas em situação precária; a cidadania era restrita a um número diminuto de cidadãos; as denúncias de corrupção eram constantes, assim como a permanente dependência econômica e a incapacidade de o poder público conter as rebeliões que se disseminaram no país na segunda década do século XX.

As repreensões de cunho político eram no âmbito nacional e as objeções do jornal *O Nordeste* dificilmente alcançavam frontalmente o governo do Ceará. Talvez pelo fato de o líder da Igreja no estado, D. Manuel da Silva Gomes, querer estabelecer boas relações com o poder executivo. As referências negativas à política local eram escassas. Os presidentes do Estado do Ceará no período de 1922 a 1930 (Justiniano de Serpa, Idelfonso Albano, Moreira da Rocha e Matos Peixoto) frequentemente compareciam ao lado do chefe da Igreja cearense em cerimônias públicas civis ou em celebrações religiosas.¹⁰⁴

A reforma constitucional de 1925 apresentou-se aos descontentes com o sistema vigente como uma oportunidade para rearranjar as velhas engrenagens políticas e reformá-las. Para a Igreja, era um ensejo de contemplar suas demandas na Carta Magna. Nesse sentido, o deputado paranaense Plínio Marques propôs emendas que reconheciam o catolicismo como religião oficial do país e instituíam o ensino religioso nos estabelecimentos oficiais. Em torno delas foi montada toda uma rede de pressão e negociação junto aos congressistas, articulada pela hierarquia eclesiástica, na qual a imprensa confessional se inseriu e desempenhou papel importante. O episcopado conclamava publicamente os parlamentares a dedicarem atenção especial sobre as emendas católicas. *O Nordeste* telegrafou a membros da bancada cearense no Congresso pedindo o apoio dos deputados patrícios para a efetivação do projeto de Plínio Marques.

Apellamos v. exc. nome “Nordeste”, órgão pensamento catholico Ceará, para, como “leader” bancada deste Estado, a qual deve representar sentimento povo nossa terra, apoiar emendas deputado Plinio Marques, reforma Constituição.¹⁰⁵

¹⁰⁵ A reforma da Constituição e a crise moral. *O Nordeste*. Fortaleza/CE, 18 ago. 1925, p.1. O telegrama foi endereçado ao deputado Moreira da Rocha, líder da bancada cearense. Três dias depois, o parlamentar enviou resposta confirmando consideração à causa. Pediu que suas intenções fossem comunicadas ao Monsenhor Liberato da Costa, deputado estadual e membro

A reforma constitucional era assunto obrigatório nas edições diárias de 1925. As movimentações acerca das alterações na carta magna ocuparam espaço nos editoriais, entrevistas e colunas da folha. Na leitura do periódico católico aquela era a oportunidade para o país se reencontrar com seu passado católico, além de representar um passo decisivo para a regeneração moral do país.

Uma vaga antiliberal e autoritária ganhou força após o término da Primeira Guerra Mundial à qual o Brasil não ficou imune. O liberalismo e seus valores eram postos em questão e um número cada vez maior de pensadores associava a liberdade à desordem; o parlamentarismo a uma dispersão de forças e o individualismo como um empecilho ao civismo. Nas linhas do diário cearense, a doutrina liberal era tratada como uma fórmula política esgotada que não conseguia apresentar soluções para os graves problemas da nação, principalmente no tocante ao controle social.

O liberalismo dominante permite que todos os agentes corrosivos a dignidade humana tripudiem sobre o organismo social, impunemente. O poder publico não dispõe de qualquer prophylatico em proveito da saúde collectiva. A immoralidade tem o campo aberto à sua actuação nefasta e altamente perversora!¹⁰⁶

Como parte da ofensiva contra o liberalismo no Brasil, exemplos estrangeiros eram constantemente apresentados e analisados pelo vespertino arquidiocesano, notadamente os governos mais afinados com o projeto político católico (antiliberal e anti-laico). Ganharam destaques nas páginas de *O Nordeste* as gestões do espanhol Primo de Rivera, do português Antônio Carmona e do italiano Benito Mussolini. Em comum, os três chefiavam nações latinas de forte tradição católica e exerciam governos autoritários. Destes, aquele que sobressaiu como modelo de líder para um país católico foi o primeiro-ministro da Itália.¹⁰⁷

Era estreita aproximação ideológica entre o pensamento conservador católico e a doutrina fascista, fruto dos antagonismos que o catolicismo

do Curato de São José, da Arquidiocese de Fortaleza, um indício de que a rede de pressão montada em favor das emendas católicas contava com o engajamento de clérigos políticos.

¹⁰⁶ O mal do tempo. *O Nordeste*. Fortaleza/CE, 15 fev. 1927, p.4.

estabelecia com as correntes políticas de maior expressão à época: a direita liberal e a esquerda comunista.¹⁰⁸

A hierarquia católica e o laicato (imprensa aí incluída) necessitavam elaborar um projeto político amplo para fazer frente a essas duas forças e, para tanto, precisavam de um aporte ideológico consistente que viesse a somar-se às suas convicções de ordem espiritual. Foi nesse nicho que a militância católica flertou com o *Fascio*. Em setembro de 1927, *O Nordeste* publicou uma entrevista com o Cardeal D. Sebastião Leme, que na ocasião havia acabado de regressar de Roma e registrou suas impressões sobre a Itália naquele momento.

Não só Roma, mas toda a Italia dá uma profunda impressão de progresso e de ordem [...] A mão do homem que governa aparece forte e reguladora [...] Em poucas palavras – conclue Monsenhor Leme – esta bella Italia, que foi sempre um país encantador, mas que, antes, dava a impressão de uma terra desordenada e agitada – hoje, sob a direcção de Mussolini tornou-se uma sociedade perfeita e uma nação modelar, que pela sua actividade e pela sua disciplina poderá servir como exemplo a todos os países do mundo.¹⁰⁹

A folha católica destacou elementos como progresso, ordem, força e disciplina, precisamente aqueles que os críticos apontavam como escassos na república brasileira, para justificar o entusiasmo de D. Leme. A fala do clérigo, entretanto, não deixa de entrever certo otimismo, pois o modelo mussoliniano poderia ser bem sucedido fora da Itália. O exemplo italiano ganhou ainda mais proeminência no discurso católico por se tratar de uma nação de população majoritariamente católica, que manteve delicadas relações institucionais com Igreja por várias décadas e que construía uma política de reaproximação naquele momento.

A admiração ao *Fascio* na década de 1920 não se restringia aos prelados brasileiros. A ação política dos fascistas na Itália rendeu a Mussolini prestígio e notoriedade internacional, notadamente entre aqueles desencantados com a democracia liberal e temerosos de que uma revolução comunista se estendesse para além das fronteiras da Rússia. O fascismo consolidava-se como uma terceira via e seu programa de ação prometia a

¹⁰⁸ MONTENEGRO, *op.cit.*, 1992, p. 173.

¹⁰⁹ *Entrevista com o Cardeal Leme. O Nordeste*. Fortaleza/CE, 5 set. 1927, p.3

efetivação de reformas estruturais profundas, a manutenção da segurança institucional e a garantia do direito à propriedade.¹¹⁰ Cabe ressaltar que as informações sobre política internacional chegavam à redação do vespertino cearense através de telegramas, de agências de notícias estrangeiras e pela leitura de jornais nacionais e estrangeiros. Não se pode descartar a influência destes elementos intermediadores na construção que o periódico fez sobre o fascismo.

A ação política de Mussolini foi bem sucedida por impetrar um projeto de união nacional, conseguindo ao mesmo tempo mobilizar as massas, cooptar aliados e neutralizar os opositores. O *Duce* reprimiu as esquerdas e os adversários, e apaziguou as agitações sociais em seu país, não obstante os métodos violentos que empregou para impor o fascismo como força política hegemônica. Agregou em seu discurso, em sua prática política, elementos autoritários, como as restrições às liberdades individuais e a manutenção das classes sociais, mas também, de certa forma, progressistas, como a inclusão de um projeto que englobava melhoria nas condições de trabalho do operariado.¹¹¹

Sobre o novo credo político italiano e seu respectivo líder, o jornalista católico pernambucano Antônio Fasanaro conferenciou em Fortaleza, em fevereiro de 1924, no Clube Iracema. O evento contou com a presença do então presidente do Ceará, Moreira da Rocha, da colônia italiana da cidade, de intelectuais e jornalistas.¹¹² Até então, o fascismo era visto como um fenômeno político especificamente italiano. Fasanaro destacava a aproximação com a Igreja e a disposição para dialogar com o Vaticano, apontando um possível

¹¹⁰ O historiador italiano Renzo de Felice relata que, “não eram raros os estrangeiros, até mesmo aqueles de países de tradição liberal, que olhavam o fascismo italiano com certa simpatia e que gostariam de ter algo semelhante em seus próprios países.” DE FELICE, Renzo. *Explicar o fascismo*. Lisboa: Edições 70, 1976, p. 12. Para Leandro Konder, a notoriedade de Mussolini se deveu ao fato do mesmo ter sido pioneiro de “uma nova concepção de direita” em contraposição à desgastada direita liberal. O autor salienta que “o movimento que [Mussolini] lançara e dirigia se mostrara capaz de tomar o poder, de liquidar a esquerda, acabar com as greves e impor a ordem”. KONDER, *Introdução ao fascismo*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979, p. 42.

¹¹¹ Para João Fábio Bertonha, o *Fascio* sobressaiu-se pela sua capacidade de reelaborar ideias políticas e conseguir dar uma resposta à crise. BERTONHA, João Fábio. *O fascismo e os imigrantes italianos no Brasil*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

¹¹² “Mussolini e o Fascismo” – A 1ª conferência do jornalista Antonio Fasanaro. *O Nordeste*. Fortaleza, 22 fev. 1924, p.2.

desfecho positivo para a Questão Romana, como os pontos meritórios da gestão do *Duce*.

Ora, o fascismo não somente há respeitado o catholicismo, mas tem procurado encaminhar de maneira louvavel as primeiras tentativas para uma solução honrosa da velha questão romana. E até, prevendo os beneficios da orientação fascista, o cav. Uff. Esuperanzo Ballerini, dez meses após a Marcha sobre Roma, escreveu um interessantissimo volume "Il Fascismo ed il riordinamento del Patrimonio Ecclesiastico" [...].¹¹³

As notícias relativas ao fascismo podem ser enquadradas em três fases. A primeira teve início na cobertura da Marcha sobre Roma. De início, as notícias relativas ao fascismo limitavam-se quase sempre à seção "Telegramas do Exterior". Eram breves, de cunho quase que exclusivamente informativo, via de regra, reproduções de agências de notícias. Não havia clareza acerca do que era o movimento ou do que pretendia, mas pairava uma atmosfera de apreensão com relação à potencial ameaça dos camisas-negras à segurança institucional. A cautela com relação às informações sobre a política italiana talvez tivesse origem na política do Brasil, onde sedições militares no Rio de Janeiro e no Mato Grosso desafiavam.¹¹⁴

Com a incorporação de Benito Mussolini ao governo, inicia-se a segunda etapa. Paulatinamente, o governo italiano ganhou mais visibilidade em espaços mais nobres do jornal, como as colunas e os editoriais. A partir de 1925, inicia-se a terceira fase associada à derrota das emendas católicas naquele ano e ao agravamento da crise brasileira, quando as experiências políticas estrangeiras bem-sucedidas eram avaliadas como possíveis paradigmas de ação para o Brasil. A partir de então, o jornal *O Nordeste* construiu uma imagem do primeiro-ministro italiano como um líder modelo, cujas supostas virtudes eram destacadas de acordo com as necessidades do momento.¹¹⁵ Se o objetivo era expor as fragilidades da democracia brasileira, mostrava-se que o autoritarismo do *Fascio* era mais eficiente para manter a ordem.

¹¹³ O fascismo e o Vaticano – Ao "O Nordeste" fala o intellectual pernambucano, Antonio Fasanaro: Mussolini e S. Santidade Pio XI. *O Nordeste*. Fortaleza/Ce, 21 fev.1926, p.1.

¹¹⁴ CARONE, Edgard. *Revoluções do Brasil contemporâneo (1922-1938)*. São Paulo: Ed. Ática, 1989, pp. 32-35.

¹¹⁵ GIRARDET, Raoul. *Mitos e mitologias políticas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987. p.82.

Mussolini é uma força moral considerável. Ao ser interpellado porque não deixava que o governo caísse nas mãos do povo, respondeu: “Quando me provarem que os marinheiros dirigem melhor o navio do que o capitão, cederei” [...] Ahi está a obra eminentemente construtora de Mussolini.¹¹⁶

Repetidas vezes o vespertino estabeleceu comparação entre as democracias e as ditaduras, não do ponto de vista teórico, mas a partir de experiências práticas que se processavam no momento. Criticava-se não somente o sistema de escolha pelo voto popular (embora no Brasil o sufrágio fosse restrito a uma minoria), mas a própria organização e divisão das atribuições do poder público. Segundo as críticas, o sistema político brasileiro, em que o chefe da nação fazia concessões como parte de uma política de barganha em nome das alianças partidárias, dava margem ao enfraquecimento do mesmo. O federalismo tornava o princípio da autoridade ainda mais difuso e aparecia associado à fraqueza, à hesitação e à pusilanimidade.

Argumentava o órgão jornalístico que, enquanto na democracia as atribuições do poder público estavam dissolvidas em várias instâncias administrativas, o governante autoritário tomava para si a responsabilidade de gerir e conduzir a nação em uma intervenção mais efetiva.

Qualquer que seja a maneira de julgar os actuaes dictadores, um homem de senso não póde deixar de simpatizar com as attitudes destes homens fortes e corajosos, cujo patriotismo tem-se posto acima de todas as inconveniencias, podendo salvar a patria de varios e graves perigos. E não padece duvida que entre todos os dictadores contemporaneos é Mussolini o que se tem tornado mais notavel pela directriz de seu governo, pela coragem dos seus actos, pela sua tenacidade. [...] ¹¹⁷

Apesar de apregoar a falência da democracia, essa premissa foi relativizada. Segundo o jornal, os princípios democráticos estariam defasados se analisados a partir da perspectiva liberal. O diário colocava na discussão uma nova concepção de democracia da qual o fascismo seria um de seus expoentes. Supostamente o referido regime seria expressão da vontade popular e seu líder agiria de acordo com as necessidades do povo ou da forma

¹¹⁶ *A Italia hoje. O Nordeste. Fortaleza/CE, 25 nov. 1927, p.4.*

¹¹⁷ *Justiça que não recua. Notas e fatos. O Nordeste. Fortaleza/CE, 13 jan. 1929, p.1.*

que era melhor para este. Já o bolchevismo soviético aparecia como o oposto, expressão máxima do autoritarismo entre os povos.

A Italia tem-se mostrado, no governo de Mussolini, o país modelo da democracia. [...] Muitos plebiscitos já se têm realizado em outros países, mas nunca com a eficiência com que a Italia o está fazendo. O povo italiano vem mostrando perfeitamente ser discípulo de Mussolini. O Duce, compreendendo que o governo deve auscultar a alma do povo, foi buscar nessa massa anônima, mas de tanto valor, saturada de sofrimentos e ansiosa de felicidade, o meio legítimo de governar, meio prático de satisfazer essa sede de justiça e de verdade.¹¹⁸

No dia seguinte, o vespertino destacou que o pleito transcorreu sem incidentes, “na maior ordem e entusiasmo”, de forma completamente diversa dos anos anteriores e com uma taxa de participação que figurava entre as maiores do mundo, expressando o entusiasmo popular diante do momento político vivido pelo país. O fascismo foi tomado como símbolo de uma nova era, de novos valores, em substituição aos “dogmas democráticos”, o legado do Iluminismo e da Revolução Francesa.

Soffre um povo do mal de assochoço (sic) e indisciplina? Venha a ditadura. A ditadura é o revulsivo, é o expurgo, é a desinfecção. Se a apendicite pede tesoura cirúrgica, a anarquia dos espíritos pede a ditadura.[...] A ditadura é uma necessidade e um dever, como uma medida provisória e violenta, brusca mas programada, forte, mas justa, compressor, mas cristã.¹¹⁹

No caso específico da democracia brasileira, *O Nordeste* apontava dois problemas. O primeiro, de ordem teórica: compartilhando o pensamento que dominava na intelectualidade brasileira, via com desconfiança a participação popular, julgando que as massas seriam inaptas à política. No aspecto prático, colocava que as fraudes eleitorais endêmicas e os conchavos políticos para a escolha dos cargos políticos transformavam a democracia brasileira em letra morta.

As ações de Mussolini, quando comparadas pelo jornal com as dos mandatários da política brasileira, eram seguidas pelos binômios força/fraqueza, ordem/caos, ação/discurso, vigor/fragilidade. *O Nordeste*

¹¹⁸ *O Nordeste*. Fortaleza, 26 mar. 1929, p.5.

¹¹⁹ Uma ditadura. *O Nordeste*. Notas cariocas. Fortaleza/CE, 20 abr. 1929, p.10.

articulava seu discurso de forma a contrapor a eficiência da ditadura à inocuidade burocrática.

[...] manter a ordem social, a todo o transe; afastar e inutilizar os políticos de profissão, como elemento escandaloso e deleterio, sob todos os pontos de vista; pôr a salvação nacional muito acima dos ideologismos hipocritas de falsas democracias, pernósticas dissolventes; e “administrar”, que é tudo, removendo mesmo à baioneta, os obstáculos da engrenagem política.¹²⁰

O líder italiano desmobilizou a oposição interna, reprimiu duramente a maçonaria (com quem a cúpula católica matinha um histórico de desavenças) e grupos comunistas,¹²¹ em uma época em que setores conservadores temiam que a experiência revolucionária russa se ampliasse. Justificava a folha que Mussolini se valia da ditadura para evitar a sublevação das massas contra a estabilidade social e a propriedade.

O termo ditador foi ressignificado e aparece, em várias passagens, carregado de um sentido positivo, sinônimo de líder. Para debelar a desordem era necessário que a autoridade fosse restaurada e fortalecida. Em *O Nordeste* emerge uma imagem idealizada, as características pessoais de Mussolini o distinguiriam dos demais como um homem especial, quase que providencial. A política de reconstrução das nações deveria ser dirigida por indivíduos dotados de qualidades excepcionais, a quem deveriam ser concedidos amplos poderes para coibir a ação de pretensos opositores. Ressalte-se o fato de que o diário confessional atribuiu o êxito do governo italiano menos ao fascismo, enquanto doutrina política, do que ao mérito pessoal de Mussolini.

Sem a velleidade de descobrir na pessoa de Mussolini um homem de todo, isento dos grandes e profundos distúrbios causados na espécie pela infidelidade de Adão[...] não deixei de ver na sua envergadura um chefe de governo à altura das gravíssimas necessidades do momento, apto, pelo conjunto de virtudes que desde logo revelou, a ser um modelo para os estadistas nestes difíceis tempos de deshonestidade, *escroquerie* e tirannia que atravessamos.¹²²

¹²⁰ *A Igreja Católica vingada. O NORDESTE. O Nordeste*, Fortaleza/CE, 15 out. 1927, p.2.

¹²¹ A despeito da intensa repressão, João Fábio Bertonha relata uma intensa movimentação antifascista na Itália desde a formação do movimento liderado por Mussolini. Em 1919. Os opositores tinham filiação ideológica diversa: anarquistas, maçons, socialistas, liberais e até mesmo católicos. BERTONHA, João Fábio. *Sob a sombra de Mussolini: os italianos de São Paulo e a luta contra o fascismo (1919-1945)*. São Paulo: FAPESP: Annablumme: 1999.

¹²² CRUZ, Padre Arias. E a justiça se fez. *O Nordeste*. Fortaleza/CE, 13 jan. 1929, p.1.

No periódico católico estava presente uma *visão conspiratória* da crise política, que era atribuída à ação de determinados inimigos: o comunista, o livre-pensador, o ateu, o maçom, e o judeu, supostos culpados pela dissolução dos costumes, por ataques à religião e pelas injustiças do sistema econômico.¹²³ A ideia da conspiração era acionada para identificar os responsáveis pela crise e para reiterar o argumento de que a instabilidade política era consequência do afastamento dos valores do catolicismo. O grau de periculosidade destes opositores era hiperdimensionado de forma a justificar a apologia aos métodos violentos do primeiro-ministro italiano contra os mesmos

A ideia de um complô religioso-imperialista estadunidense era recursiva nas páginas de *O Nordeste*. O fato de existirem missionários protestantes americanos atuando no território brasileiro era considerado uma ameaça à soberania do país, visto que, para a folha, era o catolicismo um dos pilares fundamentais da identidade nacional.

Ha pouco tempo o bispo de Ribeirão Preto e alguns bispos de Minas chamavam a atenção do país para o perigo que representa a catechese protestante, em relação á unidade e para a segurança nacional. Essa sucia de vagabundos que aqui aportam, trazendo dos Estados Unidos dinheiro em abundancia para fazer proselytismo protestante entre nós, são simples agentes disfarçados do governo americano, encarregados de com a capa de santarrões bebedores de *whisky*, fazer propaganda da expansão *yankee*. Atraz desses missionarios virão depois os canhões. [...]¹²⁴

Segundo detalhava a gazeta católica, o projeto de dominação americano abarcava três estágios: primeiro, os missionários protestantes, que enfraqueceriam a coesão nacional em torno do catolicismo; em seguida, a dependência econômica, finalizando com o domínio militar. Defender-se da catequização protestante era imperioso do ponto de vista da segurança nacional. O apelo do jornal assumiu ares de intolerância religiosa para com outros credos, justificando esse posicionamento através de argumentos políticos.

¹²³ GIRARDET, *idem, ibidem*.

¹²⁴ *O Nordeste*. Fortaleza, 01 mar. 1924, p.1.

Era o comunismo a principal forma política antagônica a ser combatida na visão do diário cearense, e muitas das censuras dirigidas às autoridades do país eram no sentido de que estas não se acautelavam contra aquele.

É à sombra dos governos exorbitantes que medra e se desenvolve a anarchia moral e mental que se apodera das intelligencias e das consciencias nos quatro cantos do orbe. São os poderes publicos em nosso país que estão collaborando para a ruína da Patria, preparando o terreno em que será lançada **a semente da desordem** e da discordia do bolchevismo.¹²⁵

A associação entre a tradição religiosa e a nacionalidade para fins políticos foi constante. A comparação entre a Itália católica e a Rússia comunista ilustra bem este aspecto. O artifício consistia em contrapor as duas experiências políticas a partir da análise da relação entre Igreja e Estado. O periódico católico cuidava em evidenciar o passado de militante socialista de Benito Mussolini e a renúncia do mesmo a essa opção ideológica, convertendo-se em fervoroso perseguidor dos adeptos do bolchevismo na Península Itálica antes mesmo da institucionalização do fascismo.¹²⁶ Após a ascensão do movimento ao poder, a repressão oficial se desdobrou em expurgos políticos, prisões, assassinatos e cerceamento da liberdade de imprensa para os órgãos adeptos daquela orientação política. Para o diário cearense, a perseguição era plenamente justificável pela potencial ameaça de uma revolução comunista.

Enquanto os vermelhos, pondo de parte todos os princípios de civilização, lutam pela posse do poder, passando por cima de cadaveres, espalhando o terror e dominando pela força, Mussolini, sozinho, adoptando os principios basicos da moral christã, abriu para o seu país uma situação privilegiada, fazendo viver uma era feliz, em que as causas justas são respeitadas e o governo é prestigiado pelo povo, que comprehendeu perfeitamente as intenções do grande reformador.¹²⁷

Ao confrontar a experiências políticas de Itália e Rússia, ambas as nações eram colocadas em estágios distintos da civilização; na primeira, a ordem, a prosperidade, a concórdia, trazidas pelo fascismo; na segunda, o

¹²⁵ Nem justiça, nem liberdade. Editorial. *O Nordeste*. Fortaleza, 18 jan. 1927, p.4. Grifo meu.

¹²⁶ O trabalho de Aloísio Pinto destaca o papel desempenhado pelo jornal *O Nordeste* na militância anticomunista no Ceará, durante as décadas de 1920 e 1930. PINTO, *op.cit.*

¹²⁷ Commentarios. *O Nordeste*. Fortaleza/CE, 03 fev. 1928, p.1.

retrocesso, a barbárie, a estagnação promovidas pelo bolchevismo. O exemplo dos dois países era ainda mais emblemático pelo fato de simbolizar o clima de polarização política vigente, no qual o fascismo e o comunismo se consolidaram como possíveis alternativas à democracia liberal.

As edições de *O Nordeste*, à exceção dos números comemorativos, possuíam poucas fotografias e ilustrações, provavelmente por contenção de custos. Não há muita diversificação nas fotos apresentadas de Mussolini, sendo que a imagem abaixo é a mais recorrente.



Nela, o *Duce* aparece de meio corpo e de perfil. Sua expressão é grave, mas serena; severa, mas paternal. Traz consigo um livro, em referência à razão, à cultura e à sabedoria. Sua indumentária é simples e sóbria. Não fosse pela legenda abaixo da imagem, seria facilmente tomado por um padre. A imagem do militar ou qualquer referência à violência está distante.

Alguns autores apontam que o êxito do fascismo residia no fato de conseguir dar resposta às contingências do momento, o que correntes políticas mais tradicionais não conseguiram. Dentro do próprio *Fascio* havia um esforço de renovação, de se adequar às novas situações políticas e estabelecer alianças para consolidar a base de consenso ao movimento. No início do movimento, O fascismo tinha grande apelo popular, tanto em sua composição quanto nas proposições de reforma social. Uma vez no poder, Mussolini buscou entendimento com as elites, com a Igreja e intelectuais, o que implicou

em abandonar o radicalismo do discurso dos primeiros tempos do movimento.¹²⁸

Não eram raras as queixas que o vespertino lançava contra seus pares, acusados de incitar o clima de revolta ao dar demasiada cobertura aos movimentos contra a ordem institucional. Em uma década de acalorados debates ideológicos, as disputas travavam-se também dentro da própria imprensa. Na ditadura italiana, o campo da palavra escrita era abertamente entendido e utilizado como um espaço de doutrinação pela força política que dominava o poder.

[...] O primeiro ministro da Italia, depois de considerar a imprensa fascista como uma orchestra, na qual cada instrumento tem a sua função propria, depois de mostrar que não servem sempre ao fascismo aquelles que suppõem servi-lo com elogios balofos e palavreados amorphos, aconselha á imprensa muita ponderação. [...] Isto significa que se Mussolini vivesse em terras do Brasil muito trabalho teria para pôr em ordem a imprensa brasileira.¹²⁹

Mussolini, que outrora havia sido jornalista, tomou diretamente para si a responsabilidade de fiscalizar o periodismo em seu país. De acordo com as diretrizes estabelecidas pelo *Fascio*, a imprensa não poderia atuar de forma independente nem se desvincular do propósito que o Estado lhe incumbia. Defensora de restrições à liberdade de imprensa, a gazeta católica desejava que medidas semelhantes fossem tomadas no Brasil para limitar a atuação da imprensa. Contudo, o periódico confessional nunca defendeu semelhante atrelamento, defendendo antes uma harmonia com o poder temporal.

Apesar de ter uma linha editorial consoante aos interesses da Igreja e da ação católica, *O Nordeste* estava longe de representar um discurso coeso, homogêneo e imune a contradições. Dentro do próprio jornal havia espaço para divergências de opiniões a respeito do fascismo, fruto das contingências políticas do momento e/ou convicções pessoais de quem escrevia. Enquanto a maioria das notas, artigos, colunas e editoriais se referiam a Mussolini de forma elogiosa, o mesmo entusiasmo não era compartilhado por Soares d’Azevedo, e era deste colunista de quem partiam as opiniões mais controversas sobre o assunto. Primeiro, não via no fascismo um possível modelo de ação política

¹²⁸ PAXTON, Robert O. *A anatomia do Fascismo*. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

¹²⁹ Commentarios. *O Nordeste*. Fortaleza/CE, 01 mar. 1929, p.1.

para o Brasil. Defendia que cada povo possuía uma dinâmica política particular, de forma que as soluções para os problemas da Nação deviam ter como premissa essa singularidade. Em segundo lugar, via o fascismo como potencialmente perigoso para a Igreja, denunciando que o regime divinizava o Estado.

Supponho ter sido eu o primeiro jornalista catholico brasileiro a não bater palmas a tudo quanto tem dito e feito o fascismo, chegando mesmo a considerá-lo, de certos pontos de vista, extremamente perigoso. Está claro que com isto escandalizei a algumas almas ingenuas. [...] O fascismo tem muita coisa de bom. Mas retenha-se bem isto – o fascismo tem muita coisa de ruim e de altamente perigosa. Digo mais: si elle continua com o mesmo programma de imperialismo, si continua a querer divinizar o Estado, como vem fazendo muito vae ainda sofrer a Igreja por causa delle. [...] ¹³⁰.

O jornalista reproduziu uma advertência da Congregação do Santo Ofício a um catecismo fascista que estava circulando na Itália. Seria o referido catecismo ensinado nos estabelecimentos oficiais de ensino e nos lares, sob ordens do regime. O conteúdo do documento revelava uma apropriação da liturgia católica para render culto à pátria.

Primeiro. _Eu sou a Italia, tua mãe, tua soberana, tua *deusa*. Segundo. _Não terás outra mãe nem outra *deusa* sobre mim. Terceiro. – Honra ao *seu Deus* e santifica as suas festas...”, etc,etc. O “Credo” do novo catecismo fascista começa assim “Creio em Roma, eterna e intangível, mãe de minha patria e centra luminoso e dominador da civilização da Europa e do mundo. E creio na Italia, sua filha maior e gloriosa, a qual nasceu, por obra maravilhosa de Deus, do seio virgem e fecundo do genio, da virgem sabedoria, da sciencia e da arte.” ¹³¹

Além de identificar no referido catecismo uma provocação à Igreja Católica, o jornalista alertava que o *status* divino conferido ao país pelo documento permitiria justificar o imperialismo italiano sobre outros países.

Em outro artigo, o autor denuncia o oportunismo da política religiosa de Mussolini em contraste com o sentimento católico do estadista espanhol Primo de Rivera, cuja crença nos princípios do catolicismo advinha de sua fé pessoal.

Mussolini não é catholico praticante e dizem que nem sequer é baptizado. [...] É pau para toda colher. Acha que o apoio da Igreja lhe

¹³⁰ A divinização do Estado. Notas cariocas. Fortaleza/CE, 07 jun. 1926, p.1.

¹³¹ *Idem*.

pode ser útil e por isso dá-lhe prestígio. Rivera é católico integral, de comunhão frequente, quer a prosperidade de Espanha, acha que elle se consegue pela pratica da moral christão e pretende implantá-la e por ella orientar-se em todos os problemas do seu país.¹³²

O colunista vivia no Rio de Janeiro e o contato com a redação de *O Nordeste* era indireto e remoto. Malgrado as críticas, os textos de D’Azevedo deixam entrever que o *Fascio* gozava de boa recepção entre a intelectualidade católica brasileira do período.

Os setores conservadores da sociedade brasileira que faziam ressalvas ao regime político em questão se encontravam em um dilema: pleiteavam modificações na ordem política, mas ao mesmo tempo impunham como condição que esta mudança deveria se processar dentro da legalidade. A frase colocada na epígrafe da edição do dia 09 de outubro de 1924 ilustra bem essa questão: “Estamos convictos de que, ao Brasil contemporâneo, ainda o pior governo fará mais bem, será mais útil, que a melhor revolução.”¹³³ O exemplo de Mussolini tomou assim maior consistência tendo em vista que foi alçado ao cargo de primeiro-ministro por vias legais, convidado pelo rei a assumir o posto.

O exemplo da Revolução Francesa e, mais recentemente, da Revolução Russa, em que multidões subverteram a ordem, era tenebroso, ainda mais levando-se em conta as constantes agitações políticas do último decênio da Primeira República. As massas deveriam ser vigiadas, tuteladas, afastadas de possíveis agitadores.

[...] uma revolução de sangue, que, mal orientada pela insânia dos Marat, dos Danton e dos Rosbepierre, chegou a todos os extremos, praticou todos os excessos, cevou-se no sangue de irmãos, desrespeitou a tudo, amesquinhou a autoridade da Igreja e, no auge da loucura, numa syncope delirante, culminou na impiedade de negar a Deus e de substituir o seu culto pelo culto paganism de uma falsa deusa – a Razão.[...]¹³⁴

Ao se posicionar politicamente, o discurso da imprensa católica articulava elementos da teoria fundamentada na doutrina católica com aspectos práticos, embasado nas experiências políticas contemporâneas, ou com menor frequência, do passado. Fica claro o propósito do periodismo confessional de

¹³² Boa diferença. *O Nordeste*. Fortaleza/CE, 21 nov. 1924, p.3.

¹³³ *O Nordeste*. Fortaleza/CE, 09 out. 1924. p.1. Extraído de *A Ordem*.

¹³⁴ 14 de julho. *O Nordeste*. Fortaleza/CE, 14 jul. 1922, p.1.

atualizar o conservadorismo católico, agregando a ele valores contemporâneos, readequando-o para torná-lo capaz de responder às necessidades do momento.

2.2 – “Não há césares sem Deus” – Política religiosa

A Religião, emprestando o seu sceptro à Política, dá-lhe forças que esta não pôde receber sinão da sua augusta irmã.

Joseph de Maistre¹³⁵

Reconquistar espaço institucional era o objetivo maior das movimentações dos segmentos católicos na Primeira República. Cada esfera da ação católica (hierarquia, intelectuais, leigos e imprensa) desenvolvia suas atividades específicas norteadas por esse ideal.

No caso específico do jornal *O Nordeste*, a estratégia concentrou-se em três pontos: em primeiro lugar, destacou a importância histórica, política e cultural do clero para o país. Segundo, investiu o discurso de certo pragmatismo, no intuito de convencer eleitores e governantes de que a adoção desta política religiosa era um benefício prático para o Estado e a negação da mesma traria consequências perturbadoras à ordem social. Para além do proselitismo, o objetivo era mostrar que a religião poderia dar respostas à crise. Por fim, através de exemplos, mostrando como algumas nações cristãs conseguiram contornar um quadro de instabilidade após supostamente se voltarem para o catolicismo.

Embora o exercício do jornalismo por parte da folha estivesse circunscrito dentro dos códigos estabelecidos pela ação católica do período, a proposta do órgão informativo desde sua fundação era fugir do discurso estritamente religioso. O objetivo maior da gazeta era defender o projeto político da Igreja Católica, mas para alcançar esse propósito, usava táticas discursivas que agregavam elementos externos à comunidade religiosa.

Para conferir maior legitimidade ao próprio discurso, o diário abria espaço para que homens públicos se posicionassem com relação ao laicismo, desde que reforçassem a ideia de que a governabilidade só seria possível através do seguimento dos preceitos espirituais defendidos pela folha. O exemplo de figuras proeminentes conferia um peso simbólico maior à causa. Em agosto de 1925, o jornal publicou uma declaração na primeira página em

¹³⁵ *O Nordeste*. Fortaleza/Ce, 27 dez. 1928, p.1.

que o então presidente do Estado de Minas Gerais, Mello Viana defendia o estreitamento entre religião e política.

A religião é factor que não pode, que não deve ser desprezado. Já uma vez citei dois grandes exemplos da sua extraordinaria força vinculativa: - a Polônia, que deve a sua integridade nacional ao laço religioso; e a Irlanda, caso característico do valor das convicções religiosas, como estímulo das aspirações nacionalistas.¹³⁶

Por pronunciamentos deste teor, Viana angariou o apoio da militância católica no Ceará, que iniciou campanha pública em favor da candidatura deste para presidente da República no ano de 1925.¹³⁷

Não obstante as críticas ao regime republicano, sempre recorrentes ao longo da década de 1920, o nome do presidente Arthur Bernardes, durante o quadriênio de seu governo (1922-1926), foi poupado. As convicções religiosas do presidente Bernardes eram oportunamente evidenciadas, como na frase: "Si para galgar a cadeira presidencial for mister abdicar minhas crenças de catholico, desisto da candidatura ao honroso cargo."¹³⁸ Sua figura era a de um mártir que lutava, sem sucesso, por reformar uma estrutura política corrompida.

Em 1926, o presidente escreveu uma carta aberta à nação, repleta de referências religiosas, em que relatava as dificuldades de conter as sedições:

Deploramos os que, esquecidos dos seus deveres para com a nação, empunharam armas contra o governo, ou procuraram por todos os meios tornar impossível a detenção do poder[...] Deus há de permitir não feneça o amor á terra que lhe foi berço; a fé nos destinos da República e a crença de melhores dias para a nacionalidade. Rendemos graças ao criador por ter-nos dado a necessária fortaleza de ânimo no cumprimento do nosso dever para com a pátria.¹³⁹

A figura do presidente Washington Luís era vista com extrema reserva desde sua candidatura. Não era católico e tampouco se mostrava sensível ao restabelecimento da união entre Igreja e Estado nos moldes estabelecidos pela

¹³⁶ *O Nordeste*. Fortaleza/Ce, 19 ago. 1925, p.1.

¹³⁷ Viana acabou escolhido para vice na chapa do paulista Washington Luís.

¹³⁸ ¹³⁸ *O Nordeste*. Fortaleza/Ce, 14 nov. 1922, p.1.

¹³⁹ BONAVIDES, Paulo. AMARAL, Roberto. *Textos políticos da história do Brasil – República: Primeira República (1889-1930)*. Brasília: Senado Federal, 2002, pp.919-920.

Cúria Romana. Logo, o novo presidente não seria compassivo aos apelos da militância católica, uma vez que o próprio seria um opositor em potencial.

Conhecidas como são as idéas religiosas, ou a religiosas de s. excia., não causou surpresa o que disse; esperavamos mesmo coisa peor. E o certo é que conseguiu iludir a alguns, a ponto de confundiream com a doutrina da Igreja aquilo que esta tolera apenas *pro bono pacis* - A separação da Igreja e do Estado – proposição condenada expressamente no *Syllabus* de Pio IX e por todos os seus sucessores.¹⁴⁰

O discurso defendia a existência de uma “ordem natural” das coisas, representada pela religião, que supostamente fora abruptamente desorganizada por uma ordem artificial, cuja consequência seria a conturbação do organismo social. Na ótica do impresso católica, era preciso ir além e demonstrar pragmaticamente que o laicismo liberal era nocivo e ineficiente e romper com essa lógica era necessidade premente. Os exemplos exógenos ganhavam força nesse sentido, com destaque para países tradicionalmente de tradição católica, como Portugal, Espanha e Itália:

Mussolini, na Italia, Rivera, na Espanha, Massarick, na Tcheco-Slovaquia, Carmona, em Portugal, etc., vão proclamando a verdade redemptora de que o liberalismo corruptor constitue a fonte geratriz de toda anarchia da existencia moral dos povos.[...] Por toda parte, ha signaes evidentes de reacção contra as formulas desorganizadas do laicismo anti-patriotico e anti-racional.¹⁴¹

Os chefes de governo destas nações eram apresentados pelo vespertino como expoentes de um renascimento político que possivelmente culminaria na derrocada do liberalismo. Experiências latino-americanas de enfrentamento ao laicismo também eram valorizadas. O jornal citou um discurso do presidente do Peru, Augusto Leguia, ao presentear o arcebispo de Lima com um novo palácio que deveria servir de sede para o arcebispado:

Ao entregar-vos, Excia. Reverendissima, as chaves da vossa casa, cumpro dever que é gratissimo a mim e aos meus concidadãos, *cujas tendencias religiosas jamais ousarei contrariar*, porque reputo ABSURDO invocar-se a intolerancia religiosa como instrumento de governo. Ella enfraquece a

¹⁴⁰ A plataforma do sr. Washington Luis. *O Nordeste*. Fortaleza/Ce, 29 jan. 1926, p.1.

¹⁴¹ Nova era. Editorial. . *O Nordeste*. Fortaleza/Ce, 11 abr. 1929, p.1.

unidade nacional, do mesmo que o respeito à religião do povo a fortifica e corrobora.¹⁴²

O gesto do líder peruano foi simbólico, no sentido de reconhecer a equivalência entre os poderes espiritual e civil. Nessa configuração, era a Igreja que detinha o prestígio para cancelar o poder civil. A interferência da religião no debate político era não somente consentida como imprescindível e a lei dos homens só era válida se de acordo com os preceitos divinos, dos quais a Igreja Católica seria representante terrena.

No plano internacional, foi a política religiosa italiana que ganhou maior destaque nas páginas de *O Nordeste*, pelo fato de o país ser sede do papado, pelos acordos estabelecidos entre o governo e o Vaticano a partir da ascensão de Benito Mussolini ao poder e por alçar à condição de inimigos da nação alguns opositores da Igreja.

[...] “O Grande Oriente foi sempre internacional, anti religioso e corruptor. As lojas italianas têm, de um modo mais astuto e sem o minimo escrupulo, causado todo o descontentamento de cada uma das classes conservadoras, lavradoras e de outras profissões. [...] Somos um povo são, de sentimento nacional e catholico. Não podemos tolerar nenhum factor desmoralizador, nenhum inimigo do Estado, nenhum inimigo da Igreja”.¹⁴³

Aqueles qualificados como inimigos da Igreja e do Estado tinha em comum o caráter internacionalista (judaísmo, maçonaria e comunismo) o que representaria um perigo adicional à nacionalidade. Apesar da pretensa universalidade da doutrina católica, o nacionalismo era um componente forte no interior das hostes católicas brasileiras, desde as corporações de sacerdotes, o laicato e a imprensa, e não havia nenhum elemento nos textos da imprensa que sugerisse algum incômodo com essa contradição.

Por ocasião da celebração do Centenário da Independência em 1922, o Círculo Católico de Fortaleza organizou um ciclo de conferências que posteriormente foram publicadas pelo *O Nordeste*. A data foi amplamente comemorada na imprensa fortalezense, tendo os jornais locais dedicado à efeméride edições especiais, ampliadas e ilustradas. No caso do vespertino

¹⁴² Como na Republica do Perù se entende o respeito devido à Religião Nacional. *O Nordeste*. Fortaleza/Ce, 15 jan. 1926, p.2. Grifo no original.

¹⁴³ Inimiga da ordem. *O Nordeste*. Fortaleza/Ce, 14 fev. 1927, p.4.

confessional, o momento serviu de mote para rememorar a longa aliança entre o catolicismo e a pátria, tema que também foi a tônica das palestras do Círculo.

A redação da folha mesclou nacionalismo e religião em seus textos para saudar o aniversário da independência com o propósito de criar uma identificação do catolicismo com o nacional. Na oportunidade, o discurso da gazeta redefiniu o papel do clero no processo de emancipação da Nação.

Desde o início da nossa soberania, mesmo ainda nos primeiros ensaios em prol da emancipação do Brasil, os ministros da Religião disseminavam, com as lições do Evangelho, os mais salutarens ensinamentos de moral política e de civismo. Ao lado do caboclo das nossas selvas, perseguido e indefeso, que havia de cooperar de maneira decisiva para a formação do *typo ethnico* nacional, estava o padre com o seu assinalado prestígio popular, a clamar contra a opressão, a deshumanidade, a *tyrannia colonial*.¹⁴⁴

Para além do aparente saudosismo, o objetivo era evidenciar uma Igreja politicamente engajada e protetora dos oprimidos ao longo da História, com um objetivo prático. Se a Igreja fora redentora da Pátria em momentos cruciais, estaria igualmente preparada a fazê-lo no tempo presente. O empenho em construir uma imagem de ativismo político, deixava escapar uma contradição: a imprensa católica era intransigente defensora da manutenção da ordem, mas, paradoxalmente, rememorava um histórico de lutas políticas contra o poder estabelecido.

A religião e a política compunham uma coalizão indissociável. De posse desta convicção, qualquer ordem política que embaraçasse esta união receberia a oposição do vespertino. Quando se fala em religião, deve-se explicitar que, de acordo com o diário arquidiocesano, somente à Igreja Católica Apostólica Romana era dada a prerrogativa de interagir com o Estado.

Nessa perspectiva, seria a tradição católica o elemento que poderia unir um povo multiétnico, e que incutiria nos habitantes do país o sentimento de pertença à nação.

O catholicismo é o formidável traço de união que liga o Amazonas e as coxilhas do sul. Se ele ahi está forte, soberbo, fazendo a comunhão da grande maioria dos brasileiros, porque não o devemos reconhecer o de culto oficial?¹⁴⁵

¹⁴⁴ Pagina de patriotismo. *O Nordeste*. Fortaleza/Ce, 11 jul. 1922, p.1.

¹⁴⁵ A união da Igreja e do Estado. *O Nordeste*. Fortaleza/Ce, 24 jan 1925, p.3.

Efetivamente, o Brasil apresentava-se como uma gigantesca colcha de retalhos, marcado por uma grande diversidade cultural, diferenças regionais e uma patente desigualdade social.

Em artigo de abril de 1928, o Padre Antônio Azevedo destacou a atuação das ordens religiosas na disseminação do conhecimento, no fomento às ciências e como protetoras das artes.

[...] fundavam ao redor dos seus mosteiros e à sombra da cruz, centros de povoação, em que a agricultura e a industria começando a desenvolver-se, annunciavam tempos melhores que haviam de brilhar pelo esplendor de todas as sciencias e todas as artes.¹⁴⁶

Além da História, o discurso buscou ressignificar o posicionamento da Igreja frente à política, às lutas sociais e ao conhecimento científico. Distante da imagem tradicionalmente conservadora e obscura associada à Santa Sé, o jornal atribuiu à instituição um papel progressista e, não raras vezes, de vanguarda nos mais variados campos.

As menções às experiências estrangeiras não eram gratuitas, estavam imbuídas do propósito de recriminar os políticos brasileiros, inclusive aqueles que se afirmavam católicos, mas que não se pronunciavam em favor do credo que professavam nem assumiam uma conduta política alinhada com os direcionamentos da Igreja.

Na mitologia política italiana do período é recorrente a associação da ascensão do fascismo a um revigoramento que transcendia o político e abarcaria vários aspectos. Usando as palavras do próprio Mussolini, o diário relacionava habilmente esse soerguimento nacional a um fortalecimento do religioso.¹⁴⁷

Nós somos uma nação catholica, não só porque a immensa maioria do povo italiano é constituida por catholicos, mas ainda porque o Catholicismo é inseparavel da nossa historia. Os italianos veneram, no Pontifice, a cabeça de sua religião e, ao mesmo tempos, o symbolo daquela igreja, sem a qual, da

¹⁴⁶ AZEVEDO, Padre Antônio. Notas à margem. *O Nordeste*. Fortaleza/Ce, 05 abr. 1928, p.2.

¹⁴⁷ Além da própria dinâmica de transcrição da fala para o suporte escrito, cabe por em relevo que as notícias internacionais eram trazidas por agências jornalísticas ou elaboradas a partir da leitura de jornais europeus, de modo que é bastante plausível que o pronunciamento original sofresse algumas alterações.

Idade Média para cá, a nossa História ficaria incompreensível.¹⁴⁸

É obscura a real orientação religiosa de Mussolini. Sua biografia registra desde episódios de anticlericalismo explícito em seu passado de militante socialista a rompantes de devoção cristã quando chefe de governo. Nos primeiros anos à frente dos camisas-negras (o movimento surgiu em 1919), constava entre suas propostas o confisco do patrimônio de ordens religiosas e dos rendimentos episcopais.¹⁴⁹ Robert Paxton atribui-lhe a autoria do romance *A amante do cardeal* e narra um episódio em que o futuro primeiro-ministro “com 21 anos, num debate com um pastor suíço, havia dado a Deus - caso ele existisse – cinco minutos para fulminá-lo.”¹⁵⁰ O ímpeto anti-religioso foi arrefecido na medida em que o movimento fascista se institucionalizava, tendência que pôde ser verificada em um discurso proferido após a chegada do líder ao parlamento:

[...] “fascismo não prega o anticlericalismo”[...] “hoje as tradições latinas e imperiais de Roma são representadas pelo catolicismo” [...] o Estado secular deveria fornecer ao Vaticano toda a ajuda material necessária para escolas, igrejas, hospitais etc.,” E para completar, ele se declarou contrário ao divórcio.¹⁵¹

O estreitamento das relações entre Mussolini e o Vaticano evidencia ainda mais esta ambiguidade. Se a iniciativa foi meramente uma tática para cooptar aliados ou fruto de convicções pessoais de um recém-convertido, ou ainda uma mescla de ambas as hipóteses, é uma questão em aberto.¹⁵²

A política de aproximação do *Duce* com a comunidade eclesiástica pode ser entendida como estratégia para ampliação da base de consenso em torno do fascismo. Mesmo sob o argumento de que o líder fascista valeu-se de um oportunismo político, o fato é que bem ou mal, a aliança foi importante para a Igreja, inclusive no plano simbólico, pois a política pró-catolicismo

¹⁴⁸ Mussolini e o catholicismo – Palavras Justas. *O Nordeste*. Fortaleza/Ce, 11 jan. 1924, p.1

¹⁴⁹ PAXTON, *op. cit.*, 113

¹⁵⁰ *Idem*, p.228.

¹⁵¹ SASSON, Donald. *Mussolini e a ascensão*. Rio de Janeiro: Agir, 2009, p.121.

¹⁵² Em 1925, o *Duce* oficializou sua união com Rachele Guidi em cerimônia religiosa e batizou seus filhos. PAXTON, *op. cit.*, 228.

implementada na Itália servia de reforço para o enfrentamento das correntes secularizantes disseminadas no Ocidente.

As referências de *O Nordeste* privilegiavam os aspectos da vida política italiana que possuíam paralelo com a situação do Brasil. Certamente, os círculos católicos brasileiros tinham plena consciência das especificidades locais, mas uma experiência católica vitoriosa em um país que guardava semelhanças com o Brasil era animadora.

Laicato e hierarquia católica sofreram um duro revés em 1925, quando as emendas católicas propostas na Reforma Constitucional foram derrotadas. O desafio proposto era que os parlamentares que professavam o credo romano usassem os princípios do catolicismo em sua conduta como homens públicos, tal qual o exemplo de Mussolini.

Como brasileiros, ficamos devéras penalizados, vendo que a sorte da Patria é sofrer, como a França e Portugal, o julgo do maçonismo corruptor na politica, sem reagir jamais contra essa infecção purulenta, que Mussolini afirma ser necessario sarjar, para saneamento colectivo.¹⁵³

Os políticos brasileiros valiam-se da administração pública para obter vantagens pessoais para si e sua clientela, transformando o poder público, em última instância, em um meio para realização de negócios particulares. Como contraponto, no *Fascio* os interesses da coletividade estariam acima de qualquer aspiração individual. As críticas internas não poupavam os políticos que se declaravam católicos, mas não se mobilizavam em favor das demandas da religião.

Emquanto isso, os politicos semi-catholicos do Brasil espedaçando a coherencia e a honra da sua fé, assumem o papel de algozes dos direitos inauferiveis da Igreja solidarios com a orientação deschristianizadora das nossas instituições.

Nesse sentido, cabe discutir a própria concepção do que era ser católico naquele momento pelo diário confessional. Para o referido veículo jornalístico, o que estava em questão para definir o termo era menos a fé pessoal do que a aceitação e engajamento nos direcionamentos da ação católica.

¹⁵³ Caíram as emendas Plínio Marques . *O Nordeste*. Fortaleza/Ce, 02 out. 1925, p.1.

A cobertura política religiosa de Mussolini não ficou restrita aos acordos diplomáticos com o Vaticano. Adentrou as instâncias da administração pública de forma paulatina desde o início de seu governo seja na afixação de crucifixos nas repartições públicas, no aumento dos subsídios estatais aos cultos católicos, na reforma no calendário oficial de modo a incorporar as festas religiosas ou na presença do corpo ministerial em cerimônias religiosas sob ordens do primeiro-ministro.¹⁵⁴

Nos artigos referentes à Itália sobre questões religiosas, além das análises dos jornalistas da folha, o órgão de comunicação dava ênfase ao que seria a fala direto do *Duce* como recurso para enfatizar e justificar sua posição sobre a política religiosa.

Mas o que é a fé sem os costumes? Por isso procedo energicamente contra os que trabalham para perverter o povo, o debilitam, e o dissolvem. Si o direito publico consigna o poder do Estado de expropriar um campo para fazer uma estrada, eu não hei de ter o direito de confiscar livros, folhetos, pinturas e cartazes que tendem a tirar ao povo o idéal mais bello que tem minha Patria?¹⁵⁵

Ao corroborar o posicionamento do primeiro-ministro italiano, o jornal estava fundamentalmente reforçando o papel do Estado paternalista, autoritário e regulador, com grande inferência na vida particular do cidadão.

A crise era um elemento importante no discurso. A partir dela e contra ela, foram construídas as justificativas para as ações. O termo adquira proporções abrangentes, abarcando aspectos políticos, econômicos e, sobretudo, morais. *O Nordeste* construiu uma análise teleológica em que a crise engendrada pelo afastamento da religião previa apenas dois desfechos: a total subversão da ordem pública, ou a reconstrução de uma sociedade assentada em valores religiosos.

A sociedade hodierna marcha para um abysmo, cuja profundeza não nos é dado medir e nem penetrar, se as influencias deleterias que actualmente dominam, continuarem a exercer a sua acção constante e ininterrupta.¹⁵⁶

¹⁵⁴ O governo italiano reconhece oficialmente as festas religiosas. *O Nordeste*. Fortaleza/Ce, 07 mar. 1924, p.1.

¹⁵⁵ A nova Italia, campeão do Catholicismo – Palavras sensactas e energicas de Mussolini. *O Nordeste*. Fortaleza/Ce, 19 fev. 1924, p.1.

¹⁵⁶ Dissociamo-nos. *O Nordeste*. Fortaleza/Ce, 01 mar. 1924, p.1.

O discurso católico justificava a instabilidade social à luz de um argumento moralista, o início da derrocada moral da República era identificado já em sua fundação. Ao positivismo era atribuída a culpa por retirar a religião do Estado e substituí-la pela religião cívica, pela razão e pela ciência.

Desde que o positivismo, de mãos dadas com a maçonaria introduziu, no governo do país, o agnosticismo ou o repúdio de Deus, as cousas não endireitam e vão de mal a peor, realizando a sentença das Escripturas que diz “em vão trabalham por edificar, quando não é Deus quem edifica”.¹⁵⁷

Ao optar pela neutralidade religiosa e adotar os princípios do liberalismo, em que a liberdade do indivíduo é um valor fundamental, a República, na visão do vespertino, minou as bases do respeito à autoridade, elemento sem o qual a manutenção da ordem era inviável. Na análise da gazeta, os numerosos levantes militares do período seriam frutos da ruína dos conceitos de disciplina, de hierarquia e respeito à autoridade fomentados pela própria organização política. Os jovens tenentes revoltosos haviam sido criados em uma República que negava instrução religiosa às suas crianças e dificultava a assistência religiosa aos militares na caserna.

Não há o ensino da moral christã nos quartéis nem nas escolas publicas.[...] As amnistias tão frenquentes na republica são as causas secundarias deste lamentavel estado de espirito, que faz o soldado, quebrando os seus solemnes compromissos de obediencia ao poder constituido, repetir o *non serviam* do primeiro revoltoso.¹⁵⁸

Como mudança para reverter esse quadro, o diário propunha uma solução por via dupla. Por um lado, o castigo aos insurgentes e o reforço do princípio da autoridade; por outro, a educação religiosa. Eis uma crítica direta à democracia, associada a uma imagem de desordem e pusilanimidade.

Apesar de a legislação republicana reconhecer somente os casamentos civis, era prática disseminada entre a população, principalmente a mais pobre, casar-se somente na Igreja. As estatísticas oficiais apontavam a alarmante disparidade entre os enlaces registrados pelos cartórios e aqueles celebrados pelos ministros da religião. O costume de ignorar a lei e seguir a tradição do

¹⁵⁷ De mal a peor... *O Nordeste*. Fortaleza/Ce, 30 jan. 1925, p.3.

¹⁵⁸ O primeiro revoltoso. *O Nordeste*. Fortaleza/Ce, 12 jan. 1926, p.1.

matrimônio católico trazia transtornos para alguns nubentes. Como eram invalidados pela autoridade civil, casamentos religiosos podiam redundar na perda de direitos patrimoniais, a geração de filhos ilegítimos além de frequentes casos de bigamia e jovens esposas abandonadas, ônus que *O Nordeste* colocava sob a responsabilidade do Estado laico.

[...] reconhecer o Estado a sua incompetencia, reconhecer a sua culpa, a sua responsabilidade pela ruina de tantos lares, pela desorganização de tantas familias, e conforme procede em relação aos nascimentos e obitos, crear o registro official dos casamentos, celebrados pelo ministro da religião a que pertence os nubentes[...]¹⁵⁹

A ideia era de que o laicismo desorganizara uma estrutura social outrora harmônica, já que estava sob a chancela da religião. Ao Estado cabia reconhecer os limites de sua atuação e devolver as atribuições que anteriormente estiveram a cargo do clero romano.

As leis humanas não podem contrariar as disposições invioláveis do Decalogo, sem acarretar com isso os mais graves e angustiosos perigos para a sociedade. Todo immenso mal que lavra nos países devastados pela lepra do liberalismo, compactuador com o crime e os criminosos, connivente com a prostituição e os prostituidores do sentimento, deriva do sistema de leis em vigor assente sobre a base falsissima desse preconceito iniquo de que o Estado deve manter-se em divorcio com a Religião.¹⁶⁰

Mais uma vez a redação do vespertino recorreu à metáfora organicista: o corpo (sociedade brasileira), antes saudável, foi contaminado pela pestilência (laicismo); a cura estava condicionada à extirpação radical do mal (fim do estado laico) e à prescrição do remédio para anular os efeitos deste mal (catolicismo).

A terapêutica era eficaz, mas amarga e poucos estariam dispostos a levá-la a cabo, dadas as forças contrárias que se opunham ao projeto. Daí a menção à experiência de Mussolini na Itália ser tão recorrente para os círculos católicos brasileiros.

Todos os esforços da hierarquia católica para fortalecer o movimento leigo têm, em última instância, o objetivo de interferir e reformar o Estado. As

¹⁵⁹ O contrato civil e sua impraticabilidade. *O Nordeste*. Fortaleza/Ce, 20 abr. 1927, p.4.

¹⁶⁰ Leis inúteis. Editorial. *O Nordeste*. Fortaleza/Ce, 11 fev. 1928, p.4.

movimentações na esfera religiosa têm, por isso, um sentido político muito importante. O que estava em questão não era a separação das funções entre a Igreja e o Estado – que, aliás, nas condições estabelecidas pela legislação brasileira, conferia grande autonomia à Igreja e a livrava da interferência do governo – mas o fato de que a autoridade civil recusava oficialmente a influência da religião na condução dos negócios públicos. Embora alguns bispos na Primeira República tenham conduzido com sucesso uma política de aproximação e interação com os governantes, sendo D. Manuel da Silva Gomes um dos mais bem sucedidos nesse sentido, o poder público estava longe de subordinar as leis à moral religiosa, como pretendiam certos segmentos católicos dos quais *O Nordeste* era signatário.

Tanto figuras proeminentes do clero como lideranças leigas apontavam para a necessidade de se politizar os segmentos cristãos. A luta pela vinculação entre religião e política passava fundamentalmente pela indissociação entre a vida cívica e a religiosidade doméstica dos seguidores do catolicismo.

Não podemos mais viver, isolados: nem na vida espiritual, nem nas questões políticas. Precisamos formar poderoso bloco eleitoral que se imponha, pela sua união forte, pela sua lealdade inalterável e pelo seu patriotismo e serenidade, aos partidos e às facções, sem descer nunca ao partidarismo, nem às combinações inconfessáveis da política sem ideal e sem entranhas.¹⁶¹

No efervescente ano de 1925, após a derrota das emendas católicas, voltou a ser debatida a possibilidade de a ação católica ganhar status de partido, ideia que acabou descartada pela hierarquia católica. *O Nordeste* identificou a tendência das agremiações partidárias brasileiras de deixarem de ser meros aglomerados de homens ligados por interesses pessoais e passarem a atrair indivíduos por questões de afinidade ideológica.

Veremos, pois, uma “direita”, de conservação e progresso social, nos moldes do Christianismo, contra uma “esquerda”, de revolução socialista, com os seus princípios materialistas e ateus e as suas promessas de realizar, na terra, um céu cuja existência nega no outro mundo.¹⁶²

¹⁶¹ TABOSA, Pe. Antônio. Em torno dos ideais católicos. *O Nordeste*. Fortaleza/Ce, 25 abr. 1924, p.1.

¹⁶² Uma força social católica. Editorial. *O Nordeste*. Fortaleza/Ce, 13 set. 1928, p.1.

A polarização ideológica, característica do período, é visível. A Igreja é apresentada como baluarte do conservadorismo, que aqui adquire um sentido positivo de preservação de uma ordem política que parecia ameaçada pelo comunismo.

Si acontecer aos principes excederem-se temerariamente no exercicio do seu poder, a doutrina catholica não permite insurgir-se contra elles, por medo de que a tranquillidade da ordem não seja de mais a mais perturbada, e que a sociedade não receba mal maior. E, quando chega o excesso a ponto de não apparecer nenhuma esperança de salvação, a paciencia christã ensina a procurar o remedio no merito e nas instantes orações aos pés de Deus.¹⁶³

Um dos propósitos da ação católica era fazer com que o os fiéis observassem as recomendações da hierarquia eclesiástica no momento dos pleitos. Porém, a esfera da participação política manipulava outros códigos e compromissos e a maior parte dos católicos votantes excluía esse elemento de suas decisões, segundo queixas da gazeta.

Ahi está, por exemplo, o caso do sr. Washington Luís. Nós sabemos que s. exc. É protestante, e sua esposa, ao que me informam, espírita. Sabemos que os catholicos paulistas não o apreciam, porque os seus sentimentos não são os sentimentos de um christão. Mas eu estou em apostar que amanhã todos irão votar nelle para Presidente da Republica, mesmo os catholicos. Onde é que se acham definidos os campos?¹⁶⁴

A ideia de uma sacralização da vida cívica está expressa mais claramente no artigo *A religião, melhor escola de civismo*. Nele, foi reproduzido um pequeno catecismo eleitoral, de autoria do cardeal Pierre Andrieu, bispo de Bordéus. Nele está explicitado pedagogicamente, na forma de perguntas e respostas, como devia conduzir-se o eleitor católico nos pleitos.

I – DEVER DE VOTAR

P – É um dever votar nas eleições?

R – Sim. É um dever votar nas eleições.

P – Por que é um dever votar nas eleições?

R – É um dever votar nas eleições porque as eleições designam os homens encarregados da *fazer as leis*. Ora, as

¹⁶³ Definindo attitude. *O Nordeste*. Fortaleza/Ce, 18 set. 1928, p.1.

¹⁶⁴ D'AZEVEDO, Soares. Mistura e confusão. Notas cariocas. *O Nordeste*. Fortaleza/Ce, 09 dez. 1925, p.1.

leis conforme a *qualidade* dos legisladores, podem ser *uteis* à religião e à Pátria.

II – MANEIRA DE VOTAR

P – Em quem se deve votar?

R – Deve-se votar em um *bom candidato* e o bom candidato é aquele cuja maneira de *pensar* e *actuar* permite acreditar que elle votará sempre em boas leis.

P – Quando são boas as leis?

R – As leis são boas quando dirigem a sociedade *ao fim* para a qual o Creador a estabeleceu.¹⁶⁵

Segundo *O Nordeste*, o catecismo poderia ser aplicável para o caso brasileiro. Pairava certa exigência de que o católico cumprisse sua responsabilidade cívica de forma mais atenta e acurada do que os demais cidadãos. De acordo com o excerto catequético, não havia possibilidade de os interesses da Igreja e do Estado se embarçarem: o que era benéfico para a religião, automaticamente favoreceria o poder temporal.

Uma vez que no Brasil não havia uma liderança do porte do Mussolini, cabia à população católica assumir o papel na condução das mudanças desejadas pela Igreja. As associações católicas eram espaços importantes para se alcançar esse fim e realizavam trabalho contínuo de recrutamento e/ou formação de fiéis militantes. As sociedades católicas de Fortaleza não se furtavam a debater sobre questões políticas. A União dos Moços Católicos realizou plenária em defesa do voto secreto e pela moralização eleitoral em 1925. De fato, o movimento leigo se empenhou em trazer discussões políticas a seu conjunto de membros. Contudo, essa politização era limitada, visto que o objetivo maior era canalizar o eleitorado católico para o projeto da hierarquia eclesiástica e não desenvolver uma consciência política crítica e autônoma.

Notam-se duas tendências no discurso da militância católica em relação ao enfrentamento do laicismo. A primeira tinha um propósito mais radical: defendia, em última instância, a subordinação do Estado à religião, embora quisesse conservar a autonomia da Igreja. A segunda linha, mais moderada e pragmática, propunha reformas que gradativamente aumentariam a influência da religião na vida pública e, caso fossem bem sucedidas, permitiriam à Igreja empreender voos mais altos. As emendas religiosas propostas à reforma constitucional podem ser enquadradas na segunda vertente, apresentando um programa mais enxuto e adequado à realidade.

¹⁶⁵ A religião, melhor escola de civismo. *O Nordeste*, Fortaleza/Ce, 16 dez. 1925, p.2.

Nacionalmente, Jackson de Figueiredo servia-se da revista *A Ordem* como tribuna para conclamar aos católicos a participarem da política em defesa de sua fé e orientava como o cidadão católico deveria se portar diante das questões políticas relacionadas à Igreja.

Catholico nenhum, por isto mesmo que é catholico, TEM O DIREITO DE DEFENDER A THESE LIBERAL DA SEPARAÇÃO ENTRE A IGREJA E O ESTADO. [...] Não é possível separação dos dois poderes sem que o individuo, “terreno commum a ambos” soffra e leve o seu soffrimento a reflectir-se sobre a propria vida collectiva.¹⁶⁶

O manifesto de Figueiredo era mais uma tentativa de agregar e disciplinar os católicos em questões políticas, das quais estavam, segundo críticas internas, muito dispersos. Para o líder do laicato carioca, a aliança com o Estado estaria condicionada a três pilares:

1º *Distinção* dos dois poderes, soberano cada um na sua esfera propria. 2º *Concurso* – Alliam-se para se ajudarem mutuamente. 3º *Subordinação* Estado à Igreja, nas questões mixtas. Tudo mais é negação, disfarçada ou não, dos direitos de Deus sobre a sociedade e ninguem que se diga catholico tem o direito de a proclamar, ajudar ou mesmo respeitar.¹⁶⁷

Os 2º e 3º pontos enquadram Figueiredo na ala mais radical do anti-laicismo, embora a defesa de que uma ordem política em que o Estado estaria subordinado à Igreja parecesse algo distante da realidade de então. Talvez uma postura mais dura pudesse representar uma estratégia para aumentar o poder de barganha dos segmentos católicos em uma possível negociação com a administração pública.

Ao relatar a trajetória de Mussolini no combate aos opositores, a gazeta reavivava a luta entre o bem e o mal e conferia ao *Duce* uma aura quase messiânica, como que um homem iluminado, escolhido para enfrentar os males.

O primeiro-ministro assumira o papel de defensor da ordem ao lançar-se em combate aos inimigos comuns do Estado e da Igreja. A suposta coragem do líder do *Fascio* contrastava com a hesitação de políticos liberais presos a compromissos partidários ou insensíveis à causa pública.

¹⁶⁶ A Igreja e a Reforma Constitucional. *O Nordeste*. Fortaleza/Ce, 17 ago. 1925, p.1. Grifo no original.

¹⁶⁷ *Idem*.

[...] a Itália, onde a mão forte de um homem ha mantido a paz, a concordia, a moralidade e a ordem. Enquanto os vermelhos, pondo de parte todos os princípios de civilização, lutam pela posse do poder, passando por cima de cadaveres, espalhando o terror e dominando pela força, Mussolini, sozinho, adoptando os principios basicos da moral christã, abriu para o seu país uma situação privilegiada, fazendo viver uma era feliz, em que as causas justas são respeitadas e o governo é prestigiado pelo povo, que compreendeu perfeitamente as intenções do grande reformador.”¹⁶⁸

O autoritarismo por si não explicaria o êxito do fascismo, como elemento fundamental, aparece a sua associação com o catolicismo. Entretanto, o emprego da violência só seria justificável quando utilizado pelos poderes constituídos para salvaguardar a ordem pública. Assim, de acordo com *O Nordeste*, era legítimo o governo acionar seu aparato repressivo para conter contestadores, mas era inaceitável se empregado por dissidentes.

A resolução da Questão Romana foi um processo que se iniciou já nos primeiros anos da gestão do *Duce*. Formou-se uma comissão integrada por representantes da Cúria Romana e do gabinete fascista para acertar os termos do acordo que se efetivou em 1929 com a assinatura do Tratado de Latrão.¹⁶⁹ A partir daquele ano, a questão recebeu ampla cobertura da folha, em editoriais, artigos e, a certa altura, quase que monopolizou a seção de telegramas.

Tanto o discurso da imprensa católica quanto a representação que esta fazia do fascismo apropriaram-se da herança clássica. A tradição latina seria o elemento interligador. Ambos manipulavam os conceitos de passado e futuro. A Mussolini foi atribuída a frase “A tradição latina e imperial de Roma, hoje é representada pelo Catholicismo. A unica idéa universal que existe actualmente em Roma é a que se irradia do Vaticano.”¹⁷⁰ Na sentença, o *Duce* evoca a ideia de um passado glorioso e de um futuro promissor, cujo elemento interligador seria a religião.

Para o diário, enfatizar o Tratado de Latrão era, sobretudo, valorizar um exemplo que serviria de inspiração para a política religiosa que se pretendia implementar no Brasil.

¹⁶⁸ Commentarios. *O Nordeste*. Fortaleza/Ce, 03 fev. 1928, p.1.

¹⁶⁹ A questão romana: medidas sympaticas do governo de Mussolini. *O Nordeste*. Fortaleza/Ce, 28 fev. 1925, p.1.

¹⁷⁰ *O Nordeste*, Fortaleza/Ce, 16 mar. 1929, p.1.

Algumas vozes fora dos círculos do catolicismo, no Brasil e no exterior, levantaram-se para questionar o acordo, seja pelo oportunismo político do *Fascio*, seja pela possível (e indesejável) interferência da Igreja no Estado italiano.

Quem quer que colocasse alguma ressalva à política de reaproximação da Santa Sé com o *Fascio* era relegado à condição de inimigo, tornando-se bolchevique um termo genérico e pejorativo para designar opositores.

Mais um bolchevista na terra alencarina [...]. *O Ceará* é doido, já o disse João Brígido e, por isso, não admira que apareçam doidos por estas ribeiras. A solução da questão romana, no dizer do impagável cronista, “marcou o início do declínio do fascismo e que elle proprio (Mussolini) assistirá a ruína do partido que construiu”. [...] A solução da questão romana, em hipótese alguma, prejudicará a marcha da política mussoliniana. [...] ¹⁷¹

A ferocidade com que o jornal defendia a aliança e atacava os questionadores do pacto dá ideia dos embates travados pelo catolicismo para se firmar no interior do Estado.

Houve um empenho em não macular a imagem do primeiro-ministro italiano, em dissipar qualquer sombra de oportunismo e de investir seu ato da mais sincera piedade e, com isso, dava-se pouca ênfase aos interesses políticos de ambas as partes que nortearam a aliança.

Conforme artigo de abril de 1929, a concordata assinalava o início de novos tempos, em que a religião retornaria para o lado da política. Após a concordata italiana, era visível nas páginas da gazeta um discurso que prenunciava o início de uma nova era.

Tudo está a indicar que o mundo, tão extraviado dos altos caminhos do bom senso e da moralidade administrativa, volta, a pouco, a uma nova era de respeito e apreço ás realidades da vida. Os sistemas artificiaes, em que se plasma a democracia athéa, opprimindo, em nome da liberdade, as manifestações mais profundas e mais delicadas das consciencia e do pensamento, falliram e se desmoralizaram no conceito de todos os estadistas contemporaneos, dignos deste nome. ¹⁷²

¹⁷¹ O declínio do fascismo. *O Nordeste*. Fortaleza/Ce, 02 mar. 1929, p.1.

¹⁷² Nova era . Editorial. *O Nordeste*. Fortaleza/Ce, 11 abr. 1929, p.1.

O anúncio da assinatura do Tratado de Latrão foi recebido com entusiasmo pelas hostes católicas de Fortaleza. Para celebrar a recém-conquistada autonomia política do Vaticano, *O Nordeste* pôs em circulação uma edição especial com 12 páginas.¹⁷³

A Arquidiocese da cidade promoveu uma série de eventos em comemoração à concordata, incluindo missas de ação de graças e preces públicas. Na celebração de maior porte, o cerimonial arquidiocesano previa um momento em que o arcebispo D. Manuel da Silva Gomes seria cumprimentado pelo então presidente do estado, José Moreira da Rocha. O significado do ritual ia além de uma congratulação oficial, representava, ainda que simbolicamente e no âmbito estadual, que o poder público no Ceará reproduzia aliança com a Igreja e reconhecia a autoridade da mesma.¹⁷⁴

Na Italia – diz solemnemente o *Duce* – a pessoa do Pontifice é e será sempre sagrada e invulneravel e ser-lhe-ão constantemente prestadas as honras devidas á sua **autoridade suprema**. A Italia fica sendo favorecida por uma força espiritual mais intensa, a força da Religião, que consolida e revigora o Estado! [...] Saudamos daqui, em nome do Ceará catholico, a Italia que ora revive os seus bellos dias de maior gloria!¹⁷⁵

Prevalece a definição de uma Igreja parceira, mas ainda sim soberana ao Estado. Nos textos relativos à celebração do acordo e que versam sobre religião e política fica clara a preponderância da primeira sobre a segunda, com destaque para o realinhamento promovido por Mussolini entre a administração pública e os preceitos do catolicismo.

Embora desde sua fundação *O Nordeste* tenha militado em prol da recatolização da política brasileira, é notório que o vespertino cearense estava engajado em um contexto mais amplo em uma cruzada internacional anti-laicismo de proporções mais abrangentes.

Por vezes, a glória do império romano sob a égide do primitivo cristianismo é evocada, o que reforça a aura providencial com que o discurso procurou investir o Tratado de Latrão.

¹⁷³ Uma mensagem d' "O Nordeste" ao "Osservatore Romano" – É portador da mesma o sr. Francesco di Angelo. *O Nordeste*. Fortaleza/Ce, 12 mai. 1929, p.4.

¹⁷⁴ Programma das festas commemorativas do acordo celebrado entre a Santa Sé e o Governo Italiano. *O Nordeste*. Fortaleza/Ce, 21 abr. 1929, p.1.

¹⁷⁵ A Italia e a Santa Sé. Editorial. *O Nordeste*. Fortaleza/Ce, 24 abr. 1929, p.1. Grifo no original.

A União dos Moços Católicos, um dos braços mais politizados do associativismo católico cearense realizou sessão magna em comemoração à resolução da Questão Romana em maio de 1929, com conferência de José Martins Rodrigues, administrador do jornal *O Nordeste*.¹⁷⁶

Não temam – diz Mussolini – os improvisados e poucos sinceros zeladores do Estado Soberano, mas anti-clerical, que, com a Concordata, o Estado Italiano, que, convem não esquecer, é o Estado fascista, haja dado de mão a alguma parcela da sua autonomia. Não receiem que a Concordata venha ressucitar na Italia a Idade-Media e todas as velhas situações que os tempos modernos para sempre eliminaram.¹⁷⁷

Rodrigues destacou o “milênário e admirável espírito de adaptação” da Igreja que a conscientizava de que sua vinculação ao poder temporal aos moldes do passado não era mais possível. Era preciso enfatizar que a Igreja estava plenamente preparada para as necessidades dos novos tempos.

Embora a tradição fosse um elemento fundamental para a reafirmação da legitimidade da doutrina católica, era importante que a comunidade eclesíástica mostrasse que estava apta para desempenhar seus papéis dentro dos códigos estabelecidos pela modernidade. Ao reconhecer as (de) limitações de sua relação com o Estado, poderia a Igreja potencializar a autonomia conferida pela administração pública. Contudo, era a Igreja, em última instância, que possuía a solidez suficiente (conferida em parte pela tradição) para salvaguardar a sociedade das turbulências do mundo moderno.

O Pacto de latrão possibilitou até mesmo a ressignificação da percepção inicial que o conferencista tinha a respeito do fascismo. O mesmo confessou sua desconfiança inicial nos camisas-negras motivada pelas ações violentas empregadas nos primeiros anos do partido. Se outrora a violência empregada nos primeiros do *Fascio* era vista com reserva, mesmo entre seus simpatizantes católicos, a partir de 1929 os excessos dos tempos primeiros foram justificados sob o argumento de serem indispensáveis para concretizar a obra de restauração moral da nação italiana.

¹⁷⁶ A solução da Questão Romana e a União de Moços Catholicos. *O Nordeste*. Fortaleza/Ce, 12 mai. 1929, p.1.

¹⁷⁷ RODRIGUES, José Martins. Reconhecimento das realidades. *O Nordeste*. Fortaleza/Ce, 12 mai. 1929, p.1.

Em breve os factos foram sendo mais bem esclarecidos; e sentimos então que a restauração da ordem na sua Patria, o combate sem treguas à anarchia minaz e o impulso às aspirações da nacionalidade italiana vingavam impôr-se ao nosso espirito, não só como realização necessaria naquelle momento, sinão como obra superior, que só o genio incommum de um estadista, desdobrando-se em toda a sua envergadura, legaria com tanta felicidade rematar.¹⁷⁸

Certamente, a proposta política implementada por Mussolini foi bem mais complexa do que *O Nordeste* faz supor e envolveu inúmeras variáveis das quais a concordata religiosa tinha papel importante, mas estava longe de ser elemento central do credo fascista. É factível que a interpretação da gazeta deslocou para o campo religioso o eixo central das mudanças ocorridas na Itália a partir de 1922.

O exemplo da Itália é potencialmente mais emblemático visto que o próprio organismo social conseguiu reunir forças para esboçar uma reacção. Entretanto, as massas deveriam ser guiadas, comandadas por homens excepcionais a quem cumpria a tarefa de discipliná-la, tutelá-la e afastar o perigo revolucionário.

Mussolini encarnou essa reacção. E, sentindo a necessidade de lhe dar um vigor e uma duração não transitoria, fortificou-se no espirito christão, que pe a força conservadora por excellencia, e força indestructivel, que haure na immortalidade divina as suas vurtudes inesgotaveis. Foi assim, convencido, com o padre Vieira, que não ha Cesares nem Alexandre sem Deus, que o estadista italiano restutuiu a Italia à catholicidade [...]¹⁷⁹

A religião aparece associada à força, ao vigor à virilidade. O objetivo dos segmentos católicos na cruzada contra o laicismo não era um simples retorno ao pretérito, de restaurar a ligação com o Estado tal qual se processara no passado. Buscou-se, acima de tudo, definir uma trajetória em direção ao futuro, em um novo conceito de cooperação entre Igreja e Estado. As propostas precisavam se adequar às necessidades do momento, responder objetivamente aos desafios em questão.

¹⁷⁸ *Idem.*

¹⁷⁹ *Idem.*

CAPÍTULO 3

FASCISMO – MÚLTIPLAS LEITURAS

3.1 – “Em bôa terra a semente sã” - Trabalho

“Dizer que o Catholicismo é inimigo do proletario, quando a Igreja manda dar ao pobre o superfluo do rico, é negar a propria evidencia.”¹⁸⁰

No final do século XIX, após um período imersa em questões de ordem doutrinária e de reorganização interna, expresso pelo projeto da romanização, a Igreja Católica passou a direcionar um olhar diferenciado para o mundo do trabalho. Como marco fundamental dessa etapa, o Papa Leão XIII lançou em 1891 a encíclica *Rerum Novarum* (acerca da condição dos operários), em que analisava a dinâmica das relações entre trabalho e capital. O documento representou a culminância das discussões do clero e do laicato sobre a inserção da Igreja nos debates a respeito da questão social, no lastro dos constantes conflitos de classe que se processavam concomitantemente à expansão da industrialização.¹⁸¹

Desse esforço nasceu a *Rerum Novarum*, que expressou o longo processo de maturação das relações da Igreja com a realidade dos tempos modernos. Era essencial que a instituição saísse do campo da metafísica e mergulhasse nas realidades sociais do seu tempo. Sob pena de se deixar novamente aprisionar, agora pelo socialismo que penetrava em seu rebanho.¹⁸²

Na *Rerum Novarum*, o Sumo Pontífice apontava o fim das antigas corporações e o afastamento dos princípios do catolicismo por parte do poder temporal como responsáveis pela fragilidade a que estava exposta a classe laboral perante a exploração do patronato.

¹⁸⁰ *O Nordeste*. Fortaleza/CE, 04 fev. 1927, p.1.

¹⁸¹ O empenho de compreender a questão operária prosseguiu com os papas que sucederam Leão XIII, sendo emblemática nesse sentido a encíclica *Quadragesimo Anno*, de Pio XI (1931) em que retomou várias questões lançadas pela *Rerum Novarum*.

¹⁸² SOUSA, Jesse Jane Vieira de. *Círculos Operários: a Igreja Católica e o mundo do trabalho*. Rio de Janeiro: Editora Faperj, 2002, pp.73-74.

O socialismo, o anarquismo e a organização sindical se apresentavam como alternativas para lutar contra a opressão imposta pelo capital; por outro lado, a repressão institucional à organização dos trabalhadores recrudescia em escala internacional. No Brasil, a decretação de ilegalidade do Partido Comunista (pouco tempo depois de sua fundação, em 1922), a deportação de militantes estrangeiros de esquerda e o cerceamento da imprensa operária eram desdobramentos dessa tensão.¹⁸³

A missiva papal defendia o que chamava de as “justas” reivindicações da classe operária, no que diz respeito à remuneração digna e às condições adequadas de trabalho. Ao mesmo tempo resguardava o direito à propriedade do patronato, em uma proposta conciliatória, mas visceralmente anticomunista em sua essência. Acusava os militantes de esquerda de incitar os mais pobres a nutrirem um “ódio invejoso” contra a classe dos proprietários.

[...] Mas semelhante teoria [comunismo], longe de ser capaz de pôr termo ao conflito, prejudicaria o operário se fosse posta em prática. Outrossim, é sumamente injusta, por violar os direitos legítimos dos proprietários, viciar as funções do Estado e tender para a subversão completa do edifício social.¹⁸⁴

A coletivização dos meios de produção proposta pelo socialismo era um dos pontos mais atacados pelo prelado. Segundo a autoridade pontifícia, a propriedade privada constituía um direito natural e estava duplamente resguardada pela legislação civil e pelo mandamento divino (inclusive citando o Decálogo), ficando interdito do ponto de vista legal e moral ameaçá-la. O Sumo Pontífice naturalizou os desníveis sociais, justificando-os a partir do ponto de vista biológico.

O primeiro princípio a pôr em evidência é que o homem deve aceitar com paciência a sua condição: é impossível que na sociedade civil todos sejam elevados ao mesmo nível. É, sem dúvida, isto o que desejam os socialistas; mas contra a natureza todos os esforços são vãos. Foi ela, realmente, que estabeleceu entre os homens diferenças tão múltiplas como profundas; diferenças de inteligência, de talento, de habilidade,

¹⁸³ Carone observa que, no esteio da repressão aos movimentos contestatórios, os governos Epitácio Pessoa e Arthur Bernardes impuseram uma série de medidas coercitivas contra as camadas populares e a organização dos trabalhadores. CARONE, *op. cit.*, 1974, p.368.

¹⁸⁴ LEÃO XIII. *Carta Encíclica Rerum Novarum*, 1891. São Paulo: Edições Loyola, 2002, p.7.

de saúde, de força; diferenças necessárias, de onde nasce espontaneamente a desigualdade das condições.¹⁸⁵

Na leitura do líder da Igreja Católica, a própria dinâmica da vida em sociedade exigiria uma variedade de funções que espontaneamente se desdobrariam em desigualdades na condição social. Tal lógica não comportava questionamentos a respeito da construção histórica dessas diferenças, nem admitia mudanças. Para Leão XIII, a perspectiva da luta de classes deveria ser substituída pelo ideal de solidariedade no relacionamento entre patrões e empregados. Para justificar tal posicionamento, recorria novamente à metáfora da ordem natural das relações sociais.

O erro capital na questão presente é crer que as duas classes são inimigas natas uma da outra, como se a natureza tivesse armado os ricos e os pobres para se combaterem mutuamente num duelo obstinado. [...] as duas classes estão destinadas pela natureza a unirem-se harmoniosamente e a conservarem-se mutuamente em perfeito equilíbrio. Elas têm imperiosa necessidade uma da outra: não pode haver capital sem trabalho, nem trabalho sem capital. A concórdia traz consigo a ordem e a beleza; ao contrário de um conflito perpétuo, só podem resultar confusão e lutas selvagens.¹⁸⁶

Na encíclica, emergia uma figura frágil do trabalhador, acossado pelas precárias condições de trabalho, prisioneiro das necessidades materiais e vítima ao mesmo tempo da ânsia pelo lucro por parte do patronato e das doutrinas “subversivas”, para as quais o documento papal direcionava severas censuras. Ressaltou também o papel da Igreja no amparo e assistência às camadas populares, como forma de resguardá-las das ameaças acima citadas, principalmente da cooptação socialista.

Foi o embate estabelecido com o socialismo um dos aspectos mais enfatizados na cobertura do fascismo por *O Nordeste*, desde o início da ascensão do movimento. Poucos meses antes da chegada de Mussolini ao poder, a própria folha católica relatava alguns incidentes entre camisas-negras e militantes socialistas, conflitos que se expressaram em disputas pela arregimentação de trabalhadores e sindicatos e/ou na violência direta por parte do *Fascio*. Embora o violento paramilitarismo dos jovens fascistas fosse visto

¹⁸⁵ LEÃO XIII, *op. cit.*, p.15.

¹⁸⁶ *Idem*.

com reserva pelos setores conservadores, parecia ser ele muito mais ameaçador aos adversários socialistas do que propriamente à ordem estabelecida.

Arrefecido o ímpeto fascista após a Marcha sobre Roma e com a consequente absorção do movimento ao aparelho estatal com a nomeação de Benito Mussolini para o posto de primeiro-ministro, a percepção sobre as proposições do *Fascio* a respeito das relações de trabalho foi se configurando, em um primeiro momento, a partir do ideal de colaboração de classes propalado pelo próprio governo italiano:

Mussolini tem recebido, de toda parte, as mais manifestações de aplausos.

Hontem, em Palesine, o presidente do conselho teve ocasião de pronunciar um discurso, em que assegurou que o fascismo jamais seria contrario aos trabalhadores.

A Italia – disse Mussolini – só podia chegar á prosperidade graças á collaboração de todas as classes de trabalho.¹⁸⁷

A ênfase do jornal recaía sobre a diferença dos projetos políticos para a classe laboral. Enquanto o socialismo postulava que somente a sublevação da classe trabalhadora contra a opressão do capital poderia emancipá-la, o fascismo defendia um projeto de reconstrução econômica do país a partir da sujeição de todas as classes sociais ao projeto estatal, sendo o trabalho o elemento agregador dessa união.¹⁸⁸ Atribuía a cada classe importância simbólica, ao mesmo tempo em que naturalizava os desníveis sociais (à semelhança da *Rerum Novarum*). Embora não se colocasse oficialmente como contrário às demandas trabalhistas, a "proteção" dispensada ao trabalhador implicava restringir suas estratégias de organização e atrelá-las ao Estado.

Antes restrita à ideia de colaboração de classes, propalada pelo próprio governo italiano, a atenção por parte do jornal para a questão social italiana recebeu impulso após a promulgação da *Carta del Lavoro*, em 1927, dispositivo jurídico que estabelecia as diretrizes para a arbitragem entre trabalho e capital na Península Itálica. Após o lançamento do documento, *O Nordeste* dedicou

¹⁸⁷ *O Nordeste*. Fortaleza/CE, 06 jun. 1923. p.2. Telegramma – Do exterior – Italia.

¹⁸⁸ Empobrecimento da classe média, inflação, desvalorização cambial, déficit fiscal, reinserção dos veteranos de guerra no mercado de trabalho e desemprego eram alguns dos sérios problemas que a Itália enfrentava após o fim da Primeira Guerra Mundial. MARIÁTEGUI, José Carlos. PERICÁS, Luiz Bernardo (Org.). *As origens do Fascismo*. São Paulo: Alameda, 2010.

três artigos para comentá-lo. Os textos do vespertino cearense se dedicaram menos a esmiuçar o conteúdo da *Carta* do que a reiterar a influência que a *Rerum Novarum* exercia sobre a legislação italiana, constatação acionada para reforçar a ideia de que a reforma política desenvolvida na Península Itálica estava circunscrita em valores cristãos. Sendo assim, era quase que de forma automática a ligação que o diário fazia entre a encíclica e a *Carta del Lavoro*, considerando a última como materialização das proposições papais.

Ainda bem que o Conselho Fascista foi encontrar na fonte pura desses ensinamentos salutareos o remedio para os grandes males das classes humildes. A “Carta do Trabalho! Reflecte ao vivo, a exactidão dos prognosticos do autor da Encyclica dos Operarios. A questão teria de attrair a benevolencia publica. O exemplo edificante da Italia, pondo em pratica os conselhos e indicações do Vaticano, ha de produzir resultados beneficos, que se alastrarão em bôa terra a semente sã!¹⁸⁹

A princípio e em linhas gerais, havia semelhança entre a doutrina social da Igreja e a questão do trabalho no fascismo, embora a missiva papal tivesse um caráter muito mais diretivo do que um programa de ação constituído. O ponto em comum mais evidente era a defesa do corporativismo como forma de organizar e harmonizar as categorias sociais. Na visita que fez a Roma em 1927, poucos meses depois da promulgação da legislação italiana, Dom Sebastião Leme, arcebispo do Rio de Janeiro, deu especial relevo à questão do trabalho.

A religião é respeitada com um sentimento profundo de veneração que parte do Chefe do Governo para chegar ao último cidadão; a luta de classe é completamente terminada; o trabalho é ordenado, em toda parte; a propriedade não só é respeitada, mas não é mais socialmente discutida; a disciplina observa-se escrupulosamente: nas estradas de ferro nas ruas nos escriptorios.¹⁹⁰

No quadro harmônico relatado por D. Leme é possível perceber, ainda que sutilmente, os mecanismos reguladores e disciplinadores por parte do Estado italiano para gerir e otimizar as forças produtivas.

¹⁸⁹ A defesa do operário. Editorial. *O Nordeste*. Fortaleza/CE, 23 jun. 1927 p.4. (edição matutina).

¹⁹⁰ Entrevista com o Cardeal Leme que estava em Roma. *O Nordeste*. Fortaleza/CE, 05 set.1927, p.3.

Mais uma vez o diário optou por enfatizar a inovação da legislação italiana no sentido de proporcionar assistência à classe trabalhadora contra a exploração do capital. *O Nordeste* reforçou a imagem do fascismo como protetor das classes desfavorecidas em eventuais querelas com os mais abonados, como no caso relatado pelo jornal em que o governo italiano aplicou sanções a grandes proprietários de imóveis que descumpriram decreto oficial que estabelecia redução dos aluguéis para inquilinos carentes.¹⁹¹ Nessa perspectiva, ressaltava que os direitos eram concedidos de forma benevolente por um líder provedor e negava qualquer agência dos mais pobres sobre as conquistas.

O mundo do trabalho era um dos focos da atenção dos segmentos católicos, mobilizando desde a cúpula eclesiástica, os párocos e o laicato, por serem os operários alvo em potencial da arregimentação comunista. Diante de tal convicção, era necessário que a ação católica neutralizasse a influência da esquerda sobre o proletariado e o campo da palavra escrita foi um dos canais utilizados para esse fim. O discurso católico se esforçou para glorificá-lo e retirar-lhe a carga negativa da exploração do capital.

O trabalho é gerador da civilização, e só elle, longe dos apóstolos seductores de falsas doutrinas subversivas, longe das paixões que cegam e desaviram, sem odios nem vindictas, nos pode dar a paz, a verdadeira paz, o maior e mais bello dos ideaes dos povos.[...] Operarios do mundo inteiro, uni-vos! Uni-vos pela paz, que será a vossa maxima conquista nas pugnas incruentas e gloriosas do trabalho.¹⁹²

O próprio jornal frequentemente se pronunciava em favor dos obreiros fortalezenses, denunciando casos de negligência patronal, principalmente no caso de empregados sob a responsabilidade do poder público. Na maioria das vezes, as queixas se referiam a atrasos nos pagamentos, como no caso da repreensão feita à Inspetoria de Obras contra as Secas, em que o jornal instou o referido órgão a regularizar a situação dos empregados. Era uma postura paternalista, que, em troca da "proteção" dispensada, exigia um comportamento passivo da classe laboral, negando-lhe o protagonismo na luta

¹⁹¹ Acto de Mussoline. *O Nordeste*. Telegrammas. Fortaleza/CE, 14 jul. 1927 (Edição matutina), p.1.

¹⁹² Primeiro de maio. *O Nordeste*. Editorial. Fortaleza, 01 mai. 1924, p.1.

por seus direitos. A legitimidade das reivindicações era condicionada a uma postura submissa por parte do operariado. Ressalte-se que essa sensibilidade à questão do trabalho por parte da imprensa não alcançava as zonas rurais, onde o domínio dos grupos oligárquicos sobre a população pobre era mais incisivo.

A questão do trabalho era analisada também a partir da possibilidade de atuação e intervenção do Estado, uma vez, na percepção da folha confessional, caberia ao mesmo exercer o papel de ente regulador para minimizar a exploração sobre os mais pobres e empreender esforços para humanizar as relações entre trabalho e capital.

O corporativismo italiano¹⁹³ representava um contraponto à doutrina liberal, ao livre mercado e à não-interferência na economia, com um Estado fortemente intervencionista, e consolidou-se como uma terceira via entre o comunismo e o liberalismo, posto que no campo econômico propunha uma linha de desenvolvimento econômico que apaziguava as tensões provenientes da luta operária e preservava a propriedade privada.¹⁹⁴

A espiritualização do capitalismo promovida pela abordagem de Mussolini ao corporativismo permitiu ao fascismo reivindicar e afirmar a sua suposta novidade e diferença entre o fascismo e o liberalismo e socialismo. Nesse aspecto, o esforço retórico para moralizar a economia e transformá-la em um exercício ético permaneceu uma característica principal do regime.¹⁹⁵

No mais, o jornal transmite a imagem de uma elevada taxa de consenso em torno do corporativismo italiano. Embora a adesão espontânea tenha sido um dos pilares do regime fascista e explique parte do êxito inicial do mesmo, a repressão intensa e os instrumentos coercitivos empregados pelo Estado para constranger os adversários políticos contrários ao projeto corporativo não tinham reverberação no trato do vespertino à questão.

¹⁹³ “O Corporativismo é uma doutrina que propugna a organização da coletividade baseada na associação representativa dos interesses e das atividades profissionais (corporações). Propõe, graças à solidariedade orgânica dos interesses concretos e às fórmulas e colaboração que daí podem derivar, a remoção ou neutralização dos elementos de conflito: a concorrência no plano econômico, a luta de classes no plano social, as diferenças ideológicas no plano político. INCISA, Ludovico. Corporativismo. In: BOBBIO, *op. cit.*, p.287.

¹⁹⁴ A partir do conceito de Antônio Gramsci, Marcos del Rio configura o fascismo como uma revolução passiva, posto que as reformas que introduziu no campo econômico visavam em última instância conservar a propriedade privada. DEL RIO, *op. cit.*, p. 92.

¹⁹⁵ FALASCA-ZAMPONI, Simonetta. Fascismo e estética. In: PARADA, Maurício. *Fascismo conceitos e experiências*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2008, p.53.

As cerimônias públicas, com a volumosa presença das massas populares, eram apropriadas como materialização desse conagração entre as classes sociais em torno do trabalho. Em 1928 a gazeta católica noticiou uma dessas celebrações na *Piazza del Popolo* (Praça do Povo), com a presença de representantes fascistas e sindicatos operários, contabilizando, segundo a nota, 65 mil espectadores.¹⁹⁶

O secretario do partido fascista, sr. Turati, foi saudado entusiastamente e aclamado, ao som e hymnos fascistas, executados por mais de setenta bandas de musica, e subindo a uma tribuna improvisada, pronunciou vibrante discurso, affirmando que hoje a Italia, resurgida, deseja impor a sua vontade e fazer valer os seus direitos e que trabalhadores e patrões, hontem inimigos, hoje confraternizam-se com disciplina, cumprindo os seus deveres.¹⁹⁷

O elemento religioso era implícito no corporativismo italiano. A comunidade nacional era provida de certa aura espiritual. A ideia de uma comunhão entre os cidadãos e destes com a pátria era amplamente disseminada pelo próprio fascismo, como deixa entrever a conclusão do discurso do secretário Augusto Turati.

Resurgi (sic), antigos e esplendidos vestigios de Roma, e olhae para a Italia nova que, sob a sagrada bandeira do exercito e sob os galhardetes fascistas reunidos em potentes organizações de trabalho, guiada pela vontade do “duce”, é digna das vossas sagradas origens.¹⁹⁸

No discurso reproduzido pelo jornal prevalece uma imagem de uma multidão passiva. O autoritarismo estava oculto e transparece um líder sereno, conciliador, um articulador e ao mesmo tempo agregador que conduzia as massas. Contudo, no fascismo, esse compromisso do cidadão era estabelecido com e pelo Estado, não pela Igreja, e a união supraclassista era tecida em torno da Pátria. Não obstante a semelhança entre o corporativismo italiano e a doutrina social da Igreja Católica, é preciso ter em vista as diferenças entre os dois projetos.

¹⁹⁶ A mobilização das multidões foi um novo elemento introduzido pela fascismo, como assinala Paxton: “Diferentemente dos conservadores e dos liberais mais cautos, os fascistas nunca pretenderam deixar as massas fora da política. Queria atraí-las, discipliná-las e energizá-las.” PAXTON, *op. cit.*, 81.

¹⁹⁷ *O Nordeste*. Serviço Radio-telegraphico. Fortaleza/CE, 25 abr. 19228, p.4.

¹⁹⁸ *Idem*.

É necessário distinguir o corporativismo católico do corporativismo dirigista (estatal), que teve sua concretização no corporativismo fascista. Tal distinção está na perspectiva ética do primeiro, que propõe “a supremacia do amor e do bem comum sobre os interesses particulares”, enfatizando uma moral assentada no conceito de justiça, na caridade e no bem comum. Já para o segundo, os interesses que devem prevalecer são os da nação.¹⁹⁹

Para além de porta-voz da ação social católica do Ceará, *O Nordeste* constitui peça importante na mesma, dirigindo ele próprio obras de cunho beneficente. Instalou assistência médica e jurídica gratuita. Na redação do diário funcionava o Crédito Popular São José, instituição financeira que se propunha a conceder empréstimos para os mais pobres a taxas de juros menores.

Para além do assistencialismo, a gazeta enfatizava o papel do jornalismo católico para orientar os trabalhadores e como instrumento neutralizador dos segmentos de esquerda, atribuição que desempenhava no vácuo do poder civil e na ausência de um líder ou força política agregadora.

Também no trato com a questão, a missão autoatribuída do jornal católico era fortalecer o compromisso do rebanho católico com o princípio da autoridade. Na prática, tal visão se desdobrava em procedimentos por parte de *O Nordeste* enquanto órgão informativo: intensa publicização de valores e experiências considerados positivos; abordagem cuidadosa dos movimentos contestatórios e, por fim, constante vigilância sobre os veículos informativos “adversários”.

Além do mutualismo, faz-se mister a actuação no domínio do pensamento, para que, por meio do jornal corajoso e bem intencionado, se ensine o povo a ter opinião independente, baseada nos dictames serenos da consciencia.²⁰⁰

A opinião “independente” dizia respeito à influência das correntes de pensamento antagônicas. Embora não se declarasse neutro, *O Nordeste* não se reconhecia como portador de um discurso político, fruto da convicção de

¹⁹⁹ SOUSA, *op.cit.*, p.164.

²⁰⁰ Acção social – “O Nordeste” installa assistencia medica e juridica para as classes desfavorecidas. *O Nordeste*. Fortaleza/CE, 20 mar. 24, p.1.

que sua linha de pensamento derivava de uma verdade universal e única, proveniente da Igreja Católica.

A crítica era direcionada não somente à imprensa operária (que na década de 1920 teve atividade restrita pela legislação), mas abrangia o jornalismo leigo de maneira geral, muitas vezes pelo simples fato de não compartilharem das mesmas ideias e/ou opiniões que a folha católica.

Uma das propostas lançadas pelo papa Leão XII para reconstruir a rede de proteção em torno do operariado era através do estabelecimento do associativismo operário dentro dos princípios cristãos e normatizado pelo poder temporal como solução.

Em 1915, foi fundado em Fortaleza o Círculo de Trabalhadores e Operários cuja proposta era se firmar como uma alternativa concreta e cristã ao sindicalismo de esquerda. Uma reação justa (porém comedida) dos trabalhadores contra a opressão do capital.

Em artigo que explanava a gênese e funcionamento do Círculo Operário São José em Fortaleza, Monsenhor Tabosa analisou o movimento sindical (contra o qual a Igreja travava batalhas ideológicas) no Brasil antes da disseminação das referidas associações católicas.²⁰¹ Para *O Nordeste*, o circulismo católico foi um divisor de águas na organização dos trabalhadores no Brasil dentro dos parâmetros legalistas.

No Rio organizaram-se sociedades que são antes ameaças à ordem pública, que centros de disciplina e de prosperidades. Cuidaram mais de levantes que de direitos e obrigações. Eram verdadeiros antros de anarquia e depredações. Não davam valor ao princípio de autoridade. O ódio às classes conservadoras era o ambiente em que viviam. Na dynamite punham suas maiores esperanças...²⁰²

O discurso anticomunista foi um elemento onipresente durante a trajetória do jornal *O Nordeste*. A agressividade dos textos relativos à experiência soviética contrastava com a inexistência de uma ameaça real de

²⁰¹ - De acordo com a carta magna republicana, o governo federal tinha pouca ingerência sobre questões trabalhistas. O quadro se alterou timidamente após a conclusão da reforma constitucional, em 1926. De maneira geral, o dissídio entre patrões e empregados era tratado como caso de polícia. CARVALHO, José Murilo de. *Cidadania no Brasil: o longo caminho*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001, p.62.

²⁰² TABOSA, Monsenhor Antônio. Acção principal dos Circulos. *O Nordeste*. Fortaleza/CE, 12 dez. 1925, p.1.

algum grupo comunista organizado em larga escala em terras cearenses. O "perigo vermelho" era paradoxalmente distante, mas presente, a ponto de seu combate ser um dos pilares da ação católica.

Aplacar o sindicalismo de matriz revolucionária e dar respostas concretas aos anseios dos trabalhadores no tocante a suas demandas eram dois dos desafios em questão para os Círculos. No modelo católico a coletividade se sobrepunha, obedecendo-se à ordem a uma hierárquica. O mutualismo operário quando bem orientado poderia afastá-los da subversão. A reivindicação classista, justa por si, só adquiria legitimidade se circunscrita dentro dos liames da legalidade.

3.2 – Moralidade

*Não sabemos que mais admirar: se o cuidado da prophylaxia moral ou se a intransigencia justiceira que não recúa deante de nenhuma conveniencia. Ah! Um Mussolini no Brasil!*²⁰³

As formas de sociabilidade, comportamento e lazer desenvolvidas em Fortaleza após a Primeira Guerra Mundial foram vistas com reserva, desconfiança e no mais das vezes com reprovação pelo jornal *O Nordeste*. No discurso do vespertino, era constante o embate entre a tradição e a modernidade, em uma cidade que cada vez mais parecia render-se aos apelos do mundo hodierno.

A gazeta atacou vários elementos tidos como responsáveis pela corrupção de costumes: os jogos de azar, o alcoolismo, a falta de decoro público, o meretrício, as danças modernas, o cinema, o teatro, a moda feminina e a imprensa. Os elementos acima citados, na visão do diário católico, cristalizaram-se como símbolo de uma era em que, para além da aparente obsolescência dos modelos políticos e econômicos, igualmente os antigos padrões de moralidade pareciam estar em crise.

A nossa terra está atravessando um phase francamente anormal, no tocante á educação da mocidade, que reclama especial atenção dos chefes de famílias. Raro é o dia em que a policia não registra um facto censurável, praticado por moços de sociedade. A razão é que, salvo excepções, são elles creados nos *cafés* e nas *pensões alegres*, ora pela tolerância criminosa de certos Paes, ora pelo exemplo pernicioso que vão recebendo.²⁰⁴

Na ótica da folha confessional, a cidade parecia viver um processo de degeneração moral, cujo efeito mais visível (e devastador) era a desestruturação do núcleo familiar. A gazeta relacionava diretamente um suposto colapso nos valores morais à desorganização do lar, com consequente repercussão nas outras esferas sociais. Em artigo de julho de 1922, intitulado *A paixão pelo luxo*, o Padre Tabosa atribuía aos hábitos de consumo de alto padrão parte da responsabilidade pelo desvirtuamento de papéis socialmente estabelecidos no seio da família.

²⁰³ Justiça que não recua. Notas e fatos. *O Nordeste*. Fortaleza/Ce, 13 jan. 1929, p.1.

²⁰⁴ Crise Moral. *O Nordeste*. Fortaleza/Ce, 23 dez. 1924, p.3.

A mulher, deixando-se arrastar pelas modas românticas, por diversões quotidianas, vae perdendo o gosto pelo labor domestico, não tem amor á casa e não fiscaliza a despensa, tem horror á cosinha e não se enthusiasma pelos filhos. [...] Os roubos se multiplicam, abrem-se inqueritos nas repartições publicas, apuram-se responsabilidades, descobrem-se defalques [...] encontram-se sempre as causas de tamanhos desastres nas orgias do marido ou no luxo exagerado da familia.²⁰⁵

Para Tabosa, os efeitos não tardariam a se estender para todo o corpo social. Filhos mal orientados no espaço doméstico tornar-se-iam homens públicos prevaricadores, empregados negligentes, cidadãos apáticos e administradores desonestos. Os homens públicos provavelmente descuidariam da formação moral da juventude, de sorte que se formava um círculo vicioso em que família e Estado pareciam incapazes de resolver o problema.

A crítica maior recaía sobre essa reconfiguração da hierarquia promovida pelos hábitos modernos. Esse paradigma de consumo e comportamento conferia certo protagonismo à mulher e aos jovens de ambos os sexos. Pareciam eles desfrutar de uma autonomia sobre o elemento masculino provedor e chefe da família. Lamentava Tabosa que os criados (principalmente do sexo feminino) imitavam os hábitos dos patrões, abandonando o ideal de pobreza singela apregoado pela Igreja.

A moralidade era uma das questões centrais que permeavam as páginas do jornal *O Nordeste*, tão presente que acabou por se tornar uma das características mais marcantes do vespertino. O assunto era analisado a partir de uma perspectiva religiosa, política e científica. Era encarado como uma problemática com amplitude suficiente para, inclusive, embaraçar a atuação do Estado, visto que corrupção e criminalidade seriam alguns de seus desdobramentos. Logo, na visão do periódico confessional, combater a degeneração moral deveria constar no programa de ação da administração pública, seja no âmbito preventivo, por meio de ações educativas direcionadas aos jovens²⁰⁶, ou pela repressão, através do acionamento do aparato policial.

²⁰⁵ TABOSA, Padre Antônio. A paixão do luxo. *O Nordeste*. Fortaleza/Ce, 12 jul. 1922, p.1.

²⁰⁶ Nesse caso, *O Nordeste* se refere ao ensino religioso.

O tom de denúncia à corrupção de costumes foi intenso e manteve-se constante ao longo de toda década de 1920. A ideia de uma reação foi amplamente apregoada pelo diário como uma necessidade imperiosa para reverter esse processo. Nesse intento, somava esforços com o laicato católico da cidade e de agremiações diversas (não necessariamente ligadas à Igreja). As lições de moralidade eram reproduzidas de forma recursiva nos púlpitos, na imprensa e no associativismo católico da capital.

O tema mobilizou fortemente a redação e os leitores da folha, que se apropriaram da gazeta como uma intermediária junto ao poder público, visto que muitas vezes faziam suas queixas através do jornal. Indignado com o comportamento que qualificou como “despudorado” por parte de algumas frequentadoras das praias de banho, um leitor escreveu à folha em agosto de 1925 para externar sua desaprovação.

Venho solicitar de v.s. o especial obsequio de, por intermédio do seu conceituado jornal, chamar atenção de quem de direito para a revoltante falta de respeito à moral publica, verificada em nossa praia de banhos. Agora, então, depois que uma ordem de habeas-corpus veio assegurar o exercício da liberdade de certas mulheres para afrontarem a dignidade das famílias, a cousa se tornou muito peor. Infelizes marafonas, em mais vergonhoso attestado do quanto se vêm degradando os nossos costumes.²⁰⁷

Em maio de 1923, a parceria entre os leitores e a redação ficou expressa através da campanha intitulada *Pela moralidade social*, em que o público leitor denunciava atos de imoralidade (iniciativas semelhantes foram retomadas em outras ocasiões, como no caso relatado acima). Bebedeiras, vadiagem, atos libidinosos e falta de decoro público eram algumas das queixas apresentadas. Porém, as críticas aos hábitos dos cidadãos e às condutas imorais não eram monopólio do referido vespertino, sendo frequentes no cenário jornalístico da capital. Abaixo segue uma queixa de teor semelhante publicada pelo *Correio do Ceará*, em 1928.

Ha um facto em Fortaleza, que está clamando insistentemente providencias da policia: a vagabundagem. Em determinados pontos, especialmente nas visinhanças do mercado, no passeio publico, na praia, na cercania dos

²⁰⁷ Queixas do povo – Pela moralidade social. *O Nordeste*. Fortaleza/Ce, 27 ago. 1925, p.4.

armazens e depositos, pelos arrabaldes, perambulam ou estacionam indolentemente chusmas de desocupados de toda especie, ás mais das vezes formando grupos que se delicias em palestras pouco decentes, em calão baixo, d'alfurja, sem a menor atenção as pessoas que transitam pelo local, especialmente as familias, sobre as quaes, ao passarem, começam a fazer considerações quasi sempre desairosas.²⁰⁸

A estigmatização recaía sobre aqueles que, de uma forma ou de outra, não se enquadravam nos papéis estabelecidos para sua condição social; aos homens pobres, quando não se inseriam em atividades produtivas, e às mulheres, quando afastadas da gerência do lar (mesmo que na condição de empregadas domésticas).

Como características comuns às reclamações por parte da redação do jornal e, eventualmente, de seu círculo leitor, contra atos impudicos, destacavam-se três elementos: a preocupação com a preservação da unidade familiar nos moldes tradicionais, o ressentimento pela ausência de instrumentos coercitivos mais efetivos sobre os agentes das condutas desviantes por parte do Estado e a ideia (expressa ou implícita) de que os delituosos deveriam ser segregados espacialmente dos “cidadãos de bem”. No caso da passagem citada acima, o missivista protesta não somente pela existência de indivíduos despudorados, mas, sobretudo, por estes manifestarem tal comportamento em locais próximo às famílias.

Para fortalecer sua bandeira, o vespertino adotou a estratégia dos exemplos, tanto no campo discursivo quanto de experiências efetivas. Quaisquer tentativas, principalmente no campo institucional, eram valorizadas (não raro hiperdimensionadas), seja a desaprovação da rainha da Romênia aos excessos da moda feminina, a restrição de horário imposta pela polícia austríaca para a execução dos bailados modernos nos clubes do país ou a interdição da presença de crianças em teatros estabelecida por um magistrado mineiro. No tocante à interferência do Estado na disciplinarização das questões morais, a experiência italiana constituiu um dos exemplos mais recorrentes.

Declarada a guerra ao velho e sagrado lar christão, quem se ergue do seio dos povos modernos a protestar? - A Italia, pelas medidas de Mussolini – guardião das virtudes da catholica raça latina. Como? Mussolini foi até agora o unico politico do mundo

²⁰⁸ Cuidado com essa gente...*Correio do Ceará*. Fortaleza/CE, 15 mar. 1928, p.2.

que viu o problema do bolchevismo internacionalista através desse prisma da corrupção dos costumes.²⁰⁹

Também no campo da moralidade, o acirrado antagonismo ideológico entre o catolicismo e o comunismo se fazia presente. A folha católica insistia na ideia de uma conspiração orquestrada pelos comunistas e que a degeneração moral precedia uma dominação política, disseminando um discurso que alçava a Igreja à condição de guardiã dos princípios morais das nações cristãs, de modo que uma mudança de costumes significava, em última instância, um ataque e um enfraquecimento da comunidade nacional como um todo. Sérgio Buarque de Holanda atribuía à associação entre uma nova forma de fazer política e moralidade o êxito que o fascismo atingia

Não é impossível, pois, que o fascismo de tipo italiano, a despeito de sua apologia da violência, chegue a alcançar sucesso entre nós. Hoje os partidários do fascismo já descobrem seu grande mérito em ter tornado possível a instauração de uma reforma espiritual abrangendo uma verdadeira tábua de valores morais. Não há dúvida que, de certo ponto de vista, o esforço que realizou significa uma tentativa enérgica para mudar o rumo da sociedade, salvando-a de supostos fermentos de dissolução.²¹⁰

Entretanto, a reforma espiritual levada à frente pelo fascismo não tinha o objetivo de restaurar os padrões de moralidade tradicionais. Queria, antes de tudo, renovar a forma de fazer política, mas construir novos valores para moldar o "novo homem" italiano.

As referências que o diário católico fazia à política italiana de combate à corrupção de costumes lançavam mão do recurso da comparação com a situação brasileira, como no caso do combate aos jogos de azar.

Das pragas sociaes é o jogo a que maiores males traz á humanidade. [...] As autoridades devem, pois, deter em sua marcha macabramente devastadora semelhante lepra, não permitindo que ella corrôe o organismo social. Entre nós ha tanta liberdade para o cultivo do jogo que já não se tem mais o recato natural de quem possui uma casa exclusivamente para a exploração do vicio, da perdição e da miseria.²¹¹

²⁰⁹ A moda nacional. *O Nordeste*. Fortaleza/CE, 11 abr. 1927, p.4.

²¹⁰ HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*, p.186

²¹¹ O jogo prolifera entre nós. *O Nordeste*. Fortaleza/CE, 05 jul. 1922, p. 2.

Mais uma vez, foi acionada a metáfora organicista para explicar a contaminação do tecido social. *O Nordeste*, já em seus primeiros meses de funcionamento encampou propaganda contra a jogatina. A iniciativa do jornal gerou protestos contrários à interdição tanto por parte dos usuários desta forma de lazer quanto dos que operavam os jogos.

Na Itália, segundo relatava o jornal, o próprio Estado buscou coibir o funcionamento das casas de jogos. Mas também ali ficou expressa a resistência dos sujeitos às regulamentações, tendo em vista a dificuldade de proibir integralmente o funcionamento de tais estabelecimentos. O governo fascista tentou enquadrá-los em regras mais rígidas, com o pagamento de taxas elevadas e sob a condição de se fixarem longe dos grandes centros.

O conselho de ministros, verificando que a proibição absoluta ao jogo estava sendo brulada com a existencia, de innumerous *tripots* secretos, cujo funcionamento abusivo estava fóra do alcance da fiscalização da policia, adoptou o projecto de lei, autorizando o funcionamento de casas de jogo, inclusive aquellas onde existirem jogos de asar.²¹²

Embora as duas últimas citações tenham sido escritas com dois anos de diferença, o julgamento que a folha católica formulou a respeito da postura das autoridades brasileiras permaneceu o mesmo quando do relato do caso italiano: uma aparente liberalidade com que a questão era tratada no Brasil contrastava com um plano de ação mais consistente por parte dos fascistas. Enquanto a iniciativa italiana era dirigida pelo próprio Estado, para o caso brasileiro era a sociedade civil que organizava estratégias de combate à imoralidade, agindo no vácuo do absentéismo estatal.

A parceria entre Igreja, imprensa e entidades leigas (ligadas ou não ao laicato católico) era profícua em campanhas de cunho moralista, como no movimento contra o alcoolismo, promovido pela Arquidiocese de Fortaleza em parceria com a Liga Brasileira de Higiene Mental. Dom Manuel divulgou uma circular junto ao clero cearense para que este alertasse os fiéis sobre os perigos do vício:

A Religião condemna, como peccado, o abuso do alcool, e aconselha, como util, e em muitos casos necessaria, a completa abstenção delle. Recommendamos a todos os

²¹² Medidas do governo italiano sobre o jogo. *O Nordeste*. Fortaleza/CE, 10 mai. 1924, p.1.

parochos e aos sacerdotes em geral que em as suas pregações, sobretudo, no proximo domingo, quando é maior a assistencia de fieis nas igrejas, apontem as gravissimas consequencias do alcool no individuo, na familia e na sociedade, e mostrem claramente qual o ensinamento da Igreja sobre isto.²¹³

Em 5 de fevereiro de 1928, o jornal relatou na sessão de telegramas que uma propaganda em favor da abstinência alcoólica fez com que metade dos botequins romanos fechasse as portas no ano anterior. A notícia, entretanto, não explicita quem teria capitaneado a campanha, se o governo ou alguma organização da sociedade civil.²¹⁴ Contudo, de maneira geral, as referências à adicção alcoólica foram relativamente tímidas se comparadas com outras temáticas da mesma natureza.

As repreensões de cunho moral foram direcionadas tanto às camadas pobres e/ou indivíduos que viviam em situação de marginalidade social (meretrizes, mendigos, artistas e indivíduos sem ocupação definida) como recaíam sobre a elite. Os mais abonados eram admoestados por desprezar os costumes singelos e tradicionais para imitar os padrões de comportamento e consumo da burguesia europeia. Em 1924, o periódico reproduziu uma matéria de Plínio Barreto, no jornal *Estado de São Paulo*, em que o mesmo admoestava a conduta de algumas brasileiras no estrangeiro:

[...] Vi, entretanto, e pesa-me escrevê-lo, vi brasileiras empenhadas, á face do estrangeiro em destruir a reputação que conquistaram. De excepcional gravidade pareceu-me o facto, porque, segundo me informaram, essas damas eram de famílias poderosas e, o que mais impressionante ainda, eram todas solteiras. [...] Ainda agora, em viagem, vi raparigas dansarem, na presença dos Paes, com uma desenvoltura de velhas freqüentadoras de “cabaret” que me senti vexado diante de estrangeiros em cuja roda estava.²¹⁵

Os novos costumes eliminavam distinções tradicionalmente estabelecidas. As danças da moda (*charleston*, *fox-trot*) faziam com que moças de “boa família” se comportassem como meretrizes. Os cabelos curtos da

²¹³ Aviso: Ao Revmo. Clero da Archidiocese de Fortaleza. *O Nordeste*. Fortaleza/CE, 17 out. 1928, p.1.

²¹⁴ *O Nordeste*. Telegramas. Fortaleza/CE, 05 fev. 1928, p.5.

²¹⁵ Excesso...de educação . *O Nordeste*. Fortaleza/CE, 12 dez. 1924, p.2.

moda à *garçonne* eliminavam as diferenças entre os dois sexos. Os novos comportamentos dissolviam barreiras e desafiavam classificações.

O discurso médico foi um elemento agregado para reforçar as recriminações às referidas condutas. No final de 1924, a folha publicou o parecer do Dr. Bernard, em que o médico elencava os distúrbios que atacavam as apreciadoras das danças.

[...] insomnias, atraso de desenvolvimento normal, falta de apetite, delíquios, perturbações circulatórias, phenomenos de auto intoxicação, neurosis spasmódicas, anomalias de memória, incoherencias de caracter, fadiga intellectual, perversão do senso moral e, ás vezes, accidentes muito graves. E conclúe: “Uma senhora que executa, com exaggero, dansas modernas será, physiologica e psicologicamente, uma detestável mãe de família”.²¹⁶

O argumento enfatizava a extensão dos danos causados, abrangendo aspectos físicos e psicológicos para reforçar a ideia da fragilidade feminina. Os alertas sobre os supostos perigos dos bailados revelam a intenção de disciplinar os corpos. Neste caso, a ciência era acionada para legitimar e reiterar a moral religiosa.

Além da dança, o teatro e o cinema eram expressões artísticas analisadas com reserva pela folha arquidiocesana, principalmente o último, sob o argumento de que o apelo visual da sétima arte incitava os jovens a imitar o conteúdo das produções. Tanto o enredo das películas quanto o comportamento dos espectadores nas salas de exibição eram alvos de repreensões por parte do periódico.

Em maio de 1923, o vespertino alertou os leitores sobre o teor impróprio para famílias da peça *Aguenta, Felipe*. O jornalista não deu maiores detalhes para justificar tal classificação, mas parecia que o parecer negativo do diário católico era suficiente para acautelar os leitores. Segundo o próprio jornal, o sobreaviso surtiu efeito e o público que compareceu ao evento consistia em “mulheres de vida airada e de indivíduos avidos de prazeres grosseiros e baratos.” Novamente, *O Nordeste* evoca a política de censura Mussolini às referidas manifestações artísticas como exemplo.

²¹⁶ O mal das dansas. *O Nordeste*. Fortaleza/CE, 16 dez. 1924, p.1.

O dictador italiano, sr. Benito Mussolini, acabou de chamar á sua inspecção directa a repressão da immoralidade nos theatros e cinemas do seu país. É o que noticiam os jornaes recentemente chegados do Velho Mundo, onde se registram a cada passo, tantos factos dignos de serem imitados por certas republicas americanas, profundamente conturbadas, devido ao espirito do liberalismo anti-racional de que estão impregnadas as suas instituições.²¹⁷

O editorial trabalha com a perspectiva da repressão, não da regulamentação para as atividades artísticas. A notícia relatava ainda que anteriormente, uma comissão formada com o fim de cuidar da censura nesses campos artísticos fora mal sucedida, fato que fez o *Duce* chamar à sua responsabilidade direta a missão.

O decidido conductor de homens não é um catholico e tem por vezes, nas suas medidas de acção administrativa, contrariado a doutrina da Igreja, de maneira aburda e violenta. Mas do ponto de vista de moralidade publica vae tendo a melhor orientação, segundo o inspiram as luzes da razão e o ensino de alta sabedoria do Christianismo. Elle sabe e não se cansa de declarar que um povo não pode ser grande se deixa de considerar a Religião como elemento essencial da sua vida privada e publica!²¹⁸

Entra em questão o fato de uma determinada doutrina religiosa, mesmo dentro de um Estado laico, almejar transformar seus valores morais em dispositivos jurídicos para o conjunto da população usando o próprio Estado como instrumento para esse fim. Contudo, a forma com que os fiéis conduziam sua vida privada destoava em muitos aspectos dos propósitos estabelecidos pela hierarquia eclesiástica. Frequentemente o jornal endossava e, até mesmo, defendia abertamente como legítima a interferência do Estado no cotidiano e na vida particular dos cidadãos, mesmo em questões aparentemente mais prosaicas.

Mussolini, que queiram ou não, é o homem da epoca, depois de propor a abolição do chapéu, acaba de prohibir o aperto de mão. Na Italia a saudação é feita à romana: mão contra o proprio peito e uma graciosa curvatura da cabeça. Isso é mais elegante e mais perigoso à saude individual. Por que não abolimos nós também o aperto de mão? Si não pudermos fazê-lo de todo, que restrinjamo-lo o mais possivel.²¹⁹

²¹⁷ Chronica negra. *O Nordeste*. Editorial. Fortaleza/CE, 20 mai. 1928 p.1.

²¹⁸ *Idem*.

²¹⁹ Commentarios. *O Nordeste*. Fortaleza/CE, 05 fev. 1928.

A partir de ações como esta, *O Nordeste* consolidou a figura do *Duce* como líder de uma reação moralizadora. Novamente os embates que se desenvolveram a partir da adoção dessas medidas nunca eram colocados pelo jornal ou pareciam silenciados diante das medidas repressoras do ditador italiano, postura que o jornal endossava.

De todos os hábitos listados como impudicos, aquele mais severamente combatido pelo jornalismo católico foi a moda feminina. A vestimenta das mulheres sofreu alterações substanciais após a Primeira Guerra Mundial. Os vestidos encurtaram à altura dos joelhos, o comprimento das mangas diminuiu e os decotes aumentaram, os vestidos eram confeccionados com tecidos fluidos, que permitiam maior liberdade de movimento, e por vezes empregavam transparências. O cinema e as revistas de moda serviam de inspiração para as mulheres cearenses que lhes copiavam trajes, maquiagens e penteados vindos de fora. Em Fortaleza publicações como a *Bataclan*, *Jandaia* e *Ceará Ilustrado* inteiravam as fortalezenses sobre as novidades.²²⁰

As igrejas tradicionalmente eram importantes locais de sociabilidade e o conflito entre o sagrado e o profano acabou por adentrar o espaço dos templos católicos. Muitas fiéis frequentavam as missas e demais celebrações vestidas de acordo com as modas em voga, o que fez com que a comunidade eclesial local tomasse medidas mais extremas.

De accordo com as providencias tomadas pela Igreja, no Ceará, “não serão admitidas a sacramentos, confissão, comunhão, crisma, matrimonio, as pessoas do sexo feminino que se apresentarem com vestidos demasiadamente curtos, collados ao corpo, transparentes, mangas curtas, acima dos cotovellos, decotados em excesso. Nesses trajos não poderão servir de madrinhas de baptismo nem de crisma, nem tomarão parte nas reuniões nas igrejas, quer nos salões externos destinados a este fim.”²²¹

O próprio Vaticano manifestou-se sobre o assunto pouco tempo depois. O Vigário Geral do Papa Pio XI, Cardeal Pompilli, fez publicar e afixar nas igrejas de Roma uma advertência, muito semelhante às proferidas pela Igreja

²²⁰ SILVA, Diocleciana Paula da. *Do recato à moda: moral e transgressão na Fortaleza dos anos 1920*. Dissertação (Mestrado) em História Social. Universidade Federal do Ceará, 200, p.33.

²²¹ Reação moralizadora. *O Nordeste*. Fortaleza/CE, 05 fev. 1925, p.2.

cearense, interditando a presença de mulheres que não estivessem vestidas de acordo com o prescrito pela autoridade eclesiástica. Na ausência de dispositivos legais para disciplinar a vestimenta feminina, *O Nordeste* arrogava para a Igreja o dever de propugnar a moralização da moda.

Deixemos para os povos decadentes, semi mortos, á beira do tumulto, façam as modas mais extravagantes, mais ridículas, mais indecentes, que os seus cerebros doentes possam conceber. A nós, porém, brasileiros, que somos jovens, fortes, esperançosos, tendo ainda a vida por vivermos, o destino por dominarmos, cumpre reagirmos, contra esse desvario, essa loucura de u'a moda, que é antes de um motivo para provocar appetites do que uma demonstração de decencia e sanidade moral."²²²

No embate entre tradição e modernidade, na folha confessional, o novo era associado à decadência, à degeneração e à debilidade, e os antigos costumes à vitalidade, ao vigor e à solidez. Era a visão de que, paradoxalmente, os costumes hodiernos pareciam encaminhar a sociedade para uma derrocada e os valores tradicionais (cristãos) conduziram ao progresso.

No final de 1924, o jornal promoveu um concurso de quadras entre os leitores para satirizar as seguidoras das modas em voga e convencer suas adeptas da inconveniência de seus trajés.

A mulher tal luxo apura
De roupas tanto se priva.
Que suponho: a Eva futura
Será como a primitiva...

Mas ao menos a mãe Eva,
Por cerimônia ao marido
Velava o corpo na treva
De seu cabelo comprido!

Patrícias minhas queridas,
A vaidade é um pesadello...
Voltae ás mangas compridas,
Deixae cresce o cabelo!²²³

²²² *Idem.*

²²³ A moda immoral! – Um concurso de quadras sobre os seus excessos. *O Nordeste*. Fortaleza/CE, 23 dez. 1924, p.2.

Eivado de um humor atípico ao vespertino católico, o certame não tinha o objetivo limitado a escarnecer essas mulheres. Possuía antes de tudo um propósito pedagógico para sensibilizá-las de sua conduta e alertá-las de que parte do público masculino não aprovava os ditames da moda.

Embora o fascismo tivesse forjado seus próprios códigos para impor aos cidadãos que viviam sob sua jurisdição, o diário católico insistia em associar as medidas moralizantes de Mussolini a valores católicos.

Saias curtas? Cabellos cortados? Chás dançantes com os seus vícios e luxos mundanos? Nada disso Mussoline admite – e oppôs tenaz e resolutamente, à actual moda feminina, oriunda de uma literatura impudica e perversora, a *moda nacional* – o traje decente, sobrio, honesto e proprio de um povo que sabe e quer guardar indeleveis as honrosas e nobilitantes tradições da civilização christã.²²⁴

O alvo do discurso moralista era quase sempre o sexo feminino. Nas ocasiões em que o jornal publicava reclamações de cenas “despudoradas” protagonizadas por casais, em praias, bordéis ou vias públicas, eram elas que recebiam as repreensões mais severas, embora transparecesse nestas censuras a ambiguidade da condição de culpada e vítima. A vulnerabilidade feminina, que tornava a mulher mais suscetível a sucumbir aos prazeres mundanos, servia de argumento para que ela fosse tutelada pelo homem, pela Igreja e pelo Estado.

Os direitos sociaes da mulher – esposa e mãe – regulados pelas doutrinas revolucionarias do bolchevismo, através da literatura internacional e corruptora, são uma mentira. A moda à *Garçonne* – provocação do sensualismo, da luxuria, do prazer da carne – é um crime, um innominavel crime contra a familia, contra a sociedade.²²⁵

Segundo o diário, a mulher deveria realizar-se plenamente no ambiente doméstico ou em obras pias coordenadas pela Igreja, como a Liga das Senhoras Católicas e o Dispensário dos Pobres. Tentativas de conquistas para além deste espaço eram rebatidas.

²²⁴ A moda nacional. *O Nordeste*. Fortaleza/CE, 11 abr. 1927, p.4.

²²⁵ Miss Italia... *O Nordeste*. Fortaleza/CE, 09 set. 1929, p.1.

A hostilidade que a folha nutria pelo modelo político estadunidense teve desdobramento no campo da moralidade. O vespertino lamentava o ávido interesse com que a imprensa cearense e seus leitores acompanhavam o concurso de beleza Galveston, no Texas, no ano de 1929, relatando-o de forma pormenorizada, fazendo com que *O Nordeste* questionasse o nível de seriedade do periodismo local por dedicar grandes espaços a notícias triviais.

Em Fortaleza, era comum que as revistas acompanhadas pelo público feminino promovessem concursos de beleza temáticos. As competições estéticas punham em vista a admiração dos atributos físicos, da graciosidade feminina, do esmero em acompanhar as modas, ou seja, envolviam uma série de valores que destoavam da imagem tradicionalmente cultivada pela Igreja Católica da mulher sóbria, recatada e dedicada ao lar. Na página feminina, editada semanalmente por *O Nordeste*, havia lugar apenas para receitas culinárias, orações e contos literários com temática religiosa, que exaltavam virtudes como o recato, a obediência, a submissão e a piedade.

Ressalte-se que a maioria das jovens que estavam inseridas nesse contexto de consumo e exibição admoestado pela gazeta eram filhas da elite.²²⁶ Mais uma vez a Itália aparece como modelo de reação aos hábitos modernos ao não enviar nenhuma representante para Galveston:

[...] Ha, no entanto, mesmo no Velho Mundo, patrias que não se deixam empolgar pelas idéas mundanas dos “yankees”. É bem significativa a excepção que se verifica. Ao Texas, apontaram ha pouco, as “miss” europeias, menos a italiana...Italia, patria encantadora de filhos prodigiosos em todas as manifestações da Arte, sacudistes, com encantamento, a vaidade que perturba a vista de gente menos seria. A belleza admiravel de tuas filhas não precisa de cotejo, não necessita de exhibicionismos[...]²²⁷

Junto com o combate às condutas que julgavam impróprias, condenou-se a imprensa como meio de divulgação e até de incitação às referidas práticas. Atribuiu-se aos veículos de comunicação a culpa por parte da decadência moral em curso. A má influência recaía principalmente sobre os jovens leitores. Em fevereiro de 1925, a gazeta reproduziu declarações de um parecer científico, emitido por Alfred Foullié, sobre as razões do aumento da

²²⁶ SILVA, *op.cit.*, p. 15

²²⁷ Miss Italia... *O Nordeste*. Fortaleza/CE, 09 set. 1929, p.1.

criminalidade, que a atribuía ao consumo de bebidas alcoólicas, à neutralidade religiosa da instrução pública e à liberdade irrestrita da imprensa.²²⁸

Dada a influência que o diário atribuía aos meios de comunicação sobre o público leitor, o mesmo exigia que a administração pública fiscalizasse com rigor o exercício do jornalismo. Constava entre os objetivos e compromissos públicos do jornal o papel de orientar a opinião pública.

Entre as várias análises, é mister assinalar, com a prioridade, a tendência a uma concepção **moral** da **Imprensa Católica**, na qual o múnus do jornalismo seria marcado, notadamente, pela tarefa de sanear os costumes ou sustentá-los nos quadros e nos princípios da ética cristã. Possuindo embora os seus aspectos positivos indiscutíveis, o desvirtuamento dessa concepção da **Imprensa Católica** pode descambar para um **moralismo** fácil e sem fundamento [...] ²²⁹

Embora a legislação brasileira contemplasse instrumentos e dispositivos de censura à imprensa, o vespertino católico defendia medidas mais duras contra a liberdade de expressão e cobrava do poder público maior rigor em papel de regulador, fiscalizador e repressor da mesma. Mais uma vez a referência à experiência italiana servia de ensejo para repreender o governo brasileiro pela forma como conduzia a questão.

[Mussolini] Quer o bem da patria em todas as suas manifestações – sobretudo o bem moral, sem o qual nenhum bem valerá coisa alguma. Um dos seus ultimos gestos é destes que revelam e definem um homem. Mandou baixar ordens para a imprensa não explorar os chamados crimes passionaes e sensacionaes – ah! um Mussolini no Brasil! – devendo publicá-los seccamente, narrando apenas os factos sem os commentar de modo a impressionar a imaginação e suscitar novos crimes.²³⁰

A matéria acima relatou o caso do jornal *Popolo d'Italia*, que, por ter noticiado um assassinato familiar seguido de suicídio, teria sido suspenso por Mussolini, a despeito de pertencer a um irmão do *Duce*. O empenho do *Fascio* em controlar rigorosamente os meios de comunicação extrapolava o desejo de

²²⁸ A imprensa e a criminalidade. *O Nordeste*. Fortaleza/CE, 07 fev. 1925, p.1.

²²⁹ LUSTOSA, *op. cit.*, p.28.

²³⁰ Notas e fatos – Justiça que não recua. *O Nordeste*. Editorial. Fortaleza/CE, 13 jan. 1929, p.1.

censurar a informação, intentava, acima de tudo, apropriar-se-lhe e ressignificá-la como instrumento de propaganda e formação.

As interdições impostas pelos códigos da religião nem sempre venciam o desejo de inserção de comportamento. As campanhas morais promovidas pela ação católica pareciam, antes de tudo, destinadas a disciplinar a própria comunidade de fiéis. A leitura do jornal *O Nordeste* acerca da (i)moralidade ultrapassava a dimensão do foro privado. Era fundamentalmente uma questão política, uma crítica à postura do Estado no sentido de elevar aquilo que o discurso religioso qualificava como imoral ao *status* de ilegal.

3.3 - "Remédios e venenos" – Educação

"Estamos no seculo das luzes é certo; mas o diabo é que está de posse da lanterna!"²³¹

Andrade Furtado

A educação foi um tema amplamente debatido pelos segmentos católicos na década de 1920, norteados pelo desejo de fortalecer o ensino confessional e combater a escola leiga. O Papa Pio XI dedicou à questão uma encíclica em 1929, *Divinus Illius Magistri (Acerca da Educação da Juventude)*. De acordo com as diretrizes traçadas pelo Vaticano, o ensino deveria ser provido conjuntamente pela família, pelo Estado e pela Igreja. Tendo em vista o fato de que a unidade familiar não dispunha de meios suficientes para proporcionar a instrução à sua prole, deveria repassar essa missão ao Estado. Pio XI defendia a associação entre a autoridade temporal e o poder eclesiástico para organizar a educação da juventude, ambos independentes, mas parceiros. Ao poder civil cabia assegurar o ensino formal, sob condição de que dele não excluísse a doutrina cristã.

[...] o próprio Deus fez a Igreja participante do magistério divino e, por benefício seu, imune de erro; por isso é ela mestra suprema e seguríssima dos homens, e lhe é natural o inviolável direito à liberdade de magistério. E por necessária consequência a Igreja é independente de qualquer autoridade terrena, tanto na origem como no exercício da sua missão educativa, não só relativamente ao seu próprio objecto, mas também acerca dos meios necessários e convenientes para dela se desempenhar.²³²

Adotando uma postura amistosa, mas firme, o Sumo Pontífice se prontificava a colaborar com a autoridade civil, embora deixasse claro que a Igreja era soberana em relação ao Estado no tocante à questão. Sintonizados com as diretrizes do Vaticano, os grupos católicos do Ceará que defendiam a bandeira da educação religiosa amalgamaram em seus argumentos em favor do ensino confessional elementos de ordem doutrinária, mas com um forte

²³¹ FURTADO, op.cit., p.16.

²³² PIO XI. *Carta Encíclica Divinus Illius Magistri*, 1929. Disponível em: http://www.vatican.va/holy_father/pius_xi/encyclicals/documents/hf_p-xi_enc_31121929_divini-illius-magistri_po.html. Acessado em 09.04.2012.

apelo pragmático, insistindo em demonstrar que o catecismo integrado ao ensino oficial se converteria em benefício prático para o país.

[...] sem a recta instrução religiosa e moral, como sapientemente adverte Leão XIII, "toda a cultura dos espíritos será doentia: os jovens sem o hábito de respeitar a Deus não poderão suportar disciplina alguma de vida honesta, e acostumados a não negar jamais coisa alguma às suas tendências, facilmente serão induzidos a perturbar os estados.

²³³

Pio XI insistia na ideia, amplamente reproduzida pela militância católica no Brasil, de que a educação religiosa era uma espécie de preparação para o civismo. Segundo o Papa, aqueles que recebiam a instrução do catecismo seriam cidadãos pacíficos, obedientes à lei e ao princípio da autoridade. Na encíclica, rememorou um milenar compromisso da Igreja Católica com a educação e a cultura, no campo da literatura, da filosofia, das artes, na disseminação do conhecimento e na conservação da cultura clássica, elementos que credenciavam a instituição a interferir nas discussões em torno da temática educacional.

Circe Bittencourt destaca a participação de representantes católicos nos debates sobre a educação realizados na década de 1920, inclusive na fundação da Associação Brasileira de Educação, em 1924.²³⁴ No Ceará, assim como em todo o Brasil, era grande o empenho dos segmentos católicos, notadamente da imprensa, para que a religião católica pudesse ser incorporada pelo currículo da rede oficial de ensino. A ação católica, pelo menos aquela na qual estava inserido *O Nordeste*, parecia centrada essencialmente na palavra escrita, convicção expressa na crença de uma redenção dos males da Nação pelo catecismo no banco escolar, na diligência na difusão da "Boa Imprensa", na condenação dos "maus escritos", nos lamentos pela má influência da literatura dita licenciosa e subversiva e no constante apelo em prol da erradicação do analfabetismo e da massificação do acesso ao ensino. A escola, nos moldes propostos pela Igreja, era um potencial complemento ao

²³³ *Idem.*

²³⁴ BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. *Pátria, civilização e trabalho – o ensino de História nas escolas paulistas (1917-1939)*. São Paulo: Edições Loyola, 1990, p. 23.

púlpito. O desafio era apropriar-se de uma estrutura laicizada para lhe dar uma feição católica.

Porta-voz oficioso da ação católica no Ceará, *O Nordeste* dedicava generosa parte de seus textos ao debate educacional. Como suas referências aos estrangeiros eram recortadas a partir dos temas que lhe eram caros, o mesmo aconteceu com relação ao fascismo e à educação. Um dos passos mais importantes dados pelo governo de Mussolini em direção à concordata política com o Vaticano, formalizada em 1929, foi a introdução do ensino religioso na rede pública de instrução, ainda nos primeiros anos do *Fascio*. Pouco menos de seis meses após chegar ao poder, a reintrodução do catecismo escolar na Itália já ganhava destaque no vespertino cearense.

A militância católica propugnava que os ensinamentos da Igreja não poderiam estar restritos ao espaço dos templos. Havia um desejo de adentrar os espaços institucionais e cristianizá-los.

Agora mais, na Italia, nação das mais cultas da Europa, o primeiro-ministro, sr. Benito Mussolini, autorizou ao Arcebispo de Milão a elaborar um catecismo que será adoptado nas escolas primarias daquelle país. [...] Evite a Patria, em tempo, a intoxicação dos venenos que as doutrinas desvairadas inoculam n'alma do povo.²³⁵

Um dos argumentos empregados pelo diário para detratar o ensino leigo era a refutação da ideia de neutralidade. Julgava que nenhuma instituição estava isenta de influências ideológicas. A escola carregava consigo uma ambivalência: poderia transformar positivamente uma Nação ou levá-la à ruína, ideia sintetizada em uma frase proferida pelo Barão de Studart, médico e intelectual católico: “a escola é uma officina aparelhada ou de remédios que salvam ou de tóxicos que matam: - amanhã remédios e venenos produzirão os seus efeitos.”²³⁶ O ensino era pensado a partir da dicotomia degeneração x regeneração social. Dessa convicção vinha o temor da disseminação de correntes antagônicas à doutrina cristã (comunismo e positivismo) no espaço escolar.

O diferencial da educação católica era não se limitar a instruir. As classes mais desfavorecidas, tradicionalmente excluídas pelo sistema público

²³⁵ O ensino do Catecismo e as Escolas Publicas. *O Nordeste*. Fortaleza/Ce, 21 abr. 1923, p.1.

²³⁶ *O Nordeste*. Fortaleza/Ce, 06 nov. 1925, p.1.

de instrução, deveriam receber uma atenção maior, uma vez que as doutrinas subversivas poderiam emulá-las a se revoltar contra sua condição material.

Uma das estratégias do jornal consistia em estampar na sessão de frases da primeira página pensamentos de intelectuais, muitos dos quais signatários de doutrinas anticlericais, com o propósito de demonstrar que os homens de letras e das ciências reconheciam a importância da missão pedagógica do clero católico.

Ainda que protestante, penso como os catholicos, que é impossivel uma bôa educação moral da mocidade sem o ensino religioso. Foi um erro funesto secularizar as escolas, de forma a torna-las fóco de impiedade e irreligião.²³⁷

Durante os debates da revisão constitucional em 1925, foi intensa a movimentação em torno das emendas católicas. O deputado Francisco Campos era um dos maiores articuladores do projeto. Pelo seu público engajamento, a redação da gazeta enviou telegramas de congratulações ao parlamentar.²³⁸

Redacção do jornal O NORDESTE honra-se de apresentar a v. exc. inteiro apoio às idéas expendidas em sua brilhante entrevista sobre a reforma da Constituição. Publicámos em sua integra esta peça de alto descortino politico e social. Realmente, ha de ser pelo reconhecimento dos direitos de nossa Religião e pela educação baseada no ensino confessional que nossa grande patria ha de assumir a posição que lhe compete entre as maiores potencias catholicas no mundo.²³⁹

As potências católicas às quais o jornal se referia diziam respeito novamente à Itália, Espanha e Portugal. Pleiteava o vespertino um modelo de desenvolvimento social semelhante ao instituído pelos países católicos europeus de maior visibilidade política.

Com relação às emendas religiosas, estabeleciam o catolicismo como religião oficial do país e introduziam o ensino da doutrina católica no currículo escolar a título de formação moral. Na legislação republicana, o catecismo não

²³⁷ *O Nordeste*. Fortaleza/Ce, 27 jan. 1925, p.1.

²³⁸ Foi por intermédio de Campos que o ensino religioso foi instituído nas escolas públicas em 1931. BITTENCOURT, *op. cit.*, 44.

²³⁹ A victoria dos ideaes christãos – Na reforma da Constituição, a religião catholica será considerada a religião do povo brasileiro. *O Nordeste*. Fortaleza/Ce, 22 mai. 1925, p.1.

era *proibido* nos estabelecimentos oficiais, mas também não era *obrigatório* (como aspirava a Igreja) e não podia ocupar o espaço reservado às outras disciplinas escolares, o que na prática dificultava sua implementação. Os defensores das emendas sustentavam serem estas medidas inofensivas à minoria que não professava o credo romano, mas se ressentiam das disposições contrárias, as quais atribuíam a um complô anti-cristão.

No Brasil, parecia ser relativamente raro uma autoridade pronunciar-se publicamente em defesa das demandas católicas. No fascismo, o interesse em estabelecer e manter uma aliança política com a Igreja fazia com que membros do governo se pronunciassem favoravelmente ao catecismo escolar perante a opinião pública, como no caso do Ministro da Instrução Pública Pietro Fedele.

Nós, queremos que o sentimento religioso e a fé dos nossos paes penetrem e dêem côr a toda obra escolar. Nós queremos que a palavra divina de Jesus passe sobre as almas jovens, deixando nellas a semente das verdades immortaes e dando-lhes aquelle sentimento admiravel que as eleve acima das miserias humanas e das humanas paixões. A introdução do ensino religioso nas escolas publicas, proposta pelo governo, não é um acto de politica nem uma medida de policia, mas o *proposito sincero de reavivar na alma do povo os valores espirituaes*.²⁴⁰

O discurso do ministro destoa dos argumentos mais frequentemente acionados para justificar a presença do catecismo católico no espaço escolar, que apelavam para a moral, a manutenção da ordem e até para a segurança nacional. Reavivava um purismo e um tributo às tradições religiosas, que se perdiam até mesmo no discurso católico moderno, que, mesmo defendendo, o sagrado apoiava-se no pragmatismo e no racional. Em 1927 foi realizado em Roma o Quarto Congresso Internacional de Educação Leiga, que, segundo um periódico católico local, fora organizado por uma coalizão maçom-protestante. Na qualidade de representante do governo italiano, falou o reitor da Universidade de Pádua, que destoou do propósito da conferência e saiu em defesa do catecismo.

O governo italiano considera como unica forma possivel de moral aquella que Jesus Christo nos deu no Evangelho a qual

²⁴⁰ O que sobre o ensino religioso diz, no Senado italiano, em fevereiro deste anno, o ministro da instrucção publica, o sr. Prof. Fedele. *O Nordeste*. Fortaleza/Ce, 12 jan. 1926, p.2. Grifo no original.

nos é indicada desde os dez mandamentos até o Catecismo, na interpretação, tradição e doutrina catholicas. Levado por esta convicção, o governo nacional introduziu o ensino obrigatorio da Religião Catholica nas escolas não só por ser de maximo valor tradicional para os italianos, mas tambem por ser o unico meio pelo qual a moral – a mais alta cultura desejada pelo Estado – penetra as massas e as instrue sobre os seus deveres mais sublimes.²⁴¹

A fala do reitor evoca a tradição religiosa como elemento legitimador do ato político. Para amparar a parceria, reiterava a ideia da religião como detentora do monopólio da moral e fomentadora do civismo, essencial em uma doutrina que pretendia disciplinar as massas, unir as classes produtivas e governar apoiada em elevado índice de consenso, como era pretensão do fascismo. Mas a parceria entre a Igreja e a ditadura italiana na década seguinte sofreu alguns revezes, visto que esta almejava monopolizar ideologicamente a instrução da mocidade.²⁴²

A imprensa era parte importante da ação em defesa do catecismo escolar não apenas como divulgadora do projeto, mas igualmente como agente na disseminação de leituras. Segundo o Papa Pio XI, a ligação do periodismo com o rebanho católico deveria se estabelecer ainda na infância “pela dificuldade de converter os adultos, a quem preconceitos inveterados deformaram neste particular a consciência.”²⁴³ De acordo com Josênio Parente, a Arquidiocese de Fortaleza tinha planos de organizar no Ceará uma elite intelectual politicamente engajada “para o embate ideológico contra as correntes secularizantes.”²⁴⁴ O objetivo a longo prazo seria preparar a juventude para que, posteriormente, toda uma geração educada sob os princípios do catolicismo pudesse transformar as instituições. A educação religiosa era sugerida como um meio para regenerar e moralizar a juventude. Uma instrução cristã prepararia a mocidade brasileira para perfilar-se na defesa do catolicismo e posteriormente abolir o laicismo oficial.

A justificativa acionada era de que o espaço escolar nos moldes da educação laica corrompia a mocidade. É perceptível certa visão negativa

²⁴¹ Moral única. *O Nordeste*. Fortaleza/Ce, 15 mar. 1927, p.4.

²⁴² PAXTON, *op. cit.*, p.237.

²⁴³ Pio XI e a Imprensa. *O Nordeste*. Fortaleza/Ce, 09 mai. 1928 p.8.

²⁴⁴ PARENTE, Josênio. *A fé e a razão na política: conservadorismo e modernidade das elites cearenses*. Fortaleza: Ed. UFC/UVA, 2000, p. 48.

imposta à escola não-confessional, responsabilizada por parte da crise, mesmo alcançando uma parcela modesta da população brasileira.

A escola leiga e os professores sem consciencia vão devastando cruelmente na alma da juventude brasileira o que ella tem de mais proveitoso de mais estavel e digno – crença. As correntes doutrinarias, cada qual mais extravagante e illogica, vão devorando virtudes e espalhando ruinas por toda a parte. O que os lares edificam as escolas destróem.²⁴⁵

Não reivindicavam os segmentos católicos o monopólio sobre o sistema educacional. Pelo contrário, instavam o poder público a assumir o ônus de coordenar a educação científica e moral em consórcio com a religião. O próprio Andrade Furtado apresentou uma tese no concurso de admissão para lente substituto na Faculdade de Direito do Ceará (no qual obteve aprovação) em que defendia a educação a partir da implementação de uma política de Estado.

Livros miseraveis alastram nos espiritos juvenis lições perniciosas que constituem uma sementeira de péssimos sentimentos.

O que será uma sociedade onde predomina uma instrução baseada em taes fundamentos, não é possível saber-se.

É claro pois, que ao Estado compete estatuir-se e manter um systema de educação capaz de collocar a sociedade a salvo dos males funestissimos de uma instrução deshonestas e indigna, abandonada aos interesses sordidos de individuos sem principios , e por isso ainda, sem responsabilidade.

Paralelamente ao projeto de universalizar o catecismo escolar, a Igreja mantinha sua própria rede de ensino, agregando escolas pagas e beneficentes. Em Fortaleza, as Irmãs de Caridade e as Dorotéias zelavam por duas instituições femininas, enquanto os Maristas administravam um estabelecimento para a juventude masculina. A escola Pio X era mantida pelos Capuchinhos para alunos pobres de ambos os sexos. A Sociedade São Vicente de Paulo, o Círculo São José e a União dos Moços também dispunham de unidades para instruir os mais carentes.

Era desejo da Igreja que a institucionalização do ensino religioso se efetivasse em todo o território nacional. Nesse sentido, na década de 1920, as conquistas mais significativas aconteceram em nível estadual. O presidente de

²⁴⁵ A educação da mocidade. *O Nordeste*. Fortaleza/Ce, 29 jun. 1928, p.49.

Minas Gerais, Antônio Carlos, introduziu o catecismo na grade curricular do ensino público daquele estado, e, segundo o jornal, foi seguido pelo fluminense Manuel Duarte e pelo cearense Matos Peixoto.

O aparelhamento do sistema público de ensino se configura como espaço de disputas, no dizer de Foucault, “todo sistema de educação é uma maneira política de manter ou de modificar a apropriação dos discursos, com os saberes e os poderes que eles trazem consigo.”²⁴⁶ Era visível a insistência da Igreja em adentrar o espaço escolar e direcionar a educação da juventude. Mais ainda, colocava a universalização do ensino religioso como solução para uma série de problemáticas modernas. Embora os segmentos católicos dedicassem larga atenção aos fiéis adultos, através da imprensa e do associativismo leigo, era a instrução da juventude um dos principais pontos a serem alcançados. Tutelar a educação dos jovens era um caminho longo, mas seguro para ampliar a presença da Igreja no campo institucional.

²⁴⁶ FOUCAULT, *op. cit.*, p. 40.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em meio aos intensos debates e embates ideológicos do período, o meio de comunicação foi um importante espaço de luta política. Na imprensa, ficou evidenciado o protagonismo do elemento leigo. Foi o periodismo um dos núcleos que tiveram maior grau de autonomia dentro da ação católica. Os dois maiores jornais não estavam sob a direção direta de clérigos, ao contrário do que acontecia com o movimento de mulheres e trabalhadores.

O caráter informativo da publicação ficava em segundo plano diante de seu propósito de defender o programa de ação católica. O jornal se propunha a orientar, educar, repreender, moralizar e corrigir. A imprensa era pensada a partir de sua dupla e ambígua condição: culpada por parte dos males que afligiam a sociedade e instrumento para combatê-la. *O Nordeste* foi destaque no cenário do jornalismo confessional nacional. A gazeta lamentava (e orgulhava-se) de, em fins dos anos 1920, ser o Ceará o único estado brasileiro onde a imprensa católica estava consolidada, à frente inclusive, dos grandes centros do país, por ter um diário católico de grande circulação.

As questões defendidas pela folha foram abordadas de forma incessante, persistente e até mesmo repetitiva. Temas como a moralidade, a educação, o anticomunismo e o laicismo nunca saíram da pauta do jornal durante o período tratado nesta pesquisa. A recursividade era uma característica marcante no trato com estes tópicos.

A inserção da Igreja no mundo da política, primeiramente, um projeto para se reaproximar de seu rebanho e de seu clero. A importância das primeiras décadas do século XX reside no fato de que elas foram fundamentais para esta reorganização interna e disciplinarização de seu quadro de fiéis.

A circularidade dos debates era intensa e perene, de forma que as discussões em nível local articularam-se no contexto global. A estratégia para formação de um movimento leigo atuante era consistente e articulada, direcionada a um público heterogêneo, abarcando vários segmentos de todas as camadas sociais. Investiu na mulher, para influenciar o espaço doméstico; na juventude, almejando preparar as futuras gerações nos moldes católicos;

congregou operários para afastá-los da esquerda; arregimentou a intelectualidade, transformando-a em zelosa propagandista da causa.

Junto ao Estado se esquivou do enfrentamento direto e da política partidária. O trabalho era nacional, mas seu êxito dependia do engajamento da comunidade católica local (leigos e clero). Adota a cautela no campo da crítica política. Faz críticas genéricas, não só pela política de conciliação com o governo estadual, mas porque seu programa de reforma política não se limitava ao Ceará. Trabalho lento, mas vigoroso, que culminou nos ganhos políticos da década de 1930, no governo Vargas, sendo o maior deles o retorno do catecismo na rede oficial de ensino. Na nova conjuntura política pós-Revolução de 1930, alguns jornalistas de *O Nordeste*, como Andrade Furtado e Luís Sucupira exerceram funções públicas importantes.

O tempo de mudança do pensamento conservador obedece a uma dinâmica particular, o que não significa que este não assimilava transformações. A Igreja também mostrou plasticidade ao redirecionar seu posicionamento conforme as contingências do momento, como no caso do sufrágio feminino. De início, a inserção da mulher no mundo da política foi duramente criticada. Quando a cidadania política foi estendida às mulheres em 1932, após décadas de luta do movimento feminista, a Igreja canalizou o voto das fiéis para fortalecer a Liga Eleitoral Católica nas eleições para a Assembléia Constituinte em 1934.

A manipulação do binômio transformação x conservação não era de todo isento de contradições. Propunha *O Nordeste* uma reforma política e social profunda para o país, mas que paradoxalmente, resgatava valores tradicionais como componentes desta mudança.

O autoritarismo foi um elemento presente em muitas correntes ideológicas no alvorecer do século XX no Brasil. Para o caso dos segmentos católicos, a posposta era promover um fortalecimento do princípio da autoridade como forma de manter a estabilidade social.

Se o comunismo já preocupava, à época do lançamento da *Rerum Novarum*, a experiência russa de 1917 multiplicou esse temor. O que antes era uma ameaça hipotética, tornou-se real. As massas eram temidas, precisavam ser tuteladas. Era o comunismo a "semente da desordem" contra qual lutava a Igreja, que ameaçava desorganizar a propriedade, o Estado e a religião.

Foi o Ceará um dos lugares em que o integralismo teve mais força, com ligação com os católicos. Severino Sombra, um dos articuladores dos camisas-verdes no estado, foi colaborador de *O Nordeste* e líder da Legião Cearense do Trabalho, uma das instituições operárias da ação católica cearense.

O fascismo atraiu muitos, ainda mais no período em que as opções pareciam reduzir-se a ele e ao comunismo. A opinião que emitia a respeito do fascismo era fruto do acompanhamento diário das ações cotidianas daquela experiência política, não por um programa coerente, previamente definido por parte da ditadura italiana.

Sem embargo, *O Nordeste* estava longe de ser um jornal fascista. Fazia-lhe apologia guiado por uma admiração genuína, mas acima de tudo pela conveniência política. Rompeu definitivamente com o *Duce* em 1942, quando o Brasil declarou guerra ao Eixo, e por tabela, à Itália.

Não era o fascismo, a monarquia ou a república, nem qualquer sistema de governo em particular estava na predileção da Igreja ou de sua imprensa. A luta era direcionada contra o laicismo, a neutralidade religiosa e a favor de um bom relacionamento com a Igreja.

LISTA DE FONTES

JORNAIS:

O Nordeste (1922, 1923, 1924, 1925, 1926, 1927, 1928, 1929, 1930)

O Correio Ecclesiástico (1913, 1915)

O Correio do Ceará (15 mar. 1928)

LIVROS:

BRASIL, Thomaz Pompeu de Sousa. 1926 *O Ceará no centenário da independência do Brasil*, v. 2. Fortaleza: Tipografia Minerva, 1926.

CARDOSO, Vicente Licínio. *À margem da História da República*. Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 1981.

LOMBAERDE, Júlio Maria de. *A Igreja e a República*. Brasília: Ed. UNB, 1981

DISCURSOS:

BERNARDES, Artur. Novo manifesto de Bernardes à Nação. In: BONAVIDES, Paulo. AMARAL, Roberto. *Textos políticos da história do Brasil – República: Primeira República (1889-1930)*. Brasília: Senado Federal, 2002, pp.919-920

STUDART, Guilherme. Jesus e Jesuitismo. In: MONTENEGRO, João Alfredo de Sousa. *O trono e o altar – as vicissitudes do tradicionalismo católico: 1817-1978*. Fortaleza: BNB, 1992, p. 133-134.

ALMANAQUES:

Almanach estatístico, administrativo, mercantil, industrial e literário do Estado do Ceará. Fortaleza: Typ. Minerva (1920, 1921, 1922, 1924)

CARTAS ENCÍCLICAS

LEÃO XIII. *Carta Encíclica Rerum Novarum*, 1891. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

PIO XI. *Carta Encíclica Quas Primas*, 1925. Disponível em:

http://www.vatican.va/holy_father/pius_xi/encyclicals/documents/hf_p-

xi_enc_11121925_quas-primas_sp.html (em espanhol). [Acessado em 05 ago. 2011].

PIO XI. *Carta Encíclica Ubi Arcano dei Consilio*, 1922. Disponível em: http://www.vatican.va/holy_father/pius_xi/encyclicals/documents/hf_p-xi_enc_19221223_ubi-arcano-dei-consilio_it.html (em italiano). [Acessado em 05 ago. 2011]

PIO XI. *Carta Encíclica Divini Illius Magistri*, 1929. Disponível em: http://www.vatican.va/holy_father/pius_xi/encyclicals/documents/hf_p-xi_enc_31121929_divini-illius-magistri_po.html. Acessado em 07 ago. 2011]

FONTES ESTATÍSTICAS

NERI, Marcel Côrtes. *Novo mapa das religiões*. Rio de Janeiro: FGV/CPS, 2011, p.7. Disponível em: http://www.cps.fgv.br/cps/bd/rel3/REN_texto_FGV_CPS_Neri.pdf. [Acessado em 03 ago. 2012].

ARTIGOS DE REVISTAS

MENESES, Vladir. Júlio de Matos Ibiapina. *Revista do Instituto Histórico do Ceará*. Fortaleza. Tomo CIV, 1990, pp.185-193.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Cláudio Aguiar. A Igreja e o Cinema "Vozes de Petrópolis", "A Tela" e o jornal "A União" entre 1907 e 1921. In: CAPELATO, Maria Helena (Org.). *História e cinema: dimensões do audiovisual*. São Paulo: Alameda Editorial, 2011.

ANDRADE, Maria Lucélia de. *"Filhas de Eva como anjos sobre a Terra": a Pia União das Filhas de Maria em Limoeiro (1915-1945)*. Dissertação (Mestrado) em História Social. Universidade Federal do Ceará. Departamento de História, Fortaleza, 2008.

ANDRADE, Paes; BONAVIDES, Paulo. *História Constitucional do Brasil*. Porto: Universidade Portucalense, [s.d.]

AGGIO, Alberto; LAHUERTA, Milton (Org.) *Pensar o século XX*. São Paulo: Ed. UNESP, 2003.

BARBOSA, Marialva. *História cultural da imprensa no Brasil: 1900-2000*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007

BEIRED, José Luís Bendicho. *Sob o signo da nova ordem: intelectuais autoritários no Brasil e na Argentina*. São Paulo: Loyola, 1999.

BERTONHA, João Fábio. *Sob a sombra de Mussolini: os italianos de São Paulo e a luta contra o fascismo (1919-1945)*. São Paulo: FAPESP: Annablumme: 1999.

_____. *O fascismo e os imigrantes italianos no Brasil*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. *Pátria, civilização e trabalho – o ensino de História nas escolas paulistas (1917-1939)*. São Paulo: Edições Loyola, 1990.

BOBBIO, Norberto; MATEUCCI, Gianfranco Pasquino. *Dicionário de política*. Brasília: Ed. UNB, 2010.

CAPELATO, Maria Helena; PRADO, Maria Lígia. *O bravo matutino: imprensa e ideologia – o jornal "O Estado de São Paulo"*. São Paulo: Alfa & Ômega, 1980.

CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. *Minorias silenciadas: história da censura no Brasil*. São Paulo: Edusp, 2002.

CARONE, Edgar. *A República Velha II: evolução política*. São Paulo: Difel, 1974.

_____. *Revoluções do Brasil contemporâneo (1922-1938)*. São Paulo: Ed. Ática, 1989, pp. 32-35.

CARVALHO, José Murilo de. *Cidadania no Brasil: o longo caminho*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

_____. José Murilo de. *Forças Armadas e política no Brasil*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

CATROGA, Fernando. *Entre deuses e césores secularização, laicidade e religião civil: uma perspectiva histórica*. Coimbra: Almedina, 2006.

CERVO, Amado Luiz. *As relações históricas entre o Brasil e a Itália: o papel da diplomacia*. Brasília: Editora Universidade de Brasília; São Paulo: Instituto Italiano di Cultura, 1992.

COUTROT, Aline. Religião e política. In: REMOND, René (Org.) *Por uma História Política*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1996.

CUNHA, Maria Clementina Pereira da. *Ecoss da Folia: uma história social do carnaval carioca entre 1880-1920*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

DE FELICE, Renzo. *Explicar o fascismo*. Lisboa: Edições 70, 1976.

DIAS, Romualdo. *Imagens da ordem – A doutrina católica sobre autoridade no Brasil. 1922-1933*. São Paulo: Unesp, 1996.

FALASCA-ZAMPONI, Simonetta. Fascismo e estética. In: PARADA, Maurício. *Fascismo conceitos e experiências*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2008.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. São Paulo: Edições Loyola, 2009.

FURTADO, Tânia Cristina Tavares de Andrade. *O Nordeste: trajetória de um jornal católico*. Monografia (bacharelado em comunicação social da UFC) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 1990.

GIRÃO, Raimundo; SOUSA, Maria da Conceição. *Dicionário da Literatura Cearense*. Fortaleza: IOCE, 1987.

_____. *História econômica do Ceará*. Fortaleza: UFC, 2000, pp.442-446.

GIRARDET, Raoul. *Mitos e mitologias políticas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

GONÇALVES, Adelaide. SILVA, Jorge E. *A imprensa libertária do Ceará – 1908-1922*. São Paulo: Imaginário, 2000.

HERMAN, Jacqueline HERMANN. Religião e política no alvorecer da República: os movimentos de Canudos, Juazeiro e Contestado. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, NEVES, Lucília de Almeida. *História do Brasil Republicano. v:1 O tempo do liberalismo excludente – da Proclamação da República à Revolução de 1930*. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 2003.

HOBBSAWM, *A era dos extremos: breve século XX*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

INCISA, Ludovico. Corporativismo. In: BOBBIO, Norberto; MATEUCCI, Gianfranco Pasquino. *Dicionário de política*. Brasília: Ed. UNB, 2010.

KONDER, Leandro. *Introdução ao fascismo*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

LAHUERTA, Milton. O século brasileiro: autoritarismo, modernização e democracia. In: AGGIO, Alberto; LAHUERTA, Milton (Org.) *Pensar o século XX*. São Paulo: Ed. UNESP, 2003.

LAMOUNIER, Bolívar. Formação de um pensamento político autoritário na Primeira República: uma interpretação. In: FAUSTO, Boris (Org.). *História Geral da Civilização Brasileira (tomo III, Brasil Republicano, v.IV)*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

LUSTOSA, Oscar de Figueiredo. *A Igreja Católica no Brasil República: Cem anos de compromisso: (1889-1989)*. São Paulo: Ed. Paulinas, 1991.

_____. *Os bispos do Brasil e a imprensa*. São Paulo: Edições Loyola, 1983.

_____. *A presença da Igreja no Brasil – História e problemas: 1500-1968*. São Paulo: Giro, 1977.

MANN, Michael. *Fascistas*. Rio de Janeiro: Record, 2008.

MARIÁTEGUI, José Carlos. PERICÁS, Luiz Bernardo (Org.). *As origens do Fascismo*. São Paulo: Alameda, 2010.

MEDEIROS, Fernando Antônio Mesquita de. *O homo inimicus: Igreja católica, ação social e imaginário anticomunista em Alagoas*. Maceió: EDUFAL, 2007.

MICELI, Sergio. *A elite eclesiástica brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

_____. *Intelectuais à brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

MIRANDA, Júlia. *O poder e a fé: discurso e prática católicos*. Fortaleza: UFC, 1987.

MONTENEGRO, Abelardo Ferreira. *Os partidos políticos do Ceará*. Fortaleza: UFC, 1980,

MONTENEGRO, João Alfredo de Sousa. *O trono e o altar – as vicissitudes do tradicionalismo católico: 1817-1978*. Fortaleza: BNB, 1992.

_____. *Evolução do catolicismo no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1972.

_____. *O Integralismo no Ceará: variações ideológicas*. Fortaleza: Secretaria de Cultura do Estado, 1986.

MOTA, Arnaldo. *História política do Ceará: 1889-1930*. Fortaleza: Stylus Comunicações, 1987.

MOURA, Sérgio Lobo de. e ALMEIDA, José Maria Gouvêa de. A Igreja na Primeira República. In: FAUSTO, Boris (org.). *História Geral da Civilização Brasileira*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006. Tomo III, 2º Vol, p. 348-370

NOBRE, Geraldo. *Introdução à História do jornalismo cearense*. Fortaleza: NUDOC, 2006.

OLIVEIRA, Lúcia Lippi. *A questão nacional na Primeira República*. São Paulo: Brasiliense; Brasília: CNPq, 1990.

PARADA, Maurício (Org.) *Fascismos: conceitos e experiências*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2008.

PARENTE, Josênio. *A fé e a razão na política: conservadorismo e modernidade das elites cearenses*. Fortaleza: Ed. UFC/UVA, 2000.

_____. *Anauê – os camisas-verdes no poder*. Fortaleza: Ed. UFC, 1986.

PAXTON, Robert O. *A anatomia do Fascismo*. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

PÉCAUT, Daniel. *Os intelectuais e a política no Brasil: entre o povo e a nação*. São Paulo: Ática, 1990

PINHEIRO, Francisco José. O processo de romanização do Ceará. In: SOUSA, Simone (Org.) *História do Ceará*. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha, 1997.

PINTO, José Aloísio Martins. *Serventuários das trevas: os bolcheviques na imprensa católica – 1922-1932*. 2005. Dissertação (mestrado) História Social. Universidade Federal do Ceará.

RÉGIS, João Rameres. *“Galinhas Verdes”: Memórias e História da Ação Integralista Brasileira - Limoeiro - Ceará (1934-1937)*. 2002. Dissertação (Mestrado em História). Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Ceará, Fortaleza.

REICH, Wilhem. *Psicologia de massas do Fascismo*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

- REMOND, René (Org.) *Por uma História Política*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.
- RODRIGUES, Anna Maria Moog (org). *A Igreja na República*. Brasília: Ed. UNB, 1981.
- RODRIGUES, Cândido Moreira. *A ordem: uma revista de intelectuais, 1934-1945*. Belo Horizonte: Autêntica, São Paulo: FAPESP, 2005.
- ROMANO, Roberto. *Brasil: Igreja contra Estado*. São Paulo: Kairós, 1979.
- SACCOMANI, Edda. Fascismo. In: BOBBIO, Norberto; MATEUCCI, Gianfranco Pasquino. *Dicionário de política*. Brasília: Ed. UNB, 2010.
- SANTOS, Chrislene Carvalho dos. *Construção social do corpo feminino (Sobral 1920/1925)*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Pernambuco; Universidade Estadual do Ceará, 2000,
- SANTOS, Jovelina Silva. *Círculos operários no Ceará: "instruindo, educando, orientando, moralizando": (1915-1963)*. 2004. Dissertação (Mestrado) História Social. Universidade Federal do Ceará.
- SASSON, Donald. *Mussolini e a ascensão*. Rio de Janeiro: Agir, 2009.
- SIRINELLI, Jean François. Os intelectuais. In: REMOND, René (Org.) *Por uma História Política*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.
- SOUSA, Jessie Jane Vieira de. *Círculos Operários: A Igreja Católica e o mundo do trabalho*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2002.
- STUDART, Guilherme. *Dicionário Bio-bibliográfico Cearense*. Fortaleza: UFC, 1980.
- TRINDADE, Hélgio. *Integralismo: o fascismo brasileiro da década de 30*. São Paulo: Difel, 1979.
- WIAZOVSKI, Taciana. *O mito do complô judaico-comunista no Brasil - Gênese, difusão e desdobramentos (1907-1954)*. São Paulo: Humanitas, 2008